



Além das xícaras: a construção do Café São Luiz como lugar de memória em Natal
(1950-1980)



AUGUSTO BERNARDINO DE MEDEIROS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS
LINHA DE PESQUISA: II

Além das xícaras: a construção do Café São Luiz como lugar de memória em Natal
(1950-1980)

AUGUSTO BERNARDINO DE MEDEIROS

NATAL
2013

AUGUSTO BERNARDINO DE MEDEIROS

Além das xícaras: a construção do Café São Luiz como lugar de memória em Natal
(1950-1980)

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa II, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior.

NATAL
2013

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial Especializada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
(CCHLA)

NNBSE-CCHLA

Medeiros, Augusto Bernardino.

Além das xícaras: a construção do Café São Luiz como lugar de memória em
Natal (1950-1980)/ Augusto Bernardino de Medeiros – Natal, RN, 2013

120 folhas

Capa: Ilustração de Amâncio, 2003.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Área de Concentração: História e Espaços. Linha de Pesquisa.

1. Cidade – Natal (RN) – Dissertação. 2. Sociabilidade – Dissertação. I. Santiago Júnior, Francisco das Chagas Fernandes. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

RN/ BSE – CCHLA

AUGUSTO BERNARDINO DE MEDEIROS

Além das xícaras: a construção do Café São Luiz como lugar de memória em Natal
(1950-1980)

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela comissão formada pelos professores:

Dr. Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior

Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha.

Dr. Francisco Alcides do Nascimento

Natal, 2013

À Paulo e Ariane, oásis em meio a aridez da estrada.
À meu pai, estrela que guia meus caminhos.
Ao bairro da Cidade Alta em Natal, chão de meus passos.

RESUMO

Esta pesquisa se situa nas discussões que envolvem a relação entre memória, história e espaços. Iremos trabalhar com o Café São Luiz no bairro da Cidade Alta em Natal, um espaço que se mantém aberto e fundado em 1953. O local foi inaugurado no bairro de maior movimentação da década de 1950, uma zona de concentração de comércio e lazer. Pela vontade de memória, o Café São Luiz foi representado por diferentes enunciados, os quais o construíram como espaço que serve de apoio à memória e à identidade de um grupo. Os discursos elaboram o Café São Luiz como um monumento, um lugar de memória, no sentido atribuído por Pierre Nora. Entre esses discursos de construção do Café São Luiz destaca-se o livro de 1982 intitulado *Na Calçada do Café São Luiz* de autoria de José Luiz Silva. Esta pesquisa pretende problematizar a construção do Café São Luiz como lugar de memória, problematizando suas representações, perpassando a autoria dos discursos sobre o lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Café São Luiz- Memória - Natal

ABSTRACT

This research stands in discussions involving the relationship between memory, history and space. We will work with the Café São Luiz in the neighborhood of Cidade Alta in Natal, an place which remains open and founded in 1953. The place was opened in the district of greater movement of the 1950s, a zone of concentration of commerce and leisure. In consequence an impulse of memory, the Café São Luiz was represented by different statements, which they built a space that serves to support memory and identity of a group. The speeches elaborate the Café São Luiz as a monument, a place of memory according to Pierre Nora. Among these discourses of construction of the Café São Luiz stands out the 1982 book titled *Na Calçada do Café São Luiz* by José Luiz Silva. This research aims to discuss the construction of the Café São Luiz as a place of memory, questioning their representations, traversing the authorship of speeches over the place.

KEYWORDS: Café São Luiz – Memory – Natal

AGRADECIMENTOS

Existe um ditado que diz que “a vida é uma longa estrada”, somos viajantes dessa estrada de diferentes estações e experiências que nos deixam marcas que carregamos pelos caminhos. Sem dúvida a produção dessa pesquisa deixará muitas marcas em minha existência e aqui desejo agradecer a todos que contribuíram para sua produção.

Agradeço primeiramente a Deus por tornar possível a caminhada, sem sua proteção acredito que nada seria possível.

À Ariane, minha amada esposa historiadora, companheira de percurso, agradeço pela paciência em me ouvir, pela disposição em ler os textos e pelas trocas de ideias em relação à pesquisa.

À Paulo, meu filho, combustível para a caminhada.

À família, pelo suporte emocional e pelo incentivo mesmo nos momentos mais difíceis do trajeto.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte na figura de seus professores, em especial Durval Muniz de Albuquerque Júnior e Francisco Santiago Júnior, pelo conhecimento adquirido, elemento fundamental para prosseguir.

Ao meu orientador Francisco Santiago Júnior pelo empenho em minha orientação e pela acolhida receptiva mesmo com o percurso em andamento.

À CAPES, por ter financiado essa pesquisa durante os dois anos principais de sua produção.

À todos os entrevistados, frequentadores do Café São Luiz, que se dispuseram a dar sua contribuição, a expor e vasculhar suas trajetórias pessoais, suas marcas e memórias, diante de um jovem pesquisador.

À História, por possibilitar viagens pelo passado com os pés no presente.

Lista de Ilustrações

Figura 01	Mapa das áreas e bairros da Cidade do Natal (1939-1945)	25
Figura 02	O estabelecimento Grande Ponto na década de 1940	35
Figura 03	A Rua João Pessoa e o estabelecimento Grande Ponto	35
Figura 04	Mapa e localização de estabelecimentos no Grande Ponto	39
Figura 05	Publicidade de 1956, Torrefação e Moagem São Luiz	43
Figura 06	Fotografias de inauguração do Posto de Degustação do Café São Luiz em 1953	46
Figura 07	Ambulantes na Avenida Rio Branco, 1985	55
Figura 08	Barracas de Ambulantes na Avenida Rio Branco, 1985	55
Figura 09	Capa do livro Na Calçada do Café São Luiz de 1982	72
Figura 10	Fotografia nas primeiras instalações do Café São Luiz	84
Figura 11	Caricatura de autoria de Amâncio de 2005	90
Figura 12	Imagem de Amâncio, 2003	91
Figura 13	Frequentadores do Café São Luiz em 2012.	97
Figura 14	Foto de lançamento de livro no Café São Luiz	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: O CAFÉ SÃO LUIZ E A CIDADE DO NATAL (1950-1960)	21
1.1 - A CIDADE DO NATAL NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960	21
1.2- O BAIRRO DA CIDADE ALTA, O CENTRO DA CIDADE	24
1.2.1- Cidade Alta: centro de serviços, comércio e lazer	24
1.2.2 - O Grande Ponto	33
1.3 - A INAUGURAÇÃO DO CAFÉ SÃO LUIZ	40
1.3.1 - A indústria e o proprietário	40
1.3.2 - A notícia da inauguração do Café São Luiz	44
CAPÍTULO 2: O CAFÉ SÃO LUIZ NA PAISAGEM DA SAUDADE	48
2.1 - A CIDADE DO NATAL E SUAS CONFIGURAÇÕES ESPACIAIS (1970-1980)	48
2.2 – O BAIRRO DA CIDADE ALTA (1970-1980)	52
2.2.1 – ENTRE CAMELÔS E LOJISTAS: O CENTRO DA CIDADE COMO UM ESPAÇO DE DISPUTAS	52
2.2.2 – OS OUTROS SIGNIFICADOS DO GRANDE PONTO	58
2.3 - O CAFÉ SÃO LUIZ COMO HERDEIRO DO GRANDE PONTO	64
CAPÍTULO 3: O CAFÉ SÃO LUIZ, SÍMBOLO DE MEMÓRIA	67
3.1 – O LIVRO NA CALÇADA DO CAFÉ SÃO LUIZ	67
3.2 – O CAFÉ SÃO LUIZ, SUAS REPRESENTAÇÕES E REGISTROS	86
3.3 - O CAFÉ SÃO LUIZ PARA OS SEUS FREQUENTADORES	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
DOCUMENTOS E BIBLIOGRAFIA	112

INTRODUÇÃO

Era 1985 quando ele voltou a Natal após uma ausência de quase 30 anos. Foi ao bairro da *Cidade Alta*, local no qual durante sua juventude ele costumava passar as tardes. Chegou ao bairro, sentiu as mudanças, estava diferente, afinal a cidade havia crescido bastante nesses 30 anos em que esteve fora. O bairro teve intensificado seu fluxo de automóveis e de pessoas caminhando, consumindo os produtos que eram anunciados nas portas das lojas ou vendidos por ambulantes nas calçadas. Ele olhava o bairro no presente, mas buscava ansiosamente por um passado que vivera, tentava encontrar um resquício maior que o nome das ruas principais que se mantinham, buscava o velho *Grande Ponto* que vivenciou na *Avenida Rio Branco*, na *Rua Princesa Isabel* e na *Rua João Pessoa*. Não havia mais a banca *O Zeppelin* onde comprava os jornais e as revistas e saboreava *Coca-cola*, não havia mais os sorvetes da *Sorveteria Oásis* que aliviavam o calor das tardes natalense, e após tantos “The End” anunciados nas películas, parece que o *Cinema Nordeste* havia finalmente encontrado seu “fim”. Desistiu dos lugares, mas e os rostos? Aqueles rostos conhecidos que traziam as novas da política, do cinema, da literatura e das exposições artísticas? Teriam sido todos ceifados pela morte? Com essa confirmação decretaria de vez: o *Grande Ponto* morreu!

Decidiu dar uma segunda chance a si e ao bairro, andou mais um pouco e seus olhos começaram a reconhecer antigos amigos, juntos, reunidos em meio à fumaça e cheiro de café. O *Café São Luiz* ainda existia! Era um dos últimos locais que o fazia lembrar o *Grande Ponto* de sua juventude da década de 1950. Seus olhos cobriram aquele café de valor, conseguiu enxergá-lo além das xícaras, pois aquele lugar fazia referência à sua memória, às vivências com amigos. Mais que isso, aquele lugar era importante para a memória da cidade, afinal, teria sido visitado por políticos famosos durante grandes campanhas, havia passado pelo período da ditadura militar e assistiu o crescimento comercial do bairro após a II Guerra mundial; o café merecia ser tombado como patrimônio e registrado em livros e poemas, não deveria desaparecer jamais! Durante as conversas ficou sabendo que o *Café São Luiz* tinha sido tema de livro e que sua importância era já declarada em poemas e jornais, era alvo de investimento do grupo, investimento que implicava a projeção de representações sobre o espaço por desenhos, por palavras e pela encenação diária que ocorria no lugar.

A cena elaborada acima possui inspiração em um texto de Sanderson Negreiros publicado no jornal *O Poti*, vinculado ao *Diário de Natal*, em 14 de abril de 1985. O texto de Negreiros cita um sujeito que retorna ao centro de Natal, mais precisamente ao trecho conhecido como *Grande Ponto*, após 20 anos de ausência. O texto cita locais e pessoas e se refere às vivências ligadas a um espaço que teve sua configuração modificada (O POTI, 14.04.1985: 8). Textos como esses se espalharam pelos jornais e livros da década de 1970 e 1980 em Natal. São exemplares produzidos por memorialistas e formas de expressão da saudade de uma configuração espacial vivenciada na cidade até as décadas de 1950 e 1960, período em que o bairro da *Cidade Alta* se constituía como centro comercial, econômico, de interação e lazer da cidade para uma elite econômica, para políticos e intelectuais.

Esses discursos ao mesmo tempo em que anunciam a derrocada do *Grande Ponto*, elegem o *Café São Luiz* como ponto de saudade. É nesse processo que vislumbramos o processo de construção do *Café São Luiz* que antes era considerado apenas uma célula do *Grande Ponto*, passou, com o esfacelamento da zona, a aglutinar os significados referentes a esse trecho. O *Grande Ponto* nas décadas de 1950 e 1960 foi local para a frequência de uma elite econômica política e artística. Com o crescimento urbano pelo qual Natal passou nas décadas de 1970 e 1980 o *Grande Ponto* teve suas configurações alteradas, passando o *Café São Luiz* a ser compreendido como herdeiro das práticas do local.

Essa pesquisa analisa o *Café São Luiz* e o trabalho de investimento sobre o espaço para que o mesmo se tornasse conhecido como lugar de memória¹. Esse trabalho de investimento gerou representações sobre o *Café São Luiz*, representações que não estão desconectadas das mudanças ocorridas na cidade².

¹ A definição de Nora é da década de 1980. Esse termo nomeia uma coletânea de textos publicados na França, os "*Lieux de Mémoire*". Na introdução *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*, Nora lançou as bases do seu conceito. Os lugares surgiram com o final da "história-memória", quando uma concepção de história ligada à ideia de construção da identidade nacional, tal como produziu Michelet findou, dando lugar a uma história crítica, ligada à ruptura e a desconstrução dos símbolos. Surgiram também pelo fenômeno da "mundialização", "massificação" e "democratização". Esse momento trouxe a emergência de memórias plurais, fragmentadas e apoiadas em diferentes locais que promovem a manutenção de suas origens. Esse momento conduziu a uma sede de registro em decorrência de um produtivismo arquivístico permeado por um dever de memória. A sociedade passou a nutrir interesse em relação ao vestígio, produzindo um inchaço da função de memória ligada ao sentimento de perda, a uma ameaça do esquecimento (NORA, 1993: 7-28).

² Muito tem se discutido sobre as espacialidades em História. Não podemos esquecer a influência da Escola dos *Annales* e seu diálogo com áreas como a Geografia e a Sociologia, conduzindo a trabalhos que abordam espacialidades como *O Reno*, de Lucien Febvre, escrito já na década de 1930 (FEBVRE, 2000) e

Compreendemos que os investimentos em relação ao registro e projeção da imagem do *Café São Luiz* estão vinculados a um “enquadramento da memória”, de acordo com Pollak. Esse enquadramento é iniciativa do grupo para selecionar e construir um quadro de referências para a identidade dos membros. Para isso o enquadramento utiliza-se em grande medida do passado, se esforça para elaborar um passado comum e vincula-se também a construção da identidade dos sujeitos. Para Pollak, a memória seria um fator importante para a identidade “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. (POLLAK, 1992: 204-207; 1989: 9).

O quadro de referência para a memória dos frequentadores do *São Luiz* foi elaborado por sujeitos que tentaram inventar também uma tradição para o local, essa tradição utiliza-se de um passado comum para o grupo ou promove uma associação do *Café São Luiz* com momentos e figuras de relevo em Natal. O termo “tradição” é muito utilizado pelos próprios frequentadores. As tradições cumprem papel alegórico, fazem parte de um trabalho de investimento e de encenação. Eric Hobsbawm aponta para um processo de “invenção das tradições”. Para o autor, tradições consideradas antigas são recentes e inventadas. As “tradições inventadas” são compreendidas como um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica e que buscam “inculcar” valores e regras de

O Mediterrâneo, de Fernand Braudel, fazendo crescer o interesse dos historiadores pela relação espaço-tempo (BRAUDEL, 1983). No âmbito da História Cultural pós-década de 1970 os historiadores passaram a se preocupar com os significados atribuídos aos espaços, resultado de um diálogo com a Antropologia cultural, com a psicanálise e a psicologia. Nessas novas perspectivas ganhou destaque as análises das construções de representações como elaborações históricas, essas pesquisas comumente trabalham com a ideia de “invenção”. No âmbito da problematização de espacialidades destacam-se Michel de Certeau com sua noção de espaço e lugar chamando atenção para pensar os espaços como elementos praticados e afetivos (CERTÉAU, 1994). Os espaços também são tema central para pesquisas como a do historiador Edward Said, em seu livro *Orientalismo* no qual trabalha o Oriente como um resultado de um acúmulo de discursos produzidos por estudos do século XVIII, uma invenção ocidental (SAID, 1990). Outro trabalho que trabalha a construção de espaços como “invenção” é o de Maria de Fátima Costa, *História de um país inexistente*, livro em que analisa o Pantanal como uma invenção luso-brasileira realizada no transcorrer do século XVIII (COSTA, 1999). O trabalho de Said influenciou outras pesquisas como as do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior em seu livro *A Invenção do Nordeste* pensando a região Nordeste como território construído por práticas e discursos de um tempo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Em outro livro, *Nos destinos de fronteira*, Albuquerque Júnior chama atenção para a importância de pensar os espaços não apenas como cenário, mas como construções humanas e históricas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008).

comportamento pela repetição, promovendo uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM; RANGER, 1984: 9-23).³

Nesse sentido, alguns questionamentos serão realizados, o que é o *Café São Luiz*? O que ele significa para os seus frequentadores? Quem são esses sujeitos? Quando e sob quais perspectivas foi fundado na década de 1950? Quais as imagens projetadas sobre o lugar? Quais as perspectivas históricas que fazem o café emergir imagetivamente e discursivamente como um apoio à memória?

Irei nessa pesquisa evitar “apenas” elaborar uma história do *Café São Luiz*, ou contextualizar historicamente os eventos ou aspectos que surgem nas memórias dos frequentadores; preocupe-me em estudar o lugar em seu processo de construção simbólica, quando se constitui como um espaço de saudade do que se compreendia como “*Grande Ponto*”. Investigamos em que momento os frequentadores do *Café São Luiz* viram-se impelidos a escrever e a delinear o café, transferir seus sentimentos para o papel, para as páginas dos jornais, livros, desenhos e fotografias, quando começaram a se preocupar com um possível desaparecimento do lugar e a escrever sua história, criando uma origem para o grupo, legitimando-o como local de celebração.

Esse processo de construção do espaço se situa em uma margem de tempo que vai da década de 1950 até a década de 1980. A escolha do primeiro marco temporal deu-se pelo *São Luiz* ter sido fundado em 01 de fevereiro de 1953, na esquina da *Rua João Pessoa* com a *Princesa Isabel* no Bairro da *Cidade Alta* em Natal⁴. Foi fundado para servir como ponto de degustação para o café produzido na *Torrefação e Moagem São Luiz* de propriedade de Luiz Eugênio Ferreira Veiga Filho. A escolha do local para a fundação se relaciona a um momento da história da cidade em que o bairro da *Cidade Alta* concentrava os principais pontos de comércio, lazer e sociabilidade da cidade como

³ O autor estabelece uma diferença entre “tradição” e “costume”. Enquanto a “tradição” é relativa a um processo artificial e invariável de repetição, os “costumes” seriam processos relacionados a comunidades tradicionais e são comumente variáveis. O “costume” seria um processo natural, cotidiano, muitas vezes associado também a uma rotina, os objetos e elementos do cotidiano, relacionados a “costumes”, no entanto, tornam-se simbólicos quando se libertam de seu uso prático, é esse processo que marca sua inserção em uma “tradição”. As tradições podem ter um único iniciador, o que facilita seu estudo, ou podem nascer de um grupo, ou de maneira informal em um recorte temporal, o que dificulta a análise dessas invenções. Hobsbawm ainda se refere às tradições inventadas pelo declínio das mesmas, buscando promover sua “restauração” (HOBSBAWM; RANGER, 1984: 9-23).

⁴ Atualmente o *Café São Luiz* está situado na *Rua Princesa Isabel* no bairro da *Cidade Alta* em Natal. A mudança para o ponto atual deu-se em 1969. A separação entre o ponto onde o *São Luiz* foi fundado para onde mantém-se aberto é pequena.

bares, praças, clubes, cafés e cinemas. O *Café São Luiz* estava localizado no que se compreende como “*Grande Ponto*”, ponto central da Cidade do Natal da década de 1950 e 1960.

Nas décadas de 1970 e 1980 Natal assistiu sua expansão para outras zonas residenciais e de comércio; esse período representou o estabelecimento de locais em que predominavam centros de compras climatizados, com amplas vagas de estacionamento e maior segurança. O estabelecimento das novas zonas deu-se pelo desenvolvimento da cidade, além disso, o bairro da *Cidade Alta* passou a se caracterizar como local de comércio popular e de rua, em que crescia a participação dos camelôs. Essas modificações fizeram com que o bairro adquirisse outros significados e impulsionaram o sentimento de esfacelamento dos espaços de interação social do *Grande Ponto* das décadas anteriores. Esse momento torna-se importante na pesquisa à medida que é compreendido como divisor de águas na forma de compreender o *Café São Luiz*, pois foi quando o lugar que foi aberto para ter funções comerciais passou a ser celebrado como resquício, enquanto resto de uma Natal que estava se perdendo. Essa eleição foi produzida além da conjuntura de um tempo, por interesses de frequentadores, em grande parte jornalistas, escritores, artistas que tinham acesso a veículos de informação e se destacavam como grupo de relevância social e de opinião na cidade do Natal.

Compreendendo esse processo de construção do lugar, explicitamos que nosso objetivo principal é analisar a construção simbólica do *Café São Luiz* como lugar de memória. Os objetivos específicos são: compreender como essa construção se relaciona com a história da Cidade do Natal; analisar os diferentes discursos sobre o *Café São Luiz* sejam iconográficas, orais ou textuais; relacionar esses discursos à trajetória de seus autores; problematizar a memória de seus frequentadores por meio das suas narrativas; compreender como as lembranças dos depoentes concordam com as representações do espaço, mas também as transgridem.

Para caminhar em busca dos objetivos almejados, na elaboração da trama histórica fez-se necessária a utilização de documentos, registros que não serão compreendidos como verdades, mas como produções de um tempo. Os jornais nos forneceram ampla diversidade de documentação que vai desde o texto jornalístico, perpassando os textos memorialísticos, crônicas, poemas, e discursos iconográficos. Também iremos trabalhar com notícias acerca das mudanças ocorridas na cidade, em uma perspectiva espacial mais ampla. Foram pesquisados jornais da década de 1950 a

1980. Esses textos documentam mudanças ocorridas na cidade seu crescimento e os novos significados atribuídos às suas áreas. Nesse sentido, alguns textos publicitários na década de 1980 acerca do estabelecimento de *Shoppings* serão também trabalhados para delinear o estabelecimento de novas zonas na cidade.

Além dos jornais, outra documentação que auxiliou na elaboração da pesquisa foi o livro intitulado *Na Calçada do Café São Luiz* de José Luiz Silva de 1982. Esse volume foi compreendido na presente pesquisa como marco em termos de investimento para dar coesão ao grupo de frequentadores pela tentativa de elaborar uma história do café, como também para a projeção da imagem do lugar na esfera da cidade. José Luiz Silva foi frequentador do *São Luiz* e jornalista que assinou coluna no jornal *O Poti*, de grande projeção na cidade.

Diante da diversidade da documentação também ganharam destaque as narrativas orais transcritas. Essas serão trabalhadas como discursos ligados a memória dos sujeitos e estarão presentes em diferentes momentos do texto. Diante disso admitimos que esse texto seja polifônico, elaborado com as contribuições de diferentes colaboradores.

As narrativas dos frequentadores do lugar, apesar de suas especificidades, não estão desconectadas das imagens que circulam sobre o *Café São Luiz*, são também afetadas por essas imagens, muitos narradores citam o livro sobre o *Café São Luiz*, por exemplo. Essas narrativas também se inserem em um trabalho de investimento sobre o lugar à medida que criam representações e buscam projetá-las pelas palavras ditas pelos narradores e por suas práticas. A relação das narrativas orais com outras imagens que circulam no grupo são também analisadas por Alessandro Portelli quando afirma que não se pode esquecer que os contribuintes orais podem ser letrados, e “leem livros e jornais, ouvem rádio e TV, escutam sermões e discursos políticos e guardam diários, cartas, recortes e álbuns de fotografias [...] se muitas fontes escritas são baseadas na oralidade, a oralidade moderna, por si, está saturada de escrita” (PORTELLI, 1997:33).

Para trabalhar com as narrativas de contribuintes no âmbito da história oral⁵ elaborei um projeto prévio, selecionei os frequentadores do *Café São Luiz* como

⁵ A história oral possui muitas definições. Algumas das atualizadas podem ser fornecidas por Meihy e Holanda. Para os autores “História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas”. Os autores ainda fornecem outras definições como “prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato”. Os registros proporcionados pela história oral

contribuintes, ou ainda sujeitos que vivenciaram práticas relativas ao que se compreendeu por *Grande Ponto*. O projeto contou com um planejamento prévio das gravações, a definição do local escolhido pelos contribuintes, meios tecnológicos de registro e a transcrição das narrativas para a escrita. Para a utilização das narrativas contei com uma carta de cessão sobre o uso das mesmas em meu trabalho. Os frequentadores foram procurados no próprio café, e selecionados por sugestão de outros frequentadores. Esses sujeitos se tornaram espécie de porta-vozes do *Café São Luiz*. A escolha do local para as entrevistas foi feita pelos próprios contribuintes, respeitou-se a vontade dos mesmos e o local em que se sentiam melhor. Muitos deles preferiram dar sua contribuição no próprio café, enquanto outros preferiram dar acesso à residência ou local de trabalho. A duração das entrevistas também respeitou a vontade dos mesmos, e foi previamente definida de comum acordo.

Acerca das narrativas orais, José Carlos Sebe B. Meihy e Fabíola Holanda ressaltam que é importante levar em consideração dois aspectos quando se utiliza a história oral, esses aspectos surgem por meio de questionamentos que o entrevistador ou elaborador do projeto deve fazer. O primeiro é história oral “de quem”? Quando se explica as razões da escolha dos contribuintes. O segundo aspecto é história oral “para quem”? Momento de questionar sobre o papel social das entrevistas (MEIHY; HOLANDA, 2010: 15-17). Na pesquisa em questão a escolha dos entrevistados foi dos sujeitos que vivenciaram os espaços estudados. A função social, além da produção da Dissertação, pode ser pensada na problematização da instituição de “lugares de memórias”, os quais devem ser pensados como fruto de investimentos de grupos e identidades e não como pontos naturalmente instituídos. São produtos de relações de disputas entre grupos que estabelecem o que deve ser lembrado ou esquecido. Nessa perspectiva a memória se insere nas relações de poder existentes na cidade.

As entrevistas tiveram caráter temático, a maioria delas foi realizada no local com sujeitos que compõe o grupo de frequentadores do *Café São Luiz*. Foram feitas perguntas flexíveis e abrangentes relacionadas à vivência dos depoentes no espaço, não abrangendo a totalidade da vida dos entrevistados, mas sim a parte da vida dos mesmos ligada ao tema estudado. Segundo Sônia Maria de Freitas, os depoimentos “podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma

podem ser “analisados a fim de favorecer estudos de identidade e memória coletivas” (MEIHY; HOLANDA, 2010: 15-19).

comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo.” (FREITAS, 2006: 21-22). Apesar da utilização de perguntas pré-estabelecidas, algumas questões surgiram de forma natural no ato da entrevista de acordo com aspectos apresentados no ato das mesmas, pois ainda segundo a autora: “Cada entrevista tem a sua própria dinâmica, e cada entrevistado mostra-nos diferentes interesses na abordagem de determinadas questões” (FREITAS, 2006: 21-22).

Os entrevistados foram: Pedro Grilo, 72 anos, poeta e trovador, começou a frequentar o *Café São Luiz* no Centro de Natal desde sua fundação; Osório Almeida, 61 anos, era jornalista, mas atualmente escreve livros de temas diversos, frequenta o *Café São Luiz* há 25 anos. Outro depoente foi o mossoroense Walter Canuto na época com 84 anos, já falecido, e que escreveu versos, foi cliente do Café desde seu antigo endereço; Samuel de Almeida Ataíde, 60 anos, paraibano, aposentado, trabalhou no comércio da *Cidade Alta*, frequenta o Café desde 1962; Julio Hernesto Ramezoni, advogado e escritor, 66 anos, frequenta o local a mais de 40 anos; Guaracy Augusto Picado, músico, compositor e ex-árbitro, 76 anos, é frequentador do *Café São Luiz* a mais de 30 anos; Paulo Roberto da Silva, 63 anos, nasceu em Pau dos Ferros, é funcionário público aposentado é cliente do lugar há mais de 04 décadas; Mery Medeiros, pesquisador e escritor, 67 anos nasceu em São Gonçalo do Amarante, vai ao *Café São Luiz* desde a década de 1960 e Gutenberg Medeiros Costa, escritor natalense, 50 anos, vai ao local desde seus 20 anos.

O texto está dividido em três capítulos. No primeiro irei elaborar um quadro sobre a cidade do Natal nas décadas de 1950 e 1960, perpassando a área central da cidade, também conhecida como *Grande Ponto*. Nesse tópico irei abordar as práticas relativas a esse trecho enquanto zona de interação para sujeitos economicamente privilegiados, políticos e intelectuais e os seus espaços de interação como bares, cinemas, clubes e cafés na época. Dentro da perspectiva da Natal dos anos 1950 também irei trabalhar a fundação do *Café São Luiz*, a escolha do local para a fundação e a relação do local com a Indústria e seu proprietário Luiz Veiga.

No segundo capítulo irei abordar a Cidade do Natal nas décadas de 1970 e 1980, momento de crescimento da cidade e de um sentimento de esfacelamento do *Grande Ponto*, esse momento foi registrado em diferentes textos jornalísticos, desenhando o espaço como uma “geografia em ruínas” e elaborando o *Café São Luiz*.

como uma âncora de significados, como herdeiro de um modo de interação existente no *Grande Ponto*. No terceiro capítulo trabalho o *Café São Luiz* como ponto de apoio à memória e à identidade de um grupo e como local de valor para a cidade. Iremos perpassar as representações criadas sobre o *Café São Luiz*, os textos em jornais, poemas, livros e imagens. Em um primeiro momento destaco o livro *Na Calçada do Café São Luiz*, enquanto iniciativa de dar coesão ao grupo e de projetar a imagem do local para a cidade. Posteriormente iremos trabalhar com os textos, poemas e imagens que representam o *Café São Luiz* como depositário da memória de um grupo de frequentadores e da memória da cidade, como espécie de herdeiro do *Grande Ponto*. Essas representações são referentes à década de 1980, mas também se referem à primeira década do século XXI.

A divisão do texto tenta acentuar a construção simbólica do *Café São Luiz* como processo que ocorreu no tempo. Escrever sobre processo é tratar de um movimento, assim, reafirmamos a ideia de que os espaços não são apenas cenários, construções materiais e inertes, mas são passíveis de deslocamentos, possuem fronteiras móveis, são construídos não apenas por pedras, mas pelos valores atribuídos a eles.

CAPÍTULO 1: O CAFÉ SÃO LUIZ E A CIDADE DO NATAL (1950-1960)

Em 1953 o *Café São Luiz* foi fundado no ponto mais movimentado da cidade um local que reunia os políticos, empresários, jornalistas e artistas da cidade na época. A fundação do local, portanto, possui referências temporais, a escolha da localização, o tipo de negócio, a clientela a que se destinava são elementos que devem ser analisados em conjunto com a perspectiva maior, a da cidade e de suas configurações. Analisar esses elementos nos auxilia a compreender os significados que o *Café São Luiz* adquiriu nas décadas posteriores enquanto guardião de uma interação e tipo de frequência referente ao que se compreendia como *Grande Ponto*. Desta maneira, nesse capítulo, iremos elaborar um quadro sobre a Natal dos anos 1950 e 1960, a economia, a política, a sociedade e suas configurações urbanas. Nesse capítulo também iremos perpassar os trechos que estiveram ligados ao *Café São Luiz*, o bairro da *Cidade Alta* na época e o que se compreendia como *Grande Ponto*. No final desse capítulo iremos problematizar os textos referentes à fundação do *Café São Luiz* e analisar a relação do estabelecimento com a indústria e seu industrial, o empresário Luiz Veiga. Assim, iniciamos nossa viagem pelo *Café São Luiz*, perpassando aqui os alicerces desse lugar entre xícaras e memórias.

1.1 – A CIDADE DO NATAL NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960

Compreendemos a trama urbana como um processo de construção física e simbólica ao longo do tempo, assim, quando selecionamos a cidade do Natal das décadas de 1950 e 1960, é imprescindível analisar também a Natal de décadas anteriores. De acordo com o jornal *A República* de julho de 1959, o desenvolvimento da cidade é atribuído à participação da cidade na II Guerra⁶. A presença dos norte-

⁶ Durante a eclosão da II Guerra Mundial (1939-1945), a cidade do Natal serviu como espaço para a instalação de uma base aérea americana. A escolha da cidade deu-se por sua localização geográfica, por ser ponto estratégico no Atlântico Sul. O interesse pela cidade levou ao governo dos Estados Unidos a aproximar-se do presidente brasileiro Getúlio Vargas, essa política visava o apoio dos países americanos aos EUA. Em acordo assinado em 1942 os americanos tinham que utilizar nossas matérias primas e em troca forneciam armamentos e munições, bem como construíram a Usina Siderúrgica de Volta Redonda, no Rio de Janeiro. Em 1942 foi inaugurado o Campo de Pouso de Parnamirim denominado Parnamirim Field, considerada a maior realização técnica dos EUA fora do seu território. O campo possuía pistas de 2.000 metros, possibilitando a descida de 250 aviões. Cerca de 2.000 americanos se alojaram em Natal entre homens, mulheres e especialistas técnicos. A presença dos americanos trouxe para a cidade investimentos e novos hábitos (MARIZ; SUASSUNA, 2001: 48-65)

americanos na cidade teriam estimulado o povo natalense a sair do “provincianismo” em que se encontravam, e desde então a cidade teria “procurado comportar-se como metrópole”. Natal era a cidade que mais crescia no Brasil, de acordo com o texto que recorre a números, cita o contingente populacional composto por 100 mil habitantes de acordo com o censo de 1950 (A REPÚBLICA, 01.07.1959: 3). De acordo com dados do censo apresentados por Itamar de Souza, na transição da década de 1940 para a década de 1950 a cidade teve seus índices populacionais alavancados. Em 1940 Natal possuía 54.836 habitantes, de acordo com o censo, passando para 103.212 habitantes em 1950 (SOUZA, 2008: 797).

Apesar do reconhecimento dos avanços obtidos na década de 1940, é necessário compreender que esse período não é o único responsável por desenvolvimentos na cidade. Flávia de Sá Pedreira ressalta que devemos olhar os textos que abordam o desenvolvimento da cidade nesse período com cuidado, pois em décadas anteriores, 1900 a 1930, Natal já possuía casas comerciais na *Ribeira* e *Cidade Alta*, projetos de saneamento, linhas de bonde. Muitos textos privilegiam a década de 1940 em detrimento das décadas anteriores caracterizando-as como período de atraso (PEDREIRA, 2005: 25-26). É importante compreender que a cidade do Natal passou por mudanças referentes a planos urbanísticos desde o início do século XX⁷.

Enquanto a década de 1940 se constitui como marco na História da cidade, muitas pesquisas atualmente têm lançado um novo olhar sobre o período, estabelecendo também outros períodos marcados por desenvolvimentos econômicos e urbanos. Marcos Aurélio de Sá, diretor e editor da revista RN/Econômico em 1979, recorda a importância de Natal como base aliada para os americanos na década de 1940 para a economia da cidade. Esse período teria estimulado a abertura de uma postura

⁷ São marcos nas transformações urbanas da cidade o Plano Poliedri de 1901, o Plano Palumbo de 1920, o Saneamento de Natal e Urbanismo, Saturnino de Brito em 1935, as mudanças na infra-estrutura durante a II Guerra Mundial na década de 1940. Além desses marcos pode-se incluir o Plano Urbanístico e de Desenvolvimento de Natal pela Serete Engenharia S/A de 1968, e os Planos Diretores de 1974 e 1984 (LIMA, 1992: XI – XVI). Na passagem do século Natal possuía vinte mil habitantes que habitavam os bairros da *Ribeira* e *Cidade Alta* ou concentravam-se em áreas atualmente denominadas de Passo da Pátria, Baldo, Barro Vermelho, Rocas, Alecrim e Quintas. O terceiro bairro de Natal foi o de Cidade Nova e que compreende os bairros de Tirol e Petrópolis, esse bairro teve a característica de ser um bairro planejado, o responsável foi o arquiteto Antonio Polidrelli. (PASSOS, 1992). Entre os anos 1900 e 1930 Natal foi fruto de investimento por parte de uma elite que para atender aos seus anseios de modernização, ou seja, para dotar a cidade de estruturas materiais correspondentes a padrões tecnológicos desenvolvidos no século XIX, dotou a cidade de infra-estrutura urbana como linhas de bondes, energia elétrica, bem como planos de higienização, passeios, praças e espaços de lazer como clubes e cafés (MARINHO, 2008).

empresarial e conduzido à abertura de negócios, no entanto, para o autor, com o final da prosperidade trazida pela guerra, a cidade perdeu seu comércio dinâmico, conduzindo a desativação de hotéis, lojas e pequenas indústrias. Natal não era uma cidade que pertencia às rotas comerciais tradicionais do Nordeste como eram Recife, Fortaleza e Campina Grande, centros comerciais nordestinos. Para o autor, a cidade possuía apenas pequenas indústrias e só por volta dos anos 1960 com o incentivo à industrialização nordestina feita pelo Governo Federal através da SUDENE⁸, que as pequenas e médias indústrias passaram a se multiplicar em Natal. Cresceram diferentes setores como o têxtil, construção civil, alimentício e serviços, acelerando o ritmo da vida econômica natalense e incentivando a emigração do interior do estado para a capital (SÁ, 1979: 27-29).

Para Pedro de Lima⁹, o crescimento da cidade pela ocupação de outras áreas foi impulsionado após os anos sessenta, em vinte anos a cidade triplicou sua população (LIMA, 1992: XI – XVI). Em relação ao crescimento da cidade nos anos 1950 e 1960, Suassuna e Mariz, lembram as iniciativas de políticos que trabalharam dentro da linha de desenvolvimento e modernização do governo federal na época, política relacionada também com a criação da SUDENE. Entre esses políticos os autores destacam a gestão de Aluísio Alves, eleito governador do Rio Grande do Norte em 1960. Durante sua gestão Aluísio Alves teria alavancado o desenvolvimento do estado e de Natal pelo investimento em saneamento básico, oferta de empregos através da iniciativa privada, ampliação da rede pública de ensino e telecomunicações como a criação da TELERN (Companhia Telefônica do Rio Grande do Norte). Aluísio Alves também criou a COSERN (Companhia de Serviços Elétricos do Rio Grande do Norte), promoveu melhoramentos na CAERN (Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte), e também criou a faculdade de jornalismo e sociologia que foram incorporadas à UFRN em 1975.

⁸ A Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste SUDENE foi criada em 1959 por Juscelino Kubitschek e funcionou nas décadas de 1960 e 1970. Foi órgão criado em prol de uma política industrializante para o Nordeste. Esses recursos foram destinados a investimentos na energia elétrica, rodovias, telecomunicações, equipamentos urbanos e habitação (MARIZ; SUASSUNA, 2001: 83-107).

⁹ O livro foi elaborado para fornecer para as diferentes pesquisas e áreas do conhecimento, para empresários e políticos, informações sobre a cidade. Esta tarefa foi iniciativa do PT, Partido dos Trabalhadores. Ao buscar realizar as ações parlamentares, esbarraram na ausência de dados atualizados e sistematizados sobre o município o que conduziu a equipe de gabinete do vereador Fernando Mineiro e a equipe do PT a uma coleta e sistematização dos dados sobre a cidade.

Em 1966 sob o governo do Monsenhor Walfredo Gurgel, vice de Aluísio Alves, a política de melhoramentos havia continuado com a construção da Escola Winston Churchill na *Cidade Alta* em Natal, a Biblioteca Câmara Cascudo, construção do Hospital Pronto Socorro, depois denominado Walfredo Gurgel, e construção da ponte de Igapó sobre o Rio Potengi (MARIZ; SUASSUNA, 2001: 83-107).

As transformações ocorridas na cidade privilegiaram o desenvolvimento de alguns trechos como o bairro da *Cidade Alta*, o primeiro da cidade. O bairro recebeu os principais melhoramentos urbanos da época, firmando-se como centro da capital.

1.2- O BAIRRO DA *CIDADE ALTA*, O CENTRO DA CIDADE.

1.2.1- *Cidade Alta*: centro de serviços, comércio e lazer.

Primeiro bairro de Natal e bairro central da cidade, o bairro da *Cidade Alta* era espaço que condensava essas transformações vivenciadas nas décadas de 1950 e 1960 em suas principais ruas e avenidas como a Avenida Princesa Isabel, Rio Branco, Deodoro e as ruas João Pessoa e Ulisses Caldas. A *Cidade Alta* se tratava de um bairro asseado, urbanizado e com infraestrutura que favorecia sua frequência. Era no bairro que os sujeitos se encontravam, trocavam experiências e iam também ao encontro do lazer e dos prazeres do paladar. Além dos prazeres, frequentar o bairro era uma utilidade, tendo em vista que aglutinava o aparelho burocrático, as sedes bancárias, bem como as sedes de instituições e de procedimentos de saúde.

Mas a partir de que momento o bairro se constituiu dessa maneira? Para autores como Itamar de Souza, a configuração do bairro enquanto núcleo comercial e de serviços teria se configurado na década de 1940 em decorrência da participação da cidade na II Guerra, de acordo com Itamar de Souza e outros autores. Para Souza, na conjectura espacial da cidade nas décadas de 1950 e 1960, ganhou destaque o bairro da *Cidade Alta* e suas artérias, pois até a II Guerra Mundial o bairro era predominantemente residencial, com o final do conflito passou a receber boa parte do comércio da *Ribeira* e as famílias que residiam na *Avenida Rio Branco* e nas ruas vizinhas se mudaram para os bairros de Tirol, Petrópolis ou Alecrim (SOUZA, 2008: 174-490).

Os jornais da década de 1950 são ricos em publicidade e anúncios relacionados ao bairro da *Cidade Alta*, perpassar esses jornais nos possibilitou construir um quadro sobre o bairro e analisar significados atribuídos ao local na época. Em anúncio de aluguel de uma casa na *Avenida Rio Branco* publicado em janeiro de 1950, o bairro é descrito como “o melhor trecho da cidade, para ponto comercial, e residência”, demonstrando que além do aspecto comercial o bairro possuía também moradias, apesar de ser predominantemente comercial (A REPÚBLICA, 03. 01. 1950: 5). O anúncio nos possibilita pensar em duas principais funções para o bairro, a utilização do termo “melhor trecho” reforça os aspectos centrais do lugar. Perguntado acerca das configurações do bairro da *Cidade Alta* nas décadas de 1950, Pedro Grilo, um de nossos contribuintes, afirmou que havia ainda no bairro muitas residências e que aos poucos o comércio cresceu. O contribuinte citou alguns pontos comerciais como a “famosa *CIA Casa Rio Branco*, *Armazém Vitória* ali na *Ulisses Caldas* com a *Rio Branco*. Onde hoje é o *Barão do Rio Branco* era o *Armazém Natal*” (GRILO, 11.06.2008).

A *Cidade Alta* compreendia uma das principais áreas urbanas da cidade, juntamente com a *Ribeira*, aglutinava além dos serviços e casas comerciais, infraestrutura urbana como serviços de distribuição de água, energia elétrica e calçamento.

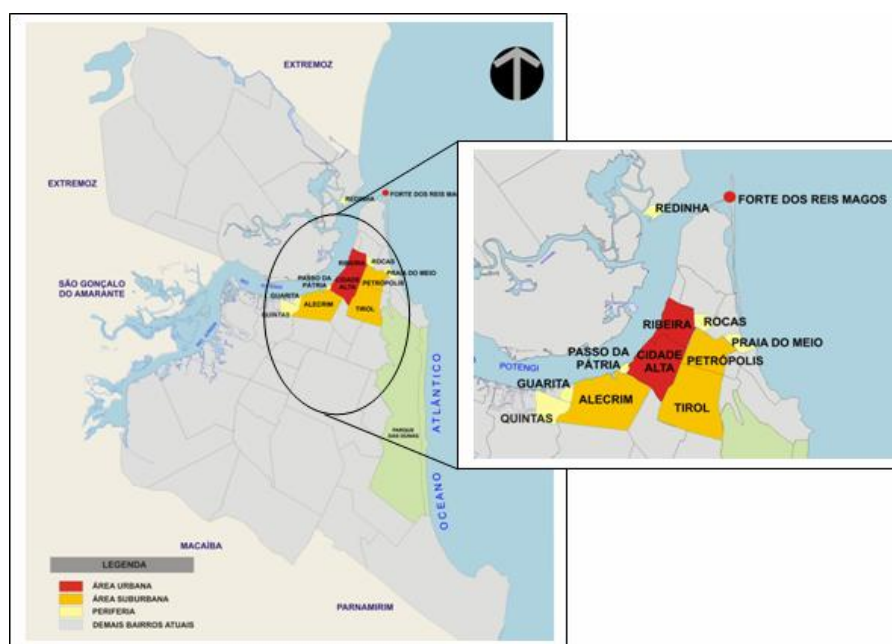


Figura 01 - Mapa das áreas e bairros da Cidade do Natal (1939-1945). **Fonte:** Giovana Paiva de Oliveira de acordo com dados da SEMURB (OLIVEIRA, 2008: 54).

Através do mapa acima podemos perceber que a área urbana de Natal até meados da década de 1940 e também na década de 1950, se resumia principalmente ao bairro da *Cidade Alta e Ribeira*.

Era principalmente na *Cidade Alta* que o comércio se fazia presente na década de 1950. Quando entramos em contato com os livros de memória, pesquisas e documentos acerca do bairro no período nos deparamos com verdadeiras listas de estabelecimentos que formavam o bairro. Dentre os estabelecimentos, Itamar de Souza apontou as *Lojas Brasileiras* em 1940, o *Cassino Natal* em 1943, a *Fábrica Santa Lígia* de tecelagem em 1945, a *Sorveteria Rio Branco*, no mesmo ano, e, em 1947, o *Posto Esso*. A arquitetura do bairro também passou por transformações como a construção do *Edifício Amaro Mesquita* em 1951, o primeiro edifício de 5 andares construído em Natal. Em 1956 Natal ganhou um edifício de 6 andares, era o *Edifício São Miguel* na *Avenida Rio Branco* (SOUZA, 2008: 174-490).

O bairro era caracterizado por casas comerciais. Na lista iniciada por Souza podemos incluir a *Importadora Norte Rio-grandense Limitada*, com especialidade na distribuição de cervejas, champagne e água mineral, localizada na *Avenida Rio Branco*, 318 (TRIBUNA DO NORTE, 31.10.1952: 3), como também a firma *J.L Fonseca & Cia* revendedora de automóveis *Ford*, localizada na *Avenida Rio Branco*, 205 (TRIBUNA DO NORTE, 28.10.1951: 6).

O bairro era um espaço atrativo para a instalação de novas firmas. É desta maneira que foi anunciado no jornal a instalação da firma *Cavalcanti & Pereira Ltda* na Rua Ulisses Caldas, 124 que se destinava ao comércio de “rádios, refrigeradores, enceradeiras, fogões etc.”. (TRIBUNA DO NORTE, 23.12.1951: 5). Na geografia do bairro ganhou destaque também a banca *O Zeppelin* em frente ao *Natal Club*. Na banca além de vender revistas e jornais, os clientes podiam efetuar os pagamentos das contas de luz e telefone. *O Zeppelin* ainda realizava entregas de refrigerante e *champagne* para festas (A REPÚBLICA, 07.06.1950: 3).

Como já mencionamos, não só de comércio vivia o bairro da *Cidade Alta*, as casas que misturavam as duas funções davam vida ao bairro, tornando-o uma profusão de cheiros, cores, vozes, enfim de pessoas. Era no bairro que se localizava o *Natal Club*, na *Rua João Pessoa*, n. 124 (A REPÚBLICA, 15.06.1950: 3), e os demais cinemas da cidade como o *Cinema Rex*, na *Avenida Rio Branco*, e, o *Cine Rio Grande*, na *Avenida Deodoro* (A REPÚBLICA, 08.06.1950: 2). O bairro não parava nem em finais de

semana, o *Rex* exibia sessões inclusive aos domingos (A REPÚBLICA, 13.05.1950: 2). Era também local de movimentação cultural, passando a receber a apresentação de importantes artistas nacionais. Em abril de 1950, o *Rio Grande* serviu de palco para a apresentação da estrela do cinema nacional Oscarito, a presença do mesmo foi divulgada em larga escala (A REPÚBLICA, 27.04.1950: 2).

Além das apresentações o bairro era também núcleo de informação, lá estavam presentes as principais estações de rádio da época. O rádio na década de 1950 era o principal veículo de informação, servindo para a mobilização ideológica das massas e projetando a imagem de cantores e atores na época. No bairro estava presente a sede da *Rádio Poti S. A.*, localizada na *Avenida Rio Branco*, n. 245 (A REPÚBLICA, 01.06.1950:7).

As associações e sedes de instituições também se localizavam no lugar, exemplo delas é a Associação dos Professores, na *Avenida Rio Branco*, n. 90 (TRIBUNA DO NORTE, 29.12.1951: 4). Na mesma avenida, a secretaria da Escola Industrial de Natal, n. 743, vinculada ao Ministério da Educação e Saúde (A REPÚBLICA, 13.01.1950: 5), ainda na *Avenida Rio Branco*, estava localizada a Liga Artístico-operária, fundada por um grupo de operários e que atendia aos operários impossibilitados para o trabalho, participando da educação dos filhos dos associados oferecendo ainda assistência jurídica, médica e odontológica aos seus 930 associados (A REPÚBLICA, 23.04.1950: 3). Em 1951 foi a vez da inauguração da Sede do Teatro de Amadores de Natal no segundo andar do Edifício Campos na *Avenida Rio Branco*. A solenidade contou com a presença de “autoridades civis e militares, jornalistas, associados e famílias”. A sede era composta por “palco para representações, salão de auditório, sala de espera, biblioteca e bar” (TRIBUNA DO NORTE, 22.12.1951: 2). O espaço da sede também servia para eventos que agitavam o bairro e a cidade como consta na publicidade de 1951, quando anunciou uma “Grande soiree dançante abrilhantada por Jonatas e seu conjunto Boite, Sambas, Blues, Boleros, Baião” (TRIBUNA DO NORTE, 28.12.1951: 5).

Incluído entre os demais serviços que eram fornecidos no bairro da *Cidade Alta*, podemos abarcar também a área da saúde, era lá que os sujeitos iam à busca de atendimento médico para as mais diversas especialidades, era lá também o espaço predileto para os médicos e dentistas que buscavam montar consultório. Entre esses anúncios estão o do Dr. Heriberto F. Bezerra, pediatra e que possuía consultório na

Ulisses Caldas, n. 86 (A REPÚBLICA, 12.05.1950: 6); Dr. José Francisco Silva com especialidades de alta cirurgia, doenças de estômago, intestino, fígado, rins e doenças de senhoras, consultório na *Avenida Rio Branco*, 746 (A REPÚBLICA, 15.06.1950: 6); Dr. Theophilo M. de Araújo Costa, pediatra, com consultório instalado na *Avenida Rio Branco*, 712 (A REPÚBLICA, 14.06.1950: 2); Dr. João Tinôco Filho, especialista em partos e doenças de senhoras, com consultório na *Rua João Pessoa*, 163 (A REPÚBLICA, 22.06.1950: 2); Jessé D. Cavalcanti, cirurgião dentista localizado na *Avenida Deodoro*, 433; Dr. Raimundo Nunes, especialidade no tratamento de olhos, ouvidos, nariz e garganta, localizado na *Avenida Rio Branco*, 623, primeiro andar (TRIBUNA DO NORTE, 06.07.1955: 5). Dr. Wilson Ramalho que atendia na Clínica de crianças localizado na Praça Padre João Maria, n. 56, primeiro andar, a praça está localizada na *Rua João Pessoa* (TRIBUNA DO NORTE, 19.10.1951: 4).

Também na área da saúde, assim como os consultórios médicos, havia no bairro uma concentração de farmácias. Na coluna intitulada “Dos jornais de ontem” do jornal *A República*, podemos acompanhar as reclamações de um leitor do Diário de Natal acerca da ausência de farmácias abertas na *Ribeira* e a forte presença delas no bairro da *Cidade Alta*. O leitor fez um apelo às autoridades de Saúde Pública, para modificação do sistema de plantões de farmácias. Natal possuía 23 farmácias e de acordo com o leitor, “não é justo que o habitante da *Ribeira* tenha de locomover-se à *Cidade Alta* ou ao bairro do Alecrim para encontrar a farmácia de Plantão” (A REPÚBLICA, 21.05.1950: 8).

Espaço privilegiado da cidade, o bairro da *Cidade Alta* concentrava também eventos como exposições, passeatas políticas e cortejos religiosos. Era, portanto, espaço para a mobilização dos sujeitos, local eleito como lugar de concentração de pessoas. Compreendemos que esse aspecto está relacionado a dois fatores: a facilidade de acesso ao bairro e o seu aspecto simbólico. Elaborar uma manifestação política, uma exposição ou uma intervenção religiosa no bairro, era garantia que essa mobilização seria vista, seria assistida e ganharia mais adeptos. No jornal *A República* de maio de 1950, encontramos notícias de exposições artísticas como foi a exposição de fotografias de Valdemar Medeiros, a exposição reuniu “numerosos visitantes” que iam diariamente apreciar a exposição no Studio Namorado na *Avenida Rio Branco* (A REPÚBLICA, 31.05.1950: 6). Além da exposição de fotografias foi realizada exposição de pinturas na *Avenida Rio Branco* em sede da Cruz Vermelha, a exposição foi a dos quadros do pintor

conterrâneo Cícero Vieira de Melo. Essa exposição teve a presença do prefeito Sylvio Pedroza. De acordo com a notícia, a exposição alcançou sucesso, informando que “já se eleva a muitas centenas o número de pessoas que a visitaram aplaudindo o trabalho artístico de Cícero Vieira de Melo” (A REPÚBLICA, 17.01.1950: 6). As duas notícias de eventos artísticos atribuem ao bairro uma ideia de movimentação e de trânsito de um grande número de pessoas, possibilitando pensar em um local de agitação e de fluxo.

Assim como as exposições de arte, no bairro ocorriam também os eventos relativos à leitura como a Semana do Livro Espírita promovida em comemoração aos 93 anos do lançamento de *O livro dos Espíritos*. As comemorações ocorreram na Sede da União da Mocidade Espírita Norte Rio-grandense na Avenida Princesa Isabel, 627, com uma exposição de revistas, livros e jornais espíritas (A REPÚBLICA, 12.04.1950: 1).

Além das motivações profanas, o bairro também possuía um forte apelo religioso. A *Cidade Alta*, enquanto primeiro bairro de Natal concentrava as principais igrejas dos séculos XVII e XVIII com suas mais importantes movimentações religiosas. A igreja Santo Antônio, localizada no bairro, realizava suas festividades e procissões nas ruas e avenidas da *Cidade Alta* em 1950. A notícia informa sobre “missa solene, saindo à tarde, em procissão, a imagem do Taumaturgo, com crescido acompanhamento de fiéis, tocando durante o trajeto as bandas de música da Força Pública e da Aeronáutica” (A REPÚBLICA, 13.06.1950: 3).

Além das movimentações religiosas, tomavam as ruas do bairro às movimentações políticas. Em maio de 1950 a Avenida Princesa Isabel serviu de palco para um comício da União Democrática Nacional em prol da candidatura do Deputado Manoel Varella para suceder ao governador José Varella. O comício foi realizado em frente à sede do partido na mesma avenida (A REPÚBLICA, 21.05.1950: 8). Palco de tantas intervenções políticas a *Cidade Alta* agitou-se na disputa pelo governo do Estado nas eleições de 1960 entre Aluísio Alves e Djalma Marinho. De acordo com João Batista Machado a campanha de Aluísio para governador do Rio Grande do Norte em 1960 teria sido iniciada nas ruas do bairro, início organizado por um movimento estudantil que saía pelas ruas em comício (MACHADO, 1998: 55).

Acerca da Campanha política entre Aluísio Alves e Dinarte Mariz, algumas narrativas orais deram contribuições sobre a movimentação nas ruas da *Cidade Alta*. Samuel de Almeida Ataíde, um de nossos contribuintes orais, lembrou-se da Campanha de 1960. De acordo com ele, no *Café São Luiz* havia os “mais fanáticos na política”. O

contribuinte incluiu-se como “bacurau”, ou seja, associado à cor verde utilizada na campanha de Aluízio Alves. Ataíde explicou que:

Tinha aquela política de rivalidade, tinha Aluízio Alves e Dinarte Mariz certo? [...] Então, a fofoca era grande certo? Apesar de que hoje não é mais como antigamente não! Apesar de que hoje, quando chega esse povo de fora pra cá que são políticos, vem tudo para aí pro *Café São Luiz* na Princesa Isabel, ainda vem conhecer o velho *Café São Luiz* (ATAÍDE, 07.08.2009).

Outro contribuinte, Paulo Roberto da Silva, informou que ainda há agitação política no *Café São Luiz* em época de campanha, mas a campanha de 1960 marcou o espaço e as ruas da *Cidade Alta*, para Silva, na campanha a “Princesa Isabel ficava qualhada! Muita gente só para discutir política [...] na calçada do *Café São Luiz* quando existia Aluízio com grande liderança, Dinarte e outros aqui eram o centro!”. De acordo com o contribuinte, existiam inclusive apostas entre os frequentadores para saber quem iria ganhar. O trecho era tão importante para a política que “o candidato político que não fizesse um comício na Calçada do *Café São Luiz* ele estava fadado a não querer nem a campanha [...] que não fizesse um comício na João Pessoa, ele não queria ganhar a campanha.” (SILVA, 12.02.2010). Mery Medeiros informou que se comentava no *São Luiz* “política diária, quem ganhava e quem não ganhava era assim uma espécie de palco de apostas. Um era do partido verde, outro era do partido vermelho, com ampla Democracia” (MEDEIROS, 07.10.2011).

Enquanto núcleo de atividade da cidade era comum além dos serviços, as ocorrências policiais como roubos, assaltos e assassinatos. Em junho de 1950, o jornal *A República* noticiou um bárbaro assassinato na *Rua João Pessoa*, a vítima de nome Antônio Campos teria por sido morta por pancadas de um cano de ferro na região frontal. O corpo foi encontrado pela manhã em frente à residência de sua ex-esposa que declarou que vinha sendo ameaçada pela vítima. Após os interrogatórios assumiu a autoria o Sr. Salviano Ferreira que também era ameaçado por Antônio Campos (*A REPÚBLICA*, 09.05.1950: 6).

Até o momento ficou clara a imagem do bairro enquanto lugar central de serviços e interação. É importante frisar e deixar claro que não é nossa intenção elaborar a imagem de um local de celebração e de harmonia. *A Cidade Alta* acumulava o ônus de um bairro central em seus aspectos “positivos” e “problemáticos”. O bairro concentrava também ocorrências policiais, marginalidade e problemas de trânsito. Em

uma notícia de 1951 encontramos uma ocorrência contra uma senhora que teve sua carteira furtada. O ocorrido deu-se nas proximidades do Mercado da *Cidade Alta* na *Avenida Rio Branco*. Após gritos da mulher que foi roubada, o ladrão correu em direção ao bairro da *Ribeira*. O texto relata ainda que esse tipo de roubo estava se tornando frequente na cidade em lojas e mercados, como também nas partidas dos trens (TRIBUNA DO NORTE, 13.09.1951: 2).

Dentro da lista de ocorrências policiais havia também ações de arrombamentos de residências, esses atos eram também noticiados pela imprensa local. Em um dos casos de arrombamento, o acusado de nome Severino Bernardo Filho, pernambucano apelidado de “Pinto” cometeu a ação em duas residências. A primeira na Rua Jundiá em Petrópolis de proprietário do Sr. João Gonçalves Passarinho, e a segunda na *Avenida Deodoro*, 638 na *Cidade Alta* do proprietário Sr. João Figueiredo de Souza (A REPÚBLICA 11.03.1950: 6).

A cidade do Natal nas décadas de 1950 e 1960 era uma cidade em desenvolvimento que apresentava seus problemas urbanos como os delitos e também a mendicância. De acordo com a coluna “Revista da cidade”, de autoria de R. C., a capital do Rio Grande do Norte estava ficando repleta de menores abandonados e “mal encaminhados, na mais desoladora vadiagem”. Pelos restaurantes, cafés e calçadas os mendigos são encontrados sujos, assanhados e esqueléticos. Esses meninos mendigos segundo a coluna seriam a parcela da população inútil à Pátria e à Família (TRIBUNA DO NORTE, 16.09.1951: 2).

O bairro também era espaço para outros problemas como os de trânsito. De acordo com Itamar de Souza, até meados dos anos 1950 os bondes ainda circulavam pelas vias da cidade, porém em 1946 a Prefeitura de Natal já havia regulamentado o tráfego de ônibus na cidade, todas as linhas iniciavam na interseção da *Avenida Rio Branco* com a João Pessoa. Em relação aos automóveis, os quais chegaram à cidade já no início do século XX. Após a década de 1920, o controle era feito pela Inspetoria de Trânsito, vinculada a Delegacia Especial da Secretaria de Segurança. Apenas em 1959 no governo Dinarte Mariz foi instituído o DETRAN (Departamento Estadual de Trânsito), com sede no Alecrim permanecendo no bairro até a década de 1980 (SOUZA, 2008: 72-76).

A intensificação do trânsito no bairro e a inserção de ônibus, um instrumento relativamente recente na cidade levava a problemas e reclamações. Na *Avenida Rio*

Branco houve um atrito entre um inspetor de trânsito, Xisto Joaquim da Rocha, e, um motorista de ônibus, Geraldo Xavier de Paiva. Após a queixa de um passageiro contra o motorista ao inspetor, o motorista agrediu o inspetor verbalmente, o que culminou com sua prisão (A REPÚBLICA, 14.03.1950: 5).

A recente implantação de linhas de ônibus gerava protestos nos jornais como expressa o texto do jornalista R. C. em sua coluna “Revista da Cidade”, texto intitulado “Não nos tirem os bondes”. O texto relata a retirada dos últimos bondes da cidade, um veículo que vinha sendo excluído também de outras capitais por se tratar de um veículo lento, porém, pouco perigoso para a vida dos passageiros e transeuntes. O bonde era o veículo do pobre, do operário que vive do lar ao trabalho ou do burocrata que não tem pressa de chegar ao trabalho. A defesa dos bondes se estende a seus condutores que seriam menos indelicados que os dos ônibus. Os bondes remetiam a uma Natal “de quarenta anos passados. De uma Natal em que os seus habitantes ficavam à tardinha de pijama à calçada, sem preocupações outras que a felicidade dos filhos e a tranquilidade da esposa...” (TRIBUNA DO NORTE, 12.10.1951: 2).

O trânsito de Natal se intensificava levando a Inspetoria de Trânsito a instalar postes nos pontos mais importantes da cidade como no cruzamento da Ulisses Caldas com a *Avenida Rio Branco*. Nesses postes um “sentinela” vigiava o tráfego “nesse trecho da cidade que é, em certas horas, o mais movimentado da capital”. O texto relata ainda a incidência de acidentes e batidas na esquina da *Avenida Rio Branco* com a *Rua João Pessoa*, pois depois da meia-noite os motoristas dirigiam, muitas vezes, bêbados (TRIBUNA DO NORTE, 04.10.1951: 2).

Estabelecemos aqui um quadro do bairro da *Cidade Alta* em Natal, compreendemos que o bairro condensou os melhoramentos e investimentos da cidade, firmando-se como centro da capital. O bairro concentrava as casas comerciais, os clubes, cinemas, bares, cafés, confeitarias, sedes de associações, consultórios médicos, farmácias. Em decorrência de seu intenso movimento, o bairro também aglutinava os problemas relativos ao espaço urbano como as ocorrências policiais e de trânsito, bem como a mendicância. O bairro pelas suas qualidades centrais e pela vivência de diferentes sujeitos está associado a uma nomenclatura simbólica: o *Grande Ponto*.

1.2.2 - O Grande Ponto

Quando estudamos o bairro da *Cidade Alta*, a nomenclatura *Grande Ponto* se torna inevitável. Em diferentes jornais o termo é utilizado para se referir ao bairro. Mas o que seria o *Grande Ponto*? Seria outro nome para o bairro? De acordo com os textos de memória da década de 1980, o *Grande Ponto* não era todo o bairro, mas trecho ou zona que compreendia suas principais ruas e avenidas tais como a *Avenida Rio Branco*, a *Rua João Pessoa*, *Rua Princesa Isabel*, incluindo também a *Avenida Deodoro* da Fonseca no mesmo bairro. A nomenclatura está intimamente ligada ao *Café São Luiz*, pois o lugar faria parte do *Grande Ponto* e foi apontado posteriormente como herdeiro do mesmo. *Grande Ponto* foi espaço vivenciado por políticos, intelectuais e sujeitos economicamente privilegiados da cidade.

Alguns textos tentam estabelecer uma origem para a zona, *Grande Ponto* teria sido nome de um café que se manteve aberto das décadas de 1920 a 1950, estava localizado na esquina da *Rua João Pessoa* com a *Avenida Rio Branco*. Com o fechamento do espaço o nome estendeu-se para uma zona (SOUZA, 2008: 180-181). De acordo com Luís da Câmara Cascudo, o café ou mercearia *Grande Ponto* tinha duas portas abertas para a *Avenida Rio Branco* e três para a *Pedro Soares*, que passou a chamar-se *João Pessoa*. “*Grande Ponto* foi denominação daquela esquina e aquela esquina se tornou imóvel e catalisadora nas memórias”. (CASCUDO, 1981:9-11).

O estabelecimento *Grande Ponto* adquiriu popularidade, podemos encontrar em jornais da década de 1930 menções ao local e ao seu proprietário Francisco das Chagas Andrade. Em fevereiro de 1936, durante o carnaval uma nota do jornal levantou suposições acerca da fantasia do proprietário do estabelecimento, se teria a forma de uma interrogação. Esse questionamento em relação ao ponto estava relacionado a desenho do sinal ortográfico na fachada do espaço (A REPÚBLICA, 19.02.1936: 8). No mesmo ano podemos vislumbrar a elaboração de uma peça teatral nomeada *O Maluco do Grande Ponto*, de autoria de Alberto Moura (A REPÚBLICA, 31.03.1936: 8). O estabelecimento estava situado em ponto central da cidade e passou a ser referência espacial. Em março de 1936, um texto de autoria de Edgar Barbosa se refere as “imediações do ‘*Grande Ponto*’” como sendo caracterizada por intenso movimento, local para instalação de diferentes vendedores de doces e artefatos como bonecas de pano (A REPÚBLICA, 22.03.1936: 6).

A casa comercial que fechou marcou a memória de muitos sujeitos. Acerca do *Grande Ponto* enquanto estabelecimento, um de nossos contribuintes Pedro Grilo, informou que o espaço foi “um salão imenso com seis bilhares, lá dentro era o balcão da lanchonete [...]. O Café tinha uma interrogação bem grande, aí em baixo tinha escrito o ‘*Grande Ponto*’” (GRILO, 11.06.2008). Narrando suas vivências no local, Pedro Grilo lembrou que

No tempo antigo, o *Grande Ponto* e o *Café São Luiz* eram dois locais de bate-papo, de encontro, o *Grande Ponto* ele era café e bilhar. Tinha uns 5 ou 6 bilhar, sinuca, e tinha no recanto a cafeteira, tinha o cigarro e os lanches, bolo essas coisas. Eram os dois pontos de encontro. Tinha a confeitaria do Maiorana que botava as mesas na calçada, também era frequentado, mas dá “gente” ir mesmo era no *Grande Ponto* e *Café São Luiz*. E o Botijinha, em frente ao *Café São Luiz* onde é outra farmácia. (GRILO, 12.06.2012).

Com o fechamento da casa comercial, a nomenclatura *Grande Ponto* passou a servir para delimitar um trecho espacial, em texto jornalístico de 1959 que abordava o crescimento urbano da cidade, *Grande Ponto* designa não apenas um comércio, mas uma zona, passando a ser definido como “centro de maior movimentação de nossa cidade, que também sofreu o influxo de progresso que atingiu nossa capital” (A REPÚBLICA, 01.07.1959: 3). Abaixo podemos ver uma fotografia do estabelecimento *Grande Ponto*.

Através dos jornais de diferentes épocas podemos perceber um movimento também em relação a nomenclatura *Grande Ponto*, a força simbólica do termo pode já ser percebida pela tentativa de registro de uma praça com o mesmo nome na *Rua João Pessoa*. Uma iniciativa compreendida como tentativa de registro oficial do nome. Essa tentativa mobilizou Intelectuais como o jornalista e folclorista Veríssimo de Melo e o artista plástico e escritor Newton Navarro que argumentavam nos jornais posicionamentos a favor do nome *Grande Ponto* para a praça construída pelo então prefeito Djalma Maranhão. Veríssimo de Melo justificou a escolha do nome por “conservar a denominação que o povo consagrou em relação àquele local” (A REPÚBLICA, 08.03.1959: 4). O mesmo intelectual em coluna que assinava no jornal *A República* publicou que Luís da Câmara Cascudo, definido como “historiador da cidade”, sendo autoridade, havia concordado com o nome de “*Praça Grande Ponto*” (A REPÚBLICA, 12.03.1959: 4). A sugestão de Veríssimo de Melo agradou intelectuais da

cidade como o poeta e pintor Newton Navarro que escreveu elogiando a sugestão do nome e aproveitando para relembrar que o café de mesmo nome era frequentado por “políticos” e “intelectuais” e que mesmo fechado ainda era lembrado pela nomenclatura atribuída a uma região (A REPÚBLICA, 18.03.1959: 3).



Figura 02 – O estabelecimento *Grande Ponto* na década de 1940. Fotografia publicada na Revista Life pelo fotógrafo norte-americano Hart-Preston que registrou a construção da base militar em Natal durante o período da II Guerra Mundial. **Fonte:** (TRIBUNA, 15.03.2012). A fotografia apresenta o estabelecimento *Grande Ponto* e sua esquina movimentada para a época, local de parada dos bondes, de anúncios e que possuía um posto de controle de um guarda de trânsito.



Figura 03- A *Rua João Pessoa* e o estabelecimento *Grande Ponto*. Foto sem data do fotógrafo Jaci, apresenta o *Grande Ponto* e a movimentação de automóveis e pedestres no trecho. **Fonte:** CD Natal 400 anos de História, turismo e emoção, 1999.

A força do nome *Grande Ponto* fez com que muitos textos de memória tentassem delinear suas fronteiras e suas configurações. De acordo com Joanilo de Paula Rêgo o *Grande Ponto* seria fusão “ou a ‘ménage à trois’ da Rio Branco, Princesa Isabel e João Pessoa, justamente o epicentro do *H*, que forma o lendário, maldito, tradicional, eterno e imortal *Grande Ponto*”, essa área era delimitada ao Sul pela Nova Catedral, ao Norte pela Praça Padre João Maria, ao Leste pelo *Café São Luiz* e a Oeste pelo cinema Rex que ficava na *Avenida Rio Branco*. (RÊGO, 1981: 14-19). Alexandre Gurgel escreveu que o trecho

implica o cruzamento da *Rua João Pessoa* com a *Rua Princesa Isabel*, estendendo-se, culturalmente, da calçada do *Café São Luiz* [*Rua Princesa Isabel*] ao *Sebo Vermelho* [*Avenida Rio Branco*], e ainda com seus tentáculos alcançando o *Beco da Lama* [*Rua Dr. José Ivo*, que cruza a *Rua João Pessoa*], reduto etílico do *Grande Ponto*. (GURGEL, 2002: 163)

Manoel Procópio de Moura Júnior escreveu que o local era “denominação de uma parte do centro da cidade, localizada na *Rua João Pessoa*, precisamente entre a *Av. Rio Branco* e a *Rua Princesa Isabel*” (MOURA JÚNIOR, 2002: 55). Para o Padre Agustin Salom SJ, o *Grande Ponto* “se articula ao redor do eixo que vai desde a *Matriz de Nossa Senhora da Apresentação*, caminha pela praça do *Pe. João Maria*, *Praça Presidente Kennedy*, até a *Nova Catedral*” (SALOM SJ, 2002: 160).

Esses textos de memória apesar de produzidos na década de 1980 em diante, narram, muitas vezes, vivências das décadas de 1950 e 1960, exemplo é o texto de Marcos Maranhão, texto em que o autor cita as práticas que ocorriam no *Grande Ponto* no período do governo do seu pai Djalma Maranhão¹⁰ (1956-59/1960-64). O texto informa que ali se realizaram as grandes comemorações como, por exemplo, a vitória da seleção brasileira em 1958, os grandes carnavais, as apresentações de grupos folclóricos. Para o autor era ali que se concentrava o “espírito da cidade”. Um espaço que concentrava também espaços comerciais de interação entre os sujeitos. A zona é

¹⁰ Conhecido como um incentivador da cultura popular, Djalma Maranhão incentivou o folclore e organizou junto com Luis da Câmara Cascudo alguns Congressos de Folclore na década de 1950. Foi professor de educação física e político possuidor de grande popularidade, administrou Natal por duas vezes, na primeira de 01 de fevereiro de 1956 até 20 de julho de 1959, nomeado pelo governador Dinarte Mariz. O seu segundo mandato foi de 05 de novembro de 1960 a 02 de abril de 1964 quando foi deposto pelo movimento militar, perseguido por posturas socialistas exilou-se no Uruguai (SOUZA, 2008: 98-182).

comparada a “*Ágora*” grega. Djalma Maranhão seria o patrono do *Grande Ponto* por ter asfaltado a região e investido na iluminação. Além disso, o então prefeito circulava pelo espaço cotidianamente (MARANHÃO, 2002: 57-60). Para o jornalista João Batista Machado, o *Grande Ponto* era espaço de troca de palavras para diferentes sujeitos, era “termômetro político da cidade. Lá os boatos proliferavam”. Era local em que as “focacas políticas” começavam (MACHADO, 1998: 174). O imaginário da *ágora* estaria presente nas representações do *Grande Ponto*. A *ágora* da Antiguidade grega era espaço em que as pessoas se movimentavam conversando sobre diversos assuntos e em pequenos grupos ao mesmo tempo, onde não havia voz dominante, locais do homem cidadão, de opinião pública, onde os cidadãos discutiam e decidiam aspectos políticos. Espaços para comer, negociar e tecer mexericos, onde o calor dos debates esquentava os corpos, ligados a concepções democráticas, os chamados espaços da fala (SENNETT, 2003:29-60).

Os diferentes documentos, sejam eles da década de 1950, como os textos jornalísticos, sejam os diferentes textos de memória, se referem ao *Grande Ponto* como espaço de intenso movimento, espaço de interação entre pessoas e vivências. Esse espaço teve seus contornos e práticas registrados principalmente na década de 1980, quando a cidade teve seu crescimento intensificado, constituindo-se o *Grande Ponto* como espaço de saudade. Apesar de muitos textos referentes ao *Grande Ponto* se caracterizarem por textos de memória produzidos décadas depois, eles permitem elaborar um quadro simbólico do espaço e das práticas que ocorriam no local nas décadas de 1950 e 1960, o *Grande Ponto* era núcleo que aglutinava as relações sociais e os investimentos urbanos na época, período em que a *Cidade Alta* era ponto central frequentado por intelectuais, políticos e sujeitos economicamente privilegiados.

Para elaborar um quadro do que foi o *Grande Ponto*, elaboramos uma seleção de alguns locais que fizeram parte desse espaço, esses locais foram marcados em um mapa abaixo. O ponto número 1 faz referência ao *Cinema Nordeste* na *Rua João Pessoa*. O cinema foi inaugurado em 1958 de acordo com Souza. O ponto 1 também marca a localização da *Sorveteria Oásis* que funcionava como anexo do *Cinema Nordeste* (SOUZA, 2008: 181-182).

O ponto 2 faz referência à localização do *Natal Clube*, banca *O Zepelin* e à *Praça Presidente Kennedy*. O *Natal Clube* (1906 a 1968) foi um clube composto por associados em que se realizavam bailes, jogos, carnavais e organizavam-se piqueniques.

Era um clube restrito frequentado por políticos e outras figuras de relevo social na cidade (MEDEIROS, 2002: 141). Para Cascudo o *Natal Clube* era o “maior centro social da cidade” (CASCUDO, 1981:9-11). Luiz Veiga Filho o proprietário do *Café São Luiz* fazia parte do *Natal Clube*, sendo admitido como sócio efetivo em 1922 (A REPÚBLICA, 07.10.1922). A Banca de Revistas *O Zepelin* (2), inaugurada em 1939, funcionava na calçada do *Natal Clube*, manteve-se aberta durante a década de 1950, vendia revistas, charutos e jornais, tornou-se um ponto de informação na cidade (SOUZA, 2008: 172-173). A *Praça Presidente Kennedy* (2), em frente ao *Natal Clube*, foi um local de interação entre sujeitos na década de 1960, no local havia assentos em forma de cubos que passaram a ser conhecidos como “cocadas”, nome que se transferiu ao grupo de frequentadores da Praça que discutiam sobre muitos temas dentre eles cinema (SILVA, 2002: 116). O monumento a Kennedy foi inaugurado em 1965 (SOUZA, 2008: 183).

A localização do *Cinema Rex* é marcada no ponto 3, cinema de intensa movimentação inaugurado em 1936 e fechado em 1972, atualmente *Lojas Insinuante* (SOUZA, 2008: 172). Além do *Cinema Rex* havia na *Avenida Rio Branco* a *Livraria Universitária* aberta em 1959 (SOUZA, 2008: 175) e o *Instituto de Música*, local onde se reunia a *Academia Histórico Cultural*, um grêmio estudantil. (GÓES, 2002: 71).

Local importante, e epicentro geográfico que teve o nome posteriormente transferido a zona, assim foi o *Café Grande Ponto*, sinalizado no ponto 4. De acordo com Cascudo era ali que se cruzavam os bondes elétricos vindos dos bairros de Tirol, Petrópolis, *Ribeira* e Alecrim (CASCUDO, 1981:9-11). No local, atualmente está localizado o *Edifício Amaro Mesquita*. O *Café Grande Ponto* foi inaugurado na década de 1920 e fechou no início da década de 1950, entre 1951 e 1953 (SOUZA, 2008: 180).

O *Bar e Confeitaria Cisne* (5) foi uma confeitaria na parte dianteira e ao fundo possuía um serviço de bar no local mais reservado (SODRÉ, 2002: 110). Era um espaço composto por mesas de tampo de mármore e cadeiras de ferro (FONSECA, 2002: 125). Ficava quase no final da *Rua João Pessoa*, número 162. Foi espaço frequentado por eruditos como Cascudo e Veríssimo de Melo (MELO 2002: 127). Também eram lugares de interação na mesma rua a *Confeitaria Helvética*, *Café Maia*, *Casa Vesúvio*, *Acácia Bar*, *Confeitaria de Aracati* e o *Restaurante Dois irmãos* (MOURA JÚNIOR, 2002: 55-56).

No ponto 6, podemos localizar o café *O Botijinha*, local composto por mesas de metal e mármore e com serviço de garçons (GALVÃO, 2002: 97). Era um café conhecido por funcionar vinte e quatro horas, era uma “central de boatos e verdades, partida das aventuras boêmias que nasciam dali” (DUARTE, 1981: 12-13). No andar superior do prédio do café funcionava a Sede do *Santa Cruz Futebol Clube* (MOURA JÚNIOR, 2002: 56).

O número 7 pontua a localização das primeiras instalações do *Café São Luiz*, fundado como Posto de Degustação. O *Café São Luiz*, inaugurado em 1953, mudou-se em 1959, para a Avenida Princesa Isabel (SOUZA, 2008: 181-202). Para Moacyr de Góes, o “*Café São Luiz* e a *Confeitaria Cisne* tinham públicos cativos” (GÓES, 2002: 72). Já o número 8 foi o local de instalação do *Café São Luiz* durante a década de 1960 até a atualidade. “As pessoas, políticos, funcionários públicos, profissionais liberais, estudantes, etc., batem papo, comentam notícias do dia, entre um cafezinho e outro tomado no *Café São Luiz*, a alguns passos, na *Rua Princesa Isabel* (e sempre arriscam um olho no mulherio que vai passando, vindo das compras)” (ONOFRE JÚNIOR, 2002: 149).



Figura 04 - Mapa e localização de estabelecimentos do *Grande Ponto*. **Fonte:** (MIRANDA, 1999: 132) imagem adaptada pelo autor.

1.3 - A INAUGURAÇÃO DO CAFÉ SÃO LUIZ

1.3.1 - A indústria e o proprietário

Na década de 1950, o bairro da *Cidade Alta* era localização mais procurada para o estabelecimento de qualquer ponto comercial. Os principais bares, confeitarias e cafés estavam localizados na região. Levando em consideração esses parâmetros podemos compreender a escolha pelo local de instalação do *Café São Luiz*, uma das principais esquinas, entre a *Rua João Pessoa* e a *Rua Princesa Isabel*, em meio ao *Grande Ponto*.

Tratando de outros cafés na região, além do *Café São Luiz*, Pedro Grilo informou que havia “o *Café Maia*” na *Rua João Pessoa*, e em frente ao primeiro ponto de fundação do *Café São Luiz*, na esquina da *Rua João Pessoa* com a *Princesa Isabel*, havia o café *Botijinha* “*café que tinha porta de “vai-vem”, que não fechava não! Era direto! A boêmia todinha se concentrava na madrugada lá entendeu?*” (GRILO, 11.06.2008).

Sobre a instalação de cafés na região em lista telefônica do ano de 1956 a 1957, encontramos assim como o *Café São Luiz* também o *Café Magestic*, localizado na *Rua Ulisses Caldas*, n. 101, que vendia café, “*refrescos*”, “*bolinhos*” e “*bebidas em geral*” (LISTA, 1956: 20). Natal também possuía, de acordo com a lista telefônica de 1956, 11 indústrias de Torrefações. Dentre elas, ganham destaque a do *Café Maia*, na *Rua João Pessoa*, n. 167, a *Torrefação e Moagem do Café Vencedor*, produzido pelo *Moinho de Ouro Indústria e Comércio LTDA*, na *Rua Manoel Miranda*, n. 1469, no Alecrim e a do *Café São Luiz*, na *Rua General Glicério, Ribeira*, n. 224 que produzia o *Café São Luiz* e o café “31” (LISTA, 1956: 19-20).

O *Café São Luiz* foi fundado como *Posto de Degustação do Café São Luiz*, ou seja, um espaço que fazia parte de um complexo de estabelecimentos ligados ao café produzido pela *Torrefação e Moagem São Luiz* do proprietário Luiz Eugênio Ferreira Veiga Filho. A primeira função do *Café São Luiz* foi comercial, tinha o intuito de aproximar o público da bebida produzida pela *Torrefação* que já funcionava desde 23 de Outubro de 1938. A marca *São Luiz* de café era conhecida na cidade quando o *Café São Luiz* abriu suas portas. Assim diferentes fatores possibilitaram o sucesso do

estabelecimento, não apenas a sua localização espacial, mas a qualidade e popularidade do produto que se conectara também à imagem do proprietário da indústria.

De acordo com documentos da *Junta Comercial do Rio Grande do Norte*, Luiz Eugênio Ferreira Veiga Filho, comerciante e industrial era o único responsável pela firma Luiz Veiga que estava situada na *Avenida Rio Branco*, nº 579. Essa firma, registrada na *Junta Comercial* em 04.11.1932, tinha o objetivo principal de *Torrefação e Moagem* de café. Inicialmente era denominada *Torrefação Modelo*, mudando seu nome em 1940, passando a chamar-se *Torrefação e Moagem São Luiz*, e registrando no mesmo ano aumento de capital de CR\$ 30.000, 00 (trinta mil cruzeiros) para CR\$ 200.000, 00 (duzentos mil cruzeiros). Essas alterações feitas em 1940 passaram a vigorar em 1945 (ALTERAÇÃO 18.01.1945).

Após alguns anos conduzindo o negócio sozinho, Luiz Veiga, em 1957, decidiu tornar a *Torrefação* um negócio de família, é a partir desse momento que os documentos citam a entrada de diferentes sócios e ao mesmo tempo membros da mesma família. Em dezembro de 1957, foram admitidos como sócios, o filho de Luiz Veiga, Roberto Veiga e sua esposa Gisélia Brandão Veiga. A sociedade passou a denominar-se *Luiz Veiga & Cia* e transferiu sua sede para a *Rua General Glicério* nº 224, bairro da *Ribeira* (CONTRATO 21.12.1957). Além do filho e da esposa, na década de 1970 entrou na sociedade também sua filha Lúcia Veiga Fernandes. Em aditivo de 16 de setembro de 1977, Gisélia Brandão Veiga saiu da sociedade por motivo de óbito (ADITIVO Nº 11, 16.09.1977). Dois anos depois da morte de Gisélia Veiga ingressou na sociedade Luciano José Veiga Fernandes, filho de Lúcia Veiga Fernandes, neto de Luiz Veiga. No mesmo documento é declarado o espólio de Luiz Eugênio Ferreira Veiga Filho, o fundador da firma que faleceu em 15 de fevereiro de 1979 (ADITIVO Nº 2, 21.12.1979). Em 1990 faleceu Roberto Luiz Veiga, ingressando no mesmo ano Lúcia de Fátima Veiga Fernandes. Esse ano marcou também a mudança do nome da firma para *Veiga Torrefação e Moagem de Café Ltda.* (ALTERAÇÃO 14.11.1990).

Luiz Eugênio Ferreira Veiga Filho era um sujeito de prestígio social e econômico, membro de família de elite na cidade, filho do intendente municipal e também industrial, dono da “*Saboaria Potengy*”, o “*Coronel Luiz Veiga*”, nascido em 1873 e falecido em 1921. O Coronel Luiz Veiga era pessoa de destaque na sociedade natalense, sua morte em 1921 foi noticiada no *Jornal A República*. De acordo com a notícia prestaram-lhe homenagens as “lojas maçônicas, o ‘*Natal Club*’ a *Associação*

Commercial e a Intendência Municipal, hastearam a bandeira em funeral”. A família Veiga era tida como “uma das mais distintas de nossa terra” (A REPÚBLICA, 17. 08. 1921: 1).

Os passos do então industrial Luiz Eugênio Ferreira Veiga Filho eram noticiados nas páginas da coluna social da década de 1950 e 1960 principalmente do jornal *A República*. Na coluna “Acontecimentos da Cidade”, assinada pelo escritor Veríssimo de Melo, sujeito com o qual mantinha relações pessoais, as notícias se referem a Luiz Veiga como uma figura de relevo social e econômico na cidade.

Aniversariou ontem o industrial Luiz Veiga, proprietário da *Torrefação São Luiz* e figura de destaque na vida social e econômica de Natal.

Pelo grato acontecimento, amigos e admiradores do Sr. Luiz Veiga, compareceram à sua residência, ontem à noite, onde foram fidalgamente recepcionados (A REPÚBLICA, 1.11.1957).

Luiz Veiga era membro de importantes associações como o *Natal Clube* em que foi aceito como sócio efetivo em 07 de outubro de 1922 (A REPÚBLICA, 07.10.1922). Como Luiz Veiga, também figuravam nos jornais seu filho e sócio da *Torrefação e Moagem São Luiz*, Roberto Veiga. A coluna social cita viagens de Roberto Veiga para a Europa e para a América do Norte (A REPÚBLICA, 05. 10. 1957: 4). Roberto Veiga tinha seu aniversário também noticiado, festa comemorada de acordo com os jornais em sua “elegante residência na Avenida Getúlio Vargas” com “figuras de destaque” na sociedade natalense (A REPÚBLICA, 04. 03. 1958: 4). Entre essas figuras destaca-se a presença de nomes como o escritor, jornalista e folclorista Veríssimo de Melo e a poetisa e bibliotecária *Zila Mamede* (A REPÚBLICA, 05. 03. 1958: 4).

Luiz Veiga era apresentado pelos jornais como um empresário empenhado e engajado que costumava realizar viagens para aperfeiçoar a produção de café de sua indústria, como quando participou da Conferência de Produtores de Café no Rio de Janeiro em 1958.

No próximo dia vinte do corrente deverá instalar-se no Rio de Janeiro a Conferência Internacional do Café.

Representantes de vários países produtores de café participarão do conclave, que está despertando o mais vivo interesse nos meios econômicos e financeiros do país.

Em recente declaração a imprensa o representante da Colômbia, Sr. Manuel Mejia, afirmou que vinha ao Brasil não apenas participar da conferência, mas concretizar um plano que há cinquenta anos vem sendo elaborado e que diz respeito à criação de uma entidade destinada a defender e propagar as qualidades do café no mundo, principalmente os produzidos nos países que se farão representar na conferência.

Desta capital, a fim de participar do conclave, viajou na última semana o Sr. Luiz Veiga, proprietário da *Torrefação São Luiz* e figura de destaque na vida econômica e social do Estado (A REPÚBLICA, 18.01.1958: 4).

Veiga seria então um empresário preocupado com sua produção, com seus negócios, participando de eventos de proporções internacionais. A divulgação do produto também era um mecanismo utilizado por Luiz Veiga. Podemos encontrar em jornais da década de 1950 a divulgação da marca em letras grandes e escritas de cima para baixo na seguinte ordem: “LUIZ VEIGA/ TORREFAÇÃO E MOAGEM SÃO LUIZ/ CAFÉ SÃO LUIZ - 100% PURO/ NATAL” (A REPÚBLICA 01.07.1956: 08).



Figura 05 – Publicidade de 1956, *Torrefação e Moagem São Luiz*. **Fonte:** (A REPÚBLICA 01.07.1956: 08)

A escolha de posicionar acima e em primeiro lugar o nome da firma e seu nome e sobrenome pessoal se referem à participação de Luiz Veiga nos seus negócios e a sua imagem fortemente ligada a sua indústria. A imagem de um sujeito bem

relacionado, de relevância social, proveniente de uma família importante, mas que ao mesmo tempo era um empenhado empresário. Abaixo segue o nome da *Torrefação* e a atestação de qualidade ao produto, representada não apenas pelo número “100%”, mas também pela associação do produto ao seu produtor. Podemos compreender que era um artifício utilizado por Luiz Veiga para atestar a qualidade e divulgar o produto, o uso do artifício de sua posição social e popularidade na cidade.

Os melhoramentos realizados na indústria também eram noticiados nos jornais, como as realizadas nas instalações da *Torrefação e Moagem Café São Luiz* da *Avenida Rio Branco*, nº 579, que rendeu publicação no periódico *Bando* em 1949. A publicação se preocupa em elaborar uma trajetória da *Torrefação* fundada por Luiz Veiga. Pelo texto da publicação também podemos compreender a forma como a indústria estava ligada a figura de Veiga.

Luiz Veiga, filho de comerciante, ativo, inteligente, viajado, não quis ficar na retaguarda dos destinos econômicos de sua terra. De uma pequena indústria, instalada, há onze anos, na *Avenida Rio Branco*, conseguiu a poder de tenacidade e de esforço, transformá-la numa grande indústria, capaz de competir com as melhores do norte do Brasil. Uma visita às novas instalações da *Torrefação e Moagem ‘São Luiz’*, funcionando em prédio novo, espaçoso e amplo, devidamente higienizado, demonstrará o quanto pode a iniciativa particular, orientada e dirigida nos moldes em que está sendo a firma desse norte-rio-grandense de boa tempera (BANDO apud SILVA, 1982: 97).

O texto da publicação de *Bando* cita a filiação de Luiz Veiga e suas qualidades. A publicação quer lembrar as origens de Veiga como membro de uma família também de comerciantes. Luiz Veiga teria herdado a aptidão para o comércio de seu conhecido pai Coronel Luiz Veiga. Era esse tino para o comércio que possibilitavam o crescimento da indústria e a qualidade do café produzido na *Torrefação e Moagem São Luiz*.

1.3.2 - A notícia da inauguração do *Café São Luiz*

Evento de repercussão, a inauguração do *Café São Luiz* foi noticiada em um dos jornais de maior repercussão da cidade, o *Diário de Natal*. A abertura do ponto ocorreu em um domingo, no dia 01 de fevereiro de 1953. A inauguração compreendeu uma solenidade, estando presente na inauguração amigos do fundador, o industrial Luiz

Eugênio Ferreira Veiga e outras autoridades. A escolha para a localização do ponto comercial foi à esquina da *Rua João Pessoa* com a *Rua Princesa Isabel*.

Conforme estava anunciado, foi inaugurado solenemente, na tarde de ontem, o Posto de Degustação do *Café São Luiz*, moderno e luxuoso estabelecimento localizado na esquina das ruas João Pessoa e Princesa Isabel.

Ao ato estiveram presentes autoridades, comerciantes, industriais, jornalistas, numerosas famílias da nossa melhor sociedade, amigos e admiradores do ilustre proprietário Sr. Luiz Veiga.

A bênção das instalações foi oficiada pelo Rvmo. Mons. João da Matta Paiva, Vigário Geral da Arquidiocese de Natal que proferiu em seguida palavras de felicitações pela iniciativa de um cidadão que amando sua terra tudo tem feito para bem servi-la.

Em seguida o industrial Luiz Veiga pronunciou um bem elaborado discurso sobre o café, oração que publicaremos na íntegra em nossa edição de amanhã.

Na qualidade de representante do Governador Silvio Pedroza o Dr. Cristovam Dantas, Diretor do Departamento de Agricultura declarou inaugurado o Posto de Degustação tecendo considerações sobre o significado do empreendimento que veio preencher uma lacuna em nossa terra.

Todos os detalhes da solenidade foram transmitidos pela Rádio Poti.

Após o ato inaugural o Sr. Luiz Veiga foi efusivamente cumprimentado por quantos ali compareceram.

O Posto de Degustação do *Café São Luiz* que é sem favor um dos mais bem instalados do Nordeste, funcionará diariamente até às 22 horas oferecendo ao público um café de excelente qualidade, feito na hora, em ambiente de luxo e perfeita higiene (DIÁRIO 02.02.1953).

O *Café São Luiz* foi inaugurado com uma celebração pomposa, uma inauguração que pôde ser acompanhada na época pela Rádio Poti. O então Posto de Degustação veio aproximar o público do café que vinha sendo produzido pela *Torrefação São Luiz*, fundada em outubro de 1938. A celebração e a repercussão da inauguração do espaço se referem ao já conhecido e estabelecido café produzido pela *Torrefação São Luiz*, e a popularidade de seu proprietário, Luiz Veiga.

Podemos perceber a forte presença de Luiz Veiga em diversos momentos do texto. O texto da inauguração cita a presença de “*amigos e admiradores do ilustre proprietário Sr. Luiz Veiga*”. O termo “*ilustre*” simboliza a posição de prestígio ocupada pelo industrial, uma posição de relevo na cidade. Também podemos perceber a presença de Veiga nas felicitações do Vigário Geral da Arquidiocese de Natal Mons. João da Matta Paiva a Luiz Veiga, um “*cidadão que amando sua terra tudo tem feito para bem servi-la*”.

Por meio dos investimentos e da localização do Posto de Degustação podemos compreender a que clientela o local estava destinado, a que público se dirigia, afinal o espaço era “*moderno e luxuoso*”, localizado em um ponto central.



Figura 06 - Fotografias de inauguração do *Posto de Degustação do Café São Luiz* em 1953. Na primeira monsenhor João da Matta Paiva dando a bênção ao local, ao lado o industrial Luiz Eugênio Ferreira Veiga Filho proferindo seu discurso, abaixo o diretor do Departamento de Agricultura Cristovam Dantas declarando inaugurado o estabelecimento e ao lado “autoridades” e fregueses em frente ao ponto. **Fonte:** (DIÁRIO 02.02.1953: 08).

Como era de conhecimento a clientela da área era formada por sujeitos pertencentes à elite natalense. O café foi construído para ser visitado por políticos, escritores, funcionários públicos, artistas plásticos, poetas dentre outras funções, sujeitos que frequentavam as sorveterias e clubes da localidade da *Cidade Alta* na década de 1950. O ponto era de acordo com o texto do jornal, um “dos mais bem instalados do Nordeste”, possuía “ambiente de luxo e perfeita higiene”. A cobertura da inauguração do *Café São Luiz* pelo jornal *Diário de Natal* rendeu, dois dias após a fundação, a publicação do discurso do proprietário da *Torrefação* e do Posto de Degustação. O discurso foi publicado em uma terça-feira, 03 de fevereiro de 1953. Em

seu discurso Luiz Veiga informou os objetivos do Posto de Degustação do *Café São Luiz*.

São dois os objetivos deste 'Posto de Degustação': - 1º, educar mais e mais o paladar dos apreciadores da famosa rubiácea; e 2º, despertar o interesse do consumidor brasileiro pelo Café, fazendo-lhe ver a sua importância, o que ele representa para nós social e economicamente e, sobretudo visando um maior consumo interno garantia segura da estabilidade e do futuro do nosso grande produto.

Sentimo-nos ufanos por esta iniciativa, com a qual não visamos exclusivamente o lucro do negócio, mas, igualmente, o interesse e o bem estar dos nossos clientes e amigos e acima de tudo a grandeza do Brasil (DIÁRIO 03.02.1953).

No discurso o proprietário informou que o brasileiro apesar de exportar o café em grande quantidade, ainda é um tímido consumidor. Além disso, esclarece que o café de qualidade é destinado à exportação. O discurso elabora a imagem de um empresário preocupado com a economia, um conhecedor do produto que trabalha e das condições de comércio e de consumo. A abertura do Posto de Degustação estaria em acordo com esses aspectos como enumera Veiga, os objetivos visam educar o paladar e despertar o interesse do consumidor pela bebida, elementos ligados à economia.

Ao longo deste capítulo vislumbramos os demais aspectos conectados a fundação do *Café São Luiz*, a escolha do local e seus significados atribuídos ao local pela nomenclatura *Grande Ponto*, bem como os aspectos ligados à indústria e seu proprietário, Luiz Eugênio Ferreira Veiga Filho. Em último lugar trabalhamos com os aspectos referentes à notícia de inauguração do espaço. Através da notícia e do discurso de seu proprietário compreendemos as pretensões iniciais em construir o espaço, ligadas a interesses comerciais de ampliação da Indústria pela implantação de um posto oficial de degustação, divulgando o produto em um ambiente bem localizado e equipado. Foi nessas perspectivas que inicialmente o *Café São Luiz* foi implantado, um ponto comercial e de lazer instalado no *Grande Ponto* na década de 1950.

CAPÍTULO 2: O CAFÉ SÃO LUIZ NA PAISAGEM DA SAUDADE

Durante a década de 1950 perpassamos a inauguração do *Café São Luiz* no trecho denominado *Grande Ponto*. Nas décadas de 1970 e 1980 a cidade do Natal expandiu-se para outras regiões, adquiriu conjuntos habitacionais e adquiriu centros de compras climatizados, os *Shoppings*. Esse crescimento significou uma nova configuração do bairro da *Cidade Alta* que teve seu comércio intensificado e seu espaço tomado por um comércio ambulante. Essas mudanças possibilitaram uma série de escritos que apresentavam o que se compreendia como *Grande Ponto* como uma geografia em ruínas, e posicionava o *Café São Luiz* como um lugar de apoio para a memória de um grupo de frequentadores e de importância para a cidade do Natal, um herdeiro dos significados do *Grande Ponto*.

2.1 - A CIDADE DO NATAL E SUAS CONFIGURAÇÕES ESPACIAIS (1970-1980)

Durante as décadas de 1970 e 1980 a cidade teve suas feições modificadas. Livros de memória como o *Sociologia do Grande Ponto*, de Raimundo Nunes, publicado em 1985, citam essas mudanças. Nunes informa que em 1982, Natal promoveu sua ampliação urbana, ganhou espaços conquistados por edificações de bairros, vilas e conjuntos habitacionais. A cidade teria também adquirido edifícios residenciais de elevado porte, ganhou *Shoppings* e elevou seus índices populacionais. Natal também emergia como polo de atração turística por suas belezas naturais. Para Nunes, a “jovem se fez mulher” (NUNES, 1985: 17-30).

Pesquisando no jornal *O Poti*, de 1983, podemos encontrar publicidades acerca do *Shopping Center Cidade Jardim*. Analisar essa publicidade dentro da perspectiva do nosso objeto de estudo nos levou a problematizar as mudanças sociais e espaciais pelo qual a cidade estava passando na mesma década.

A publicidade trazia um amplo desenho da fachada do *Shopping* que foi inaugurado em 1984, o segundo da capital. Tratando-se de um centro de compra, o estabelecimento foi construído longe dos pontos tradicionais da cidade destinados a esses fins. A escolha da localização foi a Avenida Engenheiro Roberto Freire, na Zona Sul de Natal. A publicidade informa sobre a localização e a estrutura do

empreendimento que o *Shopping Center Cidade Jardim* era “um dos mais arrojados projetos arquitetônicos da atualidade, à nível internacional e privilegiada localização. Considerado o melhor empreendimento no momento”. A privilegiada localização referida na publicidade era a Zona Sul de Natal, ponto privilegiado por ser “entrada das mais belas praias e paisagens potiguares”. Dentro das vantagens enumeradas pelo empreendimento estão “102 espaçosas lojas envidraçadas, cinema, agências bancárias, estacionamento circulante para mais de 150 veículos e toda infraestrutura necessária”, era um empreendimento da Veríssimo e Filhos LTDA (O POTI, 09.10.1983: 5). A escolha da localização “a caminho das mais belas praias” se refere à intensificação do turismo e investimentos em infraestrutura relativa aos caminhos de exploração da orla, representam também a ocupação de uma elite econômica para outras regiões da cidade. Os atrativos da publicidade do *Shopping Center Cidade Jardim* também sugerem uma demanda diferenciada na época, a busca por espaços organizados, fechados, locais em que se faziam compras com mais segurança. Esses locais possuíam a comodidade das vagas de estacionamento e o luxo das lojas envidraçadas.

Na década de 1980 a cidade passava por uma intensificação do turismo, impulsionada desde fins da década de 1970, pelos investimentos do *Plano Nacional de Desenvolvimento*, no governo do Presidente Ernesto Geisel (1974-1979) que destinou verbas para a implantação de projetos turísticos em orlas de várias capitais. Esse período significou para Natal investimentos em relação aos espaços com potencial turístico, como por exemplo, a construção da *Via Costeira*. O Projeto para a construção foi elaborado em meados da década de 1970 e inaugurado em 1983. O projeto mobilizou sociólogos e ecologistas e foi reformulado diferentes vezes após a inauguração. O projeto inicial incluía a construção da estrada que ligava a *Praia do Pinto* até a *Praia de Ponta Negra* e também a construção de hotéis de luxo e do *Centro de Convenções*.

Além da *Via Costeira* os caminhos em direção a *Ponta Negra* passaram por melhoramentos e investimentos, nessa perspectiva, se destacou o *Bairro de Capim Macio*, o crescimento populacional do bairro teria ocorrido com a duplicação de 1972 da Pista de *Parnamirim*, atual *BR – 101*, bem como com a construção do *Viaduto de Ponta Negra* entregue no final de 1974, essas duas obras, bem como a duplicação do asfaltamento da *Avenida Engenheiro Roberto Freire* em 1983, avenida aberta desde a década de 1920, teriam impelido a expansão da cidade em direção a *Zona Sul*, a qual

passou a ser procurada pela classe média alta. Esse bairro se caracterizou pela construção de condomínios de apartamentos e casas (SOUZA, 2008: 631-670).

A Zona Sul da cidade passou a abrigar os principais centros de compra da época na cidade como o *Shopping CCAB-SUL* (Centro Comercial Aluísio Bezerra) na confluência da *Avenida Roberto Freire* com a *Odilon Gomes de Lima*, inaugurado, em 1983, o *Shopping Cidade Jardim*, de 1984, na *Avenida Engenheiro Roberto Freire*. Na década posterior, em 1991, foi inaugurado o *Natal Shopping Center* que começou suas atividades com 80 estabelecimentos, e em 1994, e o *Shopping Via Direta*, na BR - 101, na época o primeiro a comercializar produtos diretamente das indústrias (SOUZA, 2008: 605-695).

Na região de Lagoa Nova, próxima aos *Shoppings* e anterior a eles, podemos citar a implantação do *Campus da UFRN*¹¹, obra iniciada em 1972, e inaugurada em 1979, e a obra da maior arena esportiva do estado, projetada desde fins da década de 1960, o *Machadão*. O estádio foi aberto ao público em 1972 e foi concluído em 1975.

O crescimento para as regiões da Zona Sul da cidade está ligado à expansão territorial pelo qual a cidade estava passando nas décadas de 1970 e 1980, de acordo com Pedro de Lima do *Departamento de Arquitetura* da UFRN de 1999, houve uma tendência de crescimento da cidade em relação à ocupação de outras áreas com a construção de conjuntos habitacionais ao Sul e ao Norte das áreas centrais. Em vinte anos a cidade triplicou sua população (LIMA, 1992: XI – XVI). De acordo com dados do IBGE apresentados por Passos, em 1960 a cidade possuía 160.253, em vinte anos, na década de 1980, a cidade possuía 416.898 (PASSOS, 1992: 16-116).

Já em fins da década de 1960 a cidade vinha apresentando tendência de desenvolvimento de habitação e ocupação de outras áreas fora do circuito *Cidade Alta*, *Ribeira*, *Alecrim*, *Tirol*, *Petrópolis* e *Rocas*. Itamar de Souza lembra a construção da *Cidade da Esperança* no governo Aluísio Alves em 1966, na Zona Oeste da cidade. Em 1967 o bairro foi oficialmente instituído durante o governo do prefeito Agnelo Alves, irmão do ex-governador Aluísio. No governo Walfredo Gurgel (1966-1971), o bairro teve intenso crescimento. Em 1969 possuía já 1.300 casas tendo posteriormente no mesmo ano mais 778 construídas.

¹¹ A Universidade foi criada pelo Governador Dinarte Mariz em 1958. Tinha seus cursos espalhados por diferentes prédios da cidade. A Universidade foi federalizada durante o governo de Juscelino Kubitschek em 1960. Em 1967-1968 o governo brasileiro inspirou-se no modelo educacional norte-americano e concentrou os cursos em uma única área (SOUZA, 2008: 616-617).

Nas décadas de 1970 e 1980 a cidade conheceu ocupação territorial acelerada em detrimento da participação de conjuntos habitacionais construídos por iniciativas de empresas construtoras como COHAB-RN (Companhia de Habitação do Rio Grande do Norte) E INOCOOP (Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais). Essas empresas passaram a existir quando o governo do presidente Ernesto Geisel (1974-1979) elaborou o *II Plano Nacional de Desenvolvimento* e investiu milhões na habitação. Nesse período houve intensificação dos investimentos do *Banco Nacional de Habitação*.

Entre esses bairros estão *Neópolis*, construído sob orientação da INOCOOP, em 1970, o conjunto *Jiqui* pela COHAB e inaugurado em 1976, o *Conjunto Pirangi* por iniciativa da COHAB e inaugurado em 1978. O *Bairro de Candelária* construído pela INOCOOP e inaugurado em 1976, o bairro *Pitimbu* e conjunto *Cidade Satélite* pela INOCOOP, bairro concluído em 1983. O *Conjunto Mirassol* pela INOCOOP e que teve o início da ocupação em 1975.

Ainda de acordo com Souza, além do crescimento da expansão das zonas Sul e Oeste, destacam-se também os diferentes bairros da Zona Norte que se desenvolveram nesse período. Segundo o autor, foram construídos 44 conjuntos habitacionais pela COHAB- RN e por empresas privadas na Zona Norte de Natal. Dentre eles podemos destacar o bairro *Potengi* que compreende os seguintes conjuntos: *Conjunto Potengi*, inaugurado em 1975, pelo governador Tarcísio Maia, e o primeiro erguido na Zona Norte; os conjuntos *Panorama I e II*, construídos pela COHAB também no governo de Tarcísio Maia e inaugurado em 1977; o *Conjunto Soledade I* também pela COHAB no ano de 1977; o *Conjunto Santa Catarina* em 1978 por um contrato entre Tarcísio Maia e o BNH, *Banco Nacional de Habitação*, que financiou a construção do Conjunto; os conjuntos *Panatis I e II* pela COHAB em 1978; o *Conjunto Santarém*, em 10 de maio de 1983 durante mandato de Lavoisier Maia e com obras realizadas com recursos do BNH através da COHAB-RN. Além do *Bairro Potengi*, também surgiram os conjunto habitacional *Nova Natal* e o *Gramoré*, ambos em 1983 e através da COHAB-RN (SOUZA, 2008: 611-785).

Ao longo do tópico fomos apresentados a uma série de novos espaços que emergiram nas décadas de 1970 e 1980 em Natal. Dentro dessas novas perspectivas, podemos pensar em uma descentralização do centro de Natal, local que antes aglutinava os serviços de comércio e lazer, e que dividia esses serviços apenas com bairros

próximos, estava nessas décadas, dividindo atribuição com outros tantos espaços. Diante disso nos questionamos: como o espaço da *Cidade Alta* transformou-se no período? E quanto aos símbolos atribuídos ao espaço materializados na nomenclatura *Grande Ponto*?

2.2 – O BAIRRO DA *CIDADE ALTA* (1970-1980)

O crescimento e a expansão da cidade do Natal nas décadas de 1970 e 1980 significaram mudanças também em relação ao seu bairro central, o bairro da *Cidade Alta*. Neste tópico iremos vislumbrar as mudanças das práticas e na geografia do bairro. Essas mudanças levaram a novos significados atribuídos ao *Grande Ponto*, e também em relação ao *Café São Luiz*.

Alguns contribuintes utilizaram a palavra “decadência” para pensar as novas configurações do bairro da *Cidade Alta*, situando o bairro como espaço em constante declínio, estendendo-se essa “decadência” ao *Café São Luiz*. Osório Almeida falou que há 25 anos o *Café São Luiz* “era um ponto de encontro de políticos e intelectuais, mas com a decadência do bairro que nós estamos, a *Cidade Alta*, o *Café São Luiz* também experimenta essa decadência!” (ALMEIDA, 19.12.2008). Apesar das narrativas orais possuírem referências a outro tempo, posterior às décadas de 1970 e 1980, elas apontam um processo de mudanças vivenciadas pelo Bairro da *Cidade Alta* iniciadas nessas décadas. Aqui iremos perpassar as mudanças de configurações no bairro da *Cidade Alta*, conhecido como centro da cidade.

2.2.1 – ENTRE CAMELÔS E LOJISTAS: O CENTRO DA CIDADE COMO UM ESPAÇO DE DISPUTAS.

Espaço de disputa entre lojistas e camelôs, é com esses contornos que o espaço do centro da cidade é delineado por diferentes notícias em jornais do final dos anos 1970 e na década de 1980. A cidade que teve crescimento acelerado teve também seu contingente populacional aumentado e conseqüentemente o crescimento do comércio informal. Se por um lado grande parcela da população tinha como fonte de

sobrevivência o comércio ambulante, por outro, esse tipo de comércio dificultava a passagem dos transeuntes, as vendas disputavam com as lojas e o ambiente em frente às lojas ficava insalubre pelo acúmulo de sujeira de itens vendidos de diversas ordens, inclusive de origem alimentícia, além da poluição visual e sonora. Os camelôs desejavam permanecer nas ruas e avenidas principais do centro da cidade, no trecho conhecido como *Grande Ponto*, a Prefeitura realizava fiscalização e atuava muitas vezes arbitrariamente com os ambulantes. Por sua vez os lojistas desejavam a implantação de um local específico para o comércio ambulante, com a condição de que fosse distante das calçadas das principais ruas e avenidas. Essas disputas pelo espaço se materializaram pelas discussões do projeto de um calçadão no centro. Os lojistas argumentavam que o calçadão melhoraria o trânsito dos pedestres, mas que a Prefeitura deveria intensificar a fiscalização em relação aos camelôs, e, estes em contrapartida, não desejam se deslocar dos trechos principais do bairro com receio de diminuição das vendas.

O texto publicado no *Diário de Natal* de dezembro de 1977, já sinaliza uma solicitação recorrente nos jornais da época e um conflito iminente em relação aos grupos que vivenciavam o centro da cidade. O texto de Sávio Ximenes Hackradt, intitulado *Comércio pede uma área no centro para camelôs*, informa que os camelôs de Natal driblavam os problemas pessoais e os fiscais da Prefeitura. Os fiscais da Prefeitura ignoram as dificuldades enfrentadas por esses comerciantes e agem arbitrariamente derrubando suas mercadorias e apreendendo os produtos. O texto finaliza informando que camelôs e comerciantes esperam a instalação dos ambulantes em um único local (DIÁRIO, 09.12.1977: 14). O texto apresenta a ativa repressão da Prefeitura em relação aos ambulantes, a qual pode ser compreendida pelo intenso avanço desse comércio no bairro e como resposta a solicitação de comerciantes e da população para que a Prefeitura da cidade tomasse providências.

No início da década de 1980 um projeto da Prefeitura acirrou os ânimos entre lojistas, camelôs e a população, o projeto compreendia a construção de um calçadão que seria instalado na *Rua João Pessoa* até a *Rua Felipe Camarão*, incorporando também a *Praça Kennedy*. A *Rua Princesa Isabel* compreenderia o trecho dos cruzamentos com a *Rua Ulisses Caldas* até a *Rua General Osório*. Além desses trechos o calçadão incluiria a *Rua Coronel Cascudo*, da *Deodoro* até a *Rua José Ivo* (DIÁRIO, 05.01.1985: 5). Em 1983 o projeto começou a ser noticiado pelos jornais como sendo uma solução para a

instalação de camelôs, de acordo com a matéria a solução para o problema dos camelôs do centro da cidade seria a construção de um calçadão, pelo menos seria a alternativa que estava sendo pensada pela Prefeitura que estava elaborando um projeto sobre o assunto (DIÁRIO, 25.06.1983: 1).

Apesar de o jornal ter noticiado que a construção do calçadão seria destinada aos camelôs, a CDL (*Clube dos Diretores Lojistas*), informava que o calçadão seria destinado ao trânsito de pedestres nas áreas comerciais a exemplo de outras capitais nordestinas. O calçadão deveria ser entregue por etapas, mas com a garantia da Prefeitura Municipal de que não seria ocupado pelos camelôs como ocorreu no bairro do Alecrim (DIÁRIO, 15.10.1983: 5). Para o proprietário do Armarinho Sodré, José Leite, “nenhum camelô deve ser visto por aqui”. O proprietário da Globo calçados na Coronel Cascudo concordava que “o calçadão não é para camelô e que eles devem ser localizados em local ideal, fora do centro da cidade”. Para Jaci Gomes Maranhão, lojista da Patrícia calçados na Rua Coronel Cascudo, apesar de ter sido favorável a construção do local crê que logo que ele fosse construído, seria invadido por ambulantes. Ele informava: “aceitamos a construção do calçadão, mas ele só ficará bonito, sem camelôs e o Prefeito tem que encontrar uma solução para os camelôs” (TRIBUNA, 28.02.1985: 2).

Muitos textos expressavam insatisfação em relação ao comércio ambulante instalado no centro de Natal, muitas vezes utilizando a expressão “mercado persa” para se referir ao bairro ou aos locais que faziam parte do mesmo. Em texto de junho de 1983 a *Praça Padre João Maria* na *Rua João Pessoa* aparece tomada por vendedores e pela poluição visual e acústica, dificultando inclusive o acesso dos fiéis ao busto do padre. Além dos vendedores de velas e santinhos, a praça foi tomada por veículos, barracas, tabuleiros e carrocinhas carregadas dos mais variados objetos de consumo, artesanato, perfume, alimentos dentre outros objetos. “Vendedores de literatura de cordel, camelôs, prostitutas, viciados em maconha, traficantes, ventríloquos e palhaços misturam-se, diariamente, aos simples transeuntes” (DIÁRIO, 02.06.1983: 6). Em outro texto o centro da cidade aparece como um mercado, assemelhando-se a um “mercado persa” pela profusão de camelôs e também de lojistas que armam suas mercadorias em frente às suas lojas, estrangulando ainda mais o trânsito dos pedestres.



Figura 07 – Ambulantes na *Avenida Rio Branco*, 1985. Imagem feita para ilustrar o texto de jornal e apresentando a *Avenida Rio Branco*, a legenda informa: “Na *Avenida Rio Branco*, calçadas intransitáveis”. **Fonte:** (DIÁRIO, 30.10.1985: 7).



Figura 08: Barracas de Ambulantes na *Avenida Rio Branco*, 1985. A legenda da imagem informa: “Frutas, verduras, tudo à venda pelas calçadas”. **Fonte:** (DIÁRIO, 30.10.1985: 7).

O texto acompanha fotografias feitas em pontos de destaque da *Cidade Alta* tais como a *Avenida Rio Branco* em que apresenta a profusão de camelôs e mercadorias. As legendas contribuem para o direcionamento do olhar sobre as imagens, descrevendo

a situação de caos enfrentada pelo bairro, informando as condições da calçada que estão “intransitáveis” e assemelhando-se a uma “feira”.

O texto culpa o desemprego pelo caos que estava instalado no bairro, fazendo com que o comércio informal e ambulante fosse a única alternativa para muitos moradores de Natal. Esses moradores vinham muitas vezes de bairros periféricos para vender seus produtos na *Cidade Alta* (DIÁRIO, 30.10.1985: 7).

O receio em relação à invasão dos camelôs no calçadão que seria construído pela Prefeitura, fez com que muitos comerciantes se posicionassem contra a obra. Os comerciantes da *Rua Princesa Isabel* acreditavam que a implantação do calçadão iria atrair os camelôs com o aumento da área destinada aos pedestres, levando consigo “a sujeira, o lixo, a falta de higiene e a desordem”. Eles também alegavam que o fechamento das ruas iria sobrecarregar o trânsito que desaguaria na *Avenida Deodoro*. Os lojistas também se posicionavam contra por não haver mais vias para a descarga das mercadorias das lojas (O POTI, 27.01.1985: 7). Havia entre os lojistas da *Rua Princesa Isabel* o interesse para a formação de um “piquete” com a presença desses lojistas para impedir o início da obra. A ideia também desagradava taxistas que faziam pontos em ruas que seriam fechadas para a construção do calçadão, os taxistas opinavam e achavam “absurdo acabarem com o fluxo de veículos no *Grande Ponto*”. Aquele ponto era o melhor para a clientela de taxistas que questionavam em que local a Prefeitura iria inseri-los (TRIBUNA, 12.01.1985: 5).

Na *Rua Princesa Isabel*, os lojistas também se articularam para a produção de um abaixo assinado que seria encaminhado para o então Prefeito Marcos Formiga, contra a implantação do calçadão na artéria. Na *Rua João Pessoa*, por volta de 64 por cento se mostraram favoráveis ao calçadão, na Rua Câmara Cascudo, local em que o tráfego de veículos já não é permitido, apenas 11 por cento se mostraram contra. Para o presidente da Federação dos Diretores lojistas Zildamir Soares, os comerciantes contra o calçadão estariam complicando o que seria óbvio, o sucesso do projeto. Para Soares, projetos semelhantes já foram desenvolvidos em outras capitais e foram bem sucedidos. O calçadão para ele evitaria o “êxodo do cliente do centro da cidade”, pois o projeto transformaria a zona em “*Shopping* de grandes proporções”. O final da matéria deixa claro a posição de excluir os camelôs, grupo que parece ser o motivo do desagrado em relação à construção. “Todavia, complementou, o aval existe para a construção do

‘calçadão’ na João Pessoa e Câmara Cascudo, mas todos são bem claros: sem camelôs” (O POTI, 20.01.1985: 4).

Além dos textos produzidos por jornalistas, os jornais da época traziam cartas de leitores. O jornal *Tribuna do Norte* publicou cartas em que os leitores estavam insatisfeitos com a Prefeitura de Marcos Formiga e com o projeto do calçadão. Para um dos leitores a configuração do centro da cidade era “cartão postal invertido para a cidade” (TRIBUNA 01.07.1986: 4). Outro leitor acreditava que Natal ainda não precisava dessa obra e o dinheiro que seria empregado nela deveria ser destinado a outros fins que colaborassem com a cidade, tal como investidos na limpeza ou para calçar várias ruas em bairros distantes, melhorando a vida dos cidadãos (TRIBUNA 01.02.1985: 4). Outro leitor emitiu opinião acerca do calçadão e dos camelôs, acreditando que com o calçadão o comércio iria sofrer com a instalação dos camelôs, definidos como praticantes de “atividade clandestina que só tem proporcionado prejuízos ao Estado e aos comerciantes condignamente instalados, ficando também prejudicado o estacionamento de veículos” (TRIBUNA, 12.01.1985: 4). Na opinião de um leitor a decisão de construção do calçadão é questionável, pois o “*Grande Ponto* é um dos locais da cidade onde o trânsito de automóveis é uma loucura total” e calçadão iria bloquear importantes passagens de automóveis e conseqüentemente causaria a sobrecarga em outras ruas do bairro. Outro fator apontado pelo leitor contra o calçadão é que o local iria tornar-se “paraíso para os camelôs”, se isso acontecesse iria tornar o centro da cidade um “imenso calçadão do Alecrim” (TRIBUNA, 20.01.1985: 4).

Apesar de todas as discussões, o calçadão foi finalizado em 28 de outubro de 1988, durante a gestão do Prefeito Garibaldi Alves Filho. O espaço contava com caixas para a instalação de engraxates, telefones públicos, ajardinamento, bancos e boxes para informações turísticas (SOUZA, 2008: 186-187). O calçadão foi finalizado, com o passar dos anos ocorreu o que muitos temiam, a invasão do espaço pelo comércio informal. Mais importante que discutir a invasão ou não do espaço foi perceber as articulações em torno da obra, fazendo emergir disputas e conjectura física e social pelo qual o bairro da *Cidade Alta* estava passando na década de 1980, além disso, essas mobilizações permitem compreender os significados que estavam associados ao bairro, antes um espaço destinado aos sujeitos de relevo social da cidade e que estava a caminho de tornar-se um bairro que se assemelhava a outros bairros da cidade como o Alecrim, tomado pelo comércio informal e ambulante.

2.2.2 – OS OUTROS SIGNIFICADOS DO *GRANDE PONTO*

No tópico anterior perpassamos a perspectiva das práticas e as mudanças físicas no bairro da *Cidade Alta*, essas mudanças criaram um sentimento de esfacelamento da configuração do *Grande Ponto* da década de 1950 e 1960. O bairro da *Cidade Alta* nas décadas de 1970 e 1980 apresentava uma configuração diferente, a *Cidade Alta* passou a ser representada em jornais como espaço tomado por camelôs, mendicância, poluição sonora, violência, consumo de drogas e caracterizado pelo abandono de espaços de interação.

Textos apontam a derrubada do que se compreendia como *Grande Ponto*. “O *Grande Ponto*, outrora ponto de encontro de uma elite potiguar, encontra-se atualmente transformado num verdadeiro super-mercado ambulante”. Essa descaracterização do *Grande Ponto* deve-se a intensificação comercial pelos lojistas, mas também pelo aumento do comércio informal personificado pelos camelôs. Os camelôs vendiam diferentes artigos tais como calçados, roupas, tecidos, bijuterias, como também frutas e verduras. O texto cita que “moleques pretinhos” vendem feijão verde nas ruas, uma expressão tipicamente elitista. Nas calçadas do bairro o cidadão poderia fazer a feira da semana, tinha oferta de mel, feijão verde e até camarão (TRIBUNA, 19.05.1985: 1).

O bairro da *Cidade Alta* na década de 1980 possuía mendigos em número notável, é assim que o *Diário de Natal* caracteriza o bairro durante a aproximação das compras de festividades natalinas. O fluxo de pedestres era tão intenso que os esbarrões eram frequentes. Apesar da alegria dos compradores empregados que iriam receber seu décimo terceiro salário, a mendicância também fazia parte do bairro nesse período. Os “mendigos faziam ponto nas calçadas ou nas portas das lojas poucos conseguiam extrair dos passantes algum trocado” (DIÁRIO, 19.12.1985: 1).

Os jornais noticiavam no bairro a presença de outros grupos marginalizados, os hippies artesãos. Em 1983, uma matéria do jornal *Tribuna do Norte* denunciou a investigação de venda de substâncias ilícitas por um grupo de hippies artesãos que vieram de outros estados para se instalar na *Avenida Rio Branco* (TRIBUNA DO NORTE, 06.03.1983: 1). Esses grupos estavam tornando as calçadas “superlotadas” e sumiram após denúncia de jornais sobre o envolvimento dos mesmos com drogas. De acordo com entrevistados esses grupos eram atraídos por Natal pela aparente liberação

em relação ao consumo de drogas, principalmente em relação à maconha. No texto foi entrevistado ainda um dos hippies que tinha sua banca instalada na *Avenida Rio Branco* e que respondeu perguntas sobre consumo de tóxicos e vício. O entrevistado lembrou um preconceito social existente em relação a esses grupos, mas admitiu que havia os que consumiam substâncias ilícitas (TRIBUNA DO NORTE, 06.03.1983: 5).

Assim como a presença de mendigos e outros grupos marginalizados, o bairro se construía como espaço para a prática de roubos e assaltos. Em textos de violência abordam ocorrências policiais no bairro, como o arrombamento de duas óticas. Uma delas situada na Rua Felipe Camarão tratava-se da Ótica Aurora, n. 524, e a Relojoaria Santa Rita na Rua Professor Fontes Galvão. Os dois estabelecimentos foram arrombados durante a madrugada e pela manhã seus proprietários foram prestar queixa na Delegacia de Roubos e Furtos. Os dois estabelecimentos tiveram mercadorias roubadas, a Ótica Aurora teve mais de 100 relógios roubados. A Relojoaria Santa Rita teve relógios e quantidade de ouro levado pelos ladrões (DIÁRIO, 17.06.1983: 8). Em relação a roubos aos estabelecimentos, uma notícia narra um roubo cometido nas Lojas Americanas. A ladra de 20 anos foi perseguida e presa por um agente da Polícia Federal que passava em frente do estabelecimento quando a ladra tentava fugir. A mulher correu em direção a *Avenida Deodoro*, local onde foi alcançada (DIÁRIO, 06.04.1983: 8).

Os espaços do bairro da *Cidade Alta* passaram a tornarem-se espaços do medo por assaltados cometidos em suas ruas. Outro texto descreve um assalto cometido contra uma jovem de 18 anos na *Avenida Deodoro*. A jovem que saía da aula, foi surpreendida pelo assaltante com uma faca que a obrigou a entregar uma pulseira de ouro e um relógio. Quando prestava queixa foi informada que o assaltante conhecido como Chocolate agia constantemente naquele trecho (O POTI, 03.07.1983: 8).

A insegurança no bairro pode ser também compreendida pela presença de espaços em estado de abandono, algumas praças, por exemplo. No *Grande Ponto*, algumas praças estavam em estado de abandono, dentre elas a *Praça Kennedy*, localizada na esquina da *Rua João Pessoa* e a *Avenida Rio Branco*. O texto informa que não causará espanto se os turistas que visitam a cidade indagarem se aquele espaço trata-se de uma praça. A *Praça Kennedy*, que também foi chamada que praça “da cocada” era local destinado para a frequência de intelectuais que na nova conjectura pelo qual passava o *Grande Ponto* e suas praças desapareceu. “Até a ‘intelectualidade’, que na década de 70 armava a tenda todas as noites na Praça Kennedy, para discutir os

últimos lançamentos literários, desapareceu”. A frequência da praça passou a ser de camelôs e guardadores de carro que utilizavam a água do fosso presente para agradar o freguês limpando os carros (DIÁRIO, 03.01.1985: 4).

Na lista dos problemas enfrentados no bairro da *Cidade Alta* e apresentados acima, podemos incluir também a poluição sonora. No texto intitulado “Neurose Sônica”, os prejuízos causados pela poluição sonora são citados tanto em relação ao sistema auditivo, mas também em relação ao *stress* que causa problemas de diversas ordens. O texto de cunho informativo se refere a um momento pelo qual a cidade estava passando principalmente em seus bairros de comércio de rua como o bairro do Alecrim e o bairro da *Cidade Alta* (O POTI, 25.09.1983: 6).

O discurso de muitos textos de jornais, principalmente os favoráveis a implantação do calçadão no bairro, citam que o bairro estaria perdendo sua clientela para os *Shoppings*, esses pontos de compra, por ter maior segurança, por se tratar de lugares asseados, com maior investimento na infraestrutura e localizados em locais que passaram a ser frequentados por sujeitos privilegiados, se constituíam como símbolos dessa época. Cabia ao bairro da *Cidade Alta* tentar equiparar-se aos *Shoppings*, pois passou a ser caracterizado como lugar desorganizado, sujo e esteticamente desprivilegiado. O superintendente da SUMOV, João Augusto, informou que “o Centro da Cidade é feio e muito antigo, e que essa obra vai revitalizar o *Grande Ponto*” (TRIBUNA, 17.01.1985: 5). Para o presidente da *Federação dos Diretores lojistas* Zildamir Soares, o calçadão evitaria o “êxodo do cliente do centro da cidade”, pois o projeto transformaria a zona em “*Shopping* de grandes proporções” (O POTI, 20.01.1985: 4). De acordo com João Augusto da Cunha Melo superintendente da SUMOV, o centro da cidade iria ganhar uma “roupagem nova”, arriscando chamar a obra de “*Shopping - Center* no meio da rua” (DIÁRIO, 05.01.1985: 5).

Se o *Grande Ponto* teve sua configuração modificada, restou a seus antigos frequentadores recordar e registrar o espaço que conheceram no passado. As mudanças de configuração do *Grande Ponto* foram registradas em diferentes textos de memória, seja da década de 1970 e 1980, seja textos posteriormente produzidos. Esses textos ora citam as mudanças em relação ao espaço, ora denunciam o seu esfacelamento.

Folheando os jornais da época é comum encontrarmos textos que citam o *Grande Ponto* como espaço de saudade. Em 1985, uma crônica de Sanderson Negreiros cita a ocasião em que um personagem visita o *Grande Ponto* após vinte anos de

ausência, é então que o personagem lança a pergunta: “Onde estão todos eles, que aqui albergavam guerreiros da ‘*belle époque*’ dos anos 50?”, a qual um poeta responde que estão todos deitados “dormindo profundamente”. Após a resposta do poeta o texto cita locais que faziam parte do trecho como a *Sorveteria Oásis* e a lembrança da presença do político Djalma Maranhão no espaço, passando em seu jipe e parando para um “*papo furta-tempo*” (O POTI, 14.04.1985: 8).

Também recordando o *Grande Ponto*, o texto de Salvyano Cavalcanti de Paiva, publicado em agosto de 1985, é uma “Evocação do Natal Perdido”. Na crônica o autor informa que Natal se torna menos bela e tranquila a cada dia e se torna uma cidade “sem fragrância e sem feições próprias, igual a todas que o Progresso e a Comunicação-de-Massa achatam e igualam a caminho do caos, da frieza coletiva, do barulho e do cheiro dos veículos”. O autor promove uma série de questionamentos acerca de pessoas e lugares que não existem mais, desapareceram, para ele, “o *Grande Ponto* mudou de lugar” (TRIBUNA, 11.08.1985: 2).

Em sua coluna, o jornalista Dorian Jorge Freire publicou um texto em que recorda o espaço do *Grande Ponto* na década de 1950. A crônica em que recorda um amigo de nome Genésio. Nela, Freire perpassa nomes e lugares do *Grande Ponto*, tal como *Cinema Rex* e o *Natal Clube*. Recordou também a *Sorveteria Oásis* em que presenciou “tarde aberta, generosa, com mulheres bonitas e homens inteligentes”. O autor então menciona que “o *Grande Ponto* deixou de ser *ágora*” (TRIBUNA, 18.04.1985: 4).

O *Grande Ponto* aparece como lugar da saudade não apenas em textos publicados em jornais, mas também nos livros. Dentre essas publicações podemos destacar o livro do médico e erudito Raimundo Nunes publicado em 1985. O volume de cunho memorialista é intitulado *Sociologia do Grande Ponto*. Nunes descreveu o espaço e os acontecimentos vinculados ao local, lembranças de um local afetivo não apenas para o autor, mas para uma coletividade e para a história da cidade por ter servido de ponto de encontro e celebração de campanhas políticas, desfiles carnavalescos, manifestações artísticas, e como trecho comercial e de debate de ideias e notícias. De acordo com a narrativa de Nunes, o início da década de 1950 foi período em que o *Grande Ponto* era frequentado pelos “monstros sagrados” que seriam homens “de melhor posicionamento, nas letras, na iniciativa privada, na política, nas profissões liberais, na magistratura e demais atividades atuantes” (NUNES, 1985: 135). O autor

comparou os bate-papos informais que ocorriam no *Grande Ponto* a uma “universidade popular” e informa que: “Aprende-se muito nas escolas e bibliotecas. Aprende-se bastante na escola da vida. Aprende-se muito mais, quando somos privilegiados com a universidade do *Grande Ponto*” (NUNES, 1985:122).

Alguns trechos sinalizam não apenas a ligação afetiva com o espaço como também o sentimento de esfacelamento dessa geografia. Essa postura torna-se evidente quando Nunes lamenta os assaltos residenciais e de rua que crescem junto com Natal, e quando narra uma ocasião em que um amigo o conduziu da *Ribeira* para a *Cidade Alta* e quando foi solicitado ao amigo que o deixasse no *Grande Ponto*, o amigo que morava em Natal há três anos confessou que jamais ouvira falar no local. O autor narra que ficou perplexo “quando o rapaz confessa que jamais ouvira falar no *Grande Ponto*! Não é o declínio daquele polo da tradicional convergência da Capital. É o fenômeno de explosão demográfica, concentrando novos núcleos de sua dinâmica social” (NUNES, 1985: 27).

Além dos dois livros acima mencionados, outras publicações da década de 1980 também se referem ao *Grande Ponto* elaborando-o como espaço de saudade. Outra publicação que trouxe no título menção ao *Grande Ponto* foi o volume publicado em 1981, como iniciativa do *Laboratório de Criatividade*, grupo vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte e que tinha o objetivo de promover oficinas acerca de literatura e publicar esses textos. Essa publicação trazia na primeira parte um texto de Luís da Câmara Cascudo definindo o que era a zona, bem como diferentes textos e poemas de intelectuais que narravam sua ligação com o espaço (CASCUDO, 1981:9-11). Outro exemplo desse tipo de publicação foi o livro do ex-prefeito Djalma Maranhão, publicado em 1984, com título *Cartas de um Exilado*, reunido memórias do ex-prefeito quando durante o regime militar brasileiro foi exilado no Uruguai. O livro aborda acontecimentos e vivências no *Grande Ponto*, espaço em que Djalma Maranhão realizou passeatas políticas e promoveu apresentações folclóricas que a Prefeitura patrocinava (MARANHÃO, 1984: 62).

Em décadas posteriores alguns volumes narram as mudanças sentidas no *Grande Ponto*. Para Souza, com “a chegada da televisão nos anos 60 e o surgimento de outros pontos de atração na cidade, o ‘*Grande Ponto*’ ficou sendo apenas uma referência de um passado que não volta mais” (SOUZA, 2008: 180). Em 2002 foi lançado uma coletânea de textos, *Cantões, Cocadas: Grande Ponto Djalma Maranhão*,

iniciativa Eduardo Alexandre de Amorim Garcia. O volume apresenta textos de diferentes autores narrando vivências no *Grande Ponto*, muitos desses textos não possuem data de produção, o que nos leva a indicar a data de publicação do volume.

De acordo com Casciano Vidal, o *Grande Ponto* ainda é o coração da cidade e lugar de decisões sentimentais, enquanto “a razão monetária se muda para um novo centro nervoso da cidade” (VIDAL, 2002: 114). Para Ubirajara Macedo, quando não havia televisão o *Grande Ponto* era local de reunião, o autor narra um sentimento de saudade em relação ao *Grande Ponto*, para o mesmo, a “saudade de quem conheceu o que era o *Grande Ponto* nos anos 30, 40 e 50 vem à tona, quando passamos por ali, dada a diferença dos dias de hoje” (MACEDO, 2002: 140). Enquanto esses autores citam saudades do *Grande Ponto*, Helmut Cândido acredita que o “*Grande Ponto* morreu. Não vive mais. Perdeu-se no tempo”, por não guardar mais as características que possuía nos “anos 1910 a 1945”, e por ter se tornado uma “feira”, com “mendicância em quantidade, ruído de sons das lojas”. A população natalense “não sabe mais o que é o *Grande Ponto*. Perdeu sua fisionomia” (CÂNDIDO, 2002: 147). Para Salom SJ, o *Grande Ponto* é uma mistura de tipos humanos e comércio popular, “o luxo ficou para os ‘Shoppings’”. O autor cita que o *Grande Ponto* é seu lar por todas as vivências que teve no espaço e diz que o atinge, o “charme de sua história e de sua decadência” (SALOM SJ, 2002: 160-161). Alexandro Gurgel escreveu sobre as mudanças em relação ao lugar, para ele, o crescimento da cidade trouxe transformações em relação aos valores, e o bairro da *Cidade Alta* está se adaptando a essa nova realidade que é “vívida por comerciantes e moradores que permitem a transição constante do *Grande Ponto*”. Ainda para o autor, o “*Grande Ponto* abriga todos os problemas de uma cidade em crescimento”, tais como a mendicância e a prostituição (GURGEL, 2002: 164-165). De acordo com Franklin Serrão, o “*Grande Ponto* tradicional” não “resistiu à ação devastadora do poder econômico, representado nas cidades pela indústria da construção civil e especulação imobiliária”, o *Grande Ponto* seria espécie de “prisioneiro da dinâmica de modernidade das cidades que se alargam”, influência desleal também da “agressiva modernidade dos ‘Shopping centers’” (SERRÃO, 2002: 169-170).

Espaço que se esfacelou ou ainda um espaço vivo, as opiniões sobre o *Grande Ponto* se dividem. Posicionamentos opostos à parte, o que deve ser levado em consideração é que nas décadas de 1970 e 1980 o *Grande Ponto* teve sua configuração

modificada. O espaço vivenciado pelos sujeitos em anos anteriores a esse período modificou-se, teve suas práticas alteradas e adquiriu outros significados.

2.3 - O CAFÉ SÃO LUIZ COMO HERDEIRO DO GRANDE PONTO

Em meio aos discursos que citam o *Grande Ponto* e atribuem sentido ao lugar, encontramos menções ao *Café São Luiz*. O *Café São Luiz* aparece como um ponto de relevo do *Grande Ponto* e em certos momentos aglutina os significados atribuídos ao *Grande Ponto*, quando o espaço passava por modificações e por um esfacelamento. Podemos compreender o *Café São Luiz* como um herdeiro do *Grande Ponto*, é dessa forma que o lugar tem sua imagem simbolicamente construída e projetada, principalmente após a década de 1980.

Em Sociologia do *Grande Ponto*, Raimundo Nunes escreveu que o *Café São Luiz* era “local de maior concentração geo-política no quadrilátero do *Grande Ponto*”, o autor define o lugar como núcleo do núcleo *Grande Ponto*. Posteriormente escreveu que reencontrou o *Grande Ponto* com dois bancos rústicos que passaram a compor seu aspecto, esses bancos estavam localizados “em plena calçada do *Café São Luiz*, servindo de descanso aos frequentadores habituais”. Em outro trecho informa que *Café São Luiz*, “ainda hoje existe, na Rua Princesa Izabel, mantendo a continuidade de sua tradição sociológica, no *Grande Ponto*” (NUNES, 1985: 25-104).

O *Café São Luiz* significa para Nunes um espaço de lembranças por ser espaço que fazia parte do *Grande Ponto* da década de 1950 e por continuar aberto na década de 1980. O *Café São Luiz* seria espécie de vestígio do que foi o *Grande Ponto* narrado pelos textos memorialistas. O Café serviria ainda de pouso para os frequentadores do *Grande Ponto*, mantendo uma tradição.

Acerca dos significados relativos ao *Grande Ponto* e ao *Café São Luiz*, um texto merece destaque. O foi publicado em 1982, no livro *Na calçada do Café São Luiz* e é de autoria de José Luiz Silva. O título do texto promove um questionamento sobre a existência do espaço *O Grande Ponto existe?* Escrito em 15 de Novembro de 1981, no texto o autor afirma que o “*Grande Ponto* não existe. Onde é que fica o *Grande Ponto*? Existe o ‘*Café São Luiz*’. Tão importante quanto o *Café de La Paix* de Paris, onde Sartre diariamente respirava seu existencialismo” (SILVA, 1982: 21-22).

O título do texto de Silva é uma interrogação. Uma pergunta que questiona a existência do *Grande Ponto*. Na primeira linha o autor responde a pergunta lançada, informando que o *Grande Ponto* não existe, mas o que existe é o *Café São Luiz*. Apesar do questionamento Silva acredita na existência da zona, pois em meados do texto cita que viu o *Grande Ponto* deserto pela morte de Luiz Veiga, fundador do *Café São Luiz*, o posicionamento ambíguo de Silva serve para compreender que o autor não duvida da existência da zona, mas utiliza esse artifício para jogar com as palavras e com o leitor. Utiliza a incisiva interrogação para defender a ideia de que o *Café São Luiz* não seria apenas uma mera célula do *Grande Ponto*, mas condensaria os predicados que são atribuídos ao trecho, enquanto espaço de interação. Silva questiona a existência do *Grande Ponto* para situar o *Café São Luiz* como o ponto central de encontros e debates do bairro da *Cidade Alta*.

Durante a década de 1980 o *Café São Luiz* passou a marcar presença nos jornais, se na década de 1950 o lugar aparece vinculado a publicidades, na década de 1980, o lugar supera essas perspectivas, passa a ser citado enquanto bem importante para a cidade. A reportagem da *Tribuna do Norte* de maio de 1985 cita a decadência do *Grande Ponto* e a invasão da *Cidade Alta* por camelôs, no final do mesmo o *Café São Luiz* é citado: “Enquanto isso, na calçada do Banco do Brasil e do *Café São Luiz*, a conversa entre aposentados corre frouxa. Fala-se sobre as notícias do dia...” (TRIBUNA, 19.05.1985: 1). O texto recorda o *Café São Luiz* como espaço ainda existente para a reunião e conversas de idosos, o *Grande Ponto* apesar de modificado era ainda materializado pelo *Café São Luiz*.

Alguns textos de memória publicados décadas depois também recordam o *Café São Luiz* como um ponto que resiste a fragmentação do *Grande Ponto*. Raquel Alves de Souza lembrou que “o *Café São Luiz* ainda está bem ali, perto do *Grande Ponto*, onde podemos ver pessoas conhecidas” (SOUZA, 2002: 168). Leonardo Sodré lembrou que o progresso da cidade levou ao favorecimento dos *Shoppings* e muito da “história” perdeu-se. Apesar disso, para ele, “o *Grande Ponto* continua palco de grandes manifestações culturais e políticas e o *Café São Luiz*, por exemplo, continua a ser um excelente instituto informal de pesquisa sobre qualquer assunto” (SODRÉ, 2002: 111). Para Garcia:

E o *Grande Ponto* resiste, agora, sem sua Universidade, aquela Grande Universidade dos anos 50, 60, 70 em grandes aglomerações,

mas como Grupo Modelo que se mantém fiel, quer nas calçadas do *Café São Luiz*, quer nas biroskas do Beco da Lama ou Princesa Isabel (GARCIA, 2002: 175).

Através dos fragmentos de textos percebemos a transferência de significado do *Grande Ponto* ao *Café São Luiz*. Alguns textos indicam o esfacelamento do *Grande Ponto* e o *São Luiz* como resquício do que foi o trecho, enquanto outros acreditam que o *Grande Ponto* ainda existe e destacam o *Café São Luiz*. Por meio desses textos compreendemos o processo de construção simbólica sobre o lugar, afinal o *Café São Luiz* era um dos poucos espaços que mantinham as portas abertas para antigos frequentadores das praças, clubes e sorveterias do *Grande Ponto* dos anos 1950 e 1960.

CAPÍTULO 3: O CAFÉ SÃO LUIZ, SÍMBOLO DE MEMÓRIA.

Nesse capítulo iremos vislumbrar os investimentos em torno do *Café São Luiz* para elaborar a imagem do espaço como local de apoio à memória de seus frequentadores e como lugar importante para a memória da cidade do Natal. Aqui iremos analisar a iniciativa e as imagens do lugar representadas pelo livro de 1982, *Na Calçada do Café São Luiz*. Posteriormente iremos perceber as diferentes representações sobre o lugar, reafirmando a importância do local por diferentes discursos. Essas representações estão conectadas com as transformações em que a cidade passou com o sentimento de esfacelamento do *Grande Ponto* e a transferência de significados ao *Café São Luiz* que adquiriu contornos e rostos.

3.1 – O LIVRO NA CALÇADA DO CAFÉ SÃO LUIZ

Na Calçada do *Café São Luiz* é o único volume publicado que enfatiza no título a vinculação ao espaço. Apesar de o Café ser citado em diferentes textos de diferentes ordens. O livro e seu autor hoje em dia são referência para os frequentadores do café, sendo citado nas narrativas orais, indicando os sujeitos como conhecedores do volume e possuindo vínculos com seu autor. Sobre José Luiz Silva, um de nossos contribuintes orais, Paulo Roberto da Silva, informou que era “um homem de inteligência ímpar, ex-padre e ele empolgava nas conversas com literatos. Preparadíssimo, era um ponto de referência do café!” (SILVA, 12.02.2010). De acordo com as contribuições de Gutenberg Costa, o autor e amigo José Luiz Silva, “foi um grande frequentador, do café, quinze minutos com ele eu quase que viajava toda a Europa, entendeu? Ele falava de Paris como se falasse de Macaíba, enfim, então isso foi uma riqueza cultural pra mim imensa que eu ainda preservo”. (COSTA, 03.03.2010). Para Mery Medeiros, Silva foi “um homem muito inteligente, padre, mas um homem de ideias abertas, de ideias adiante do seu tempo” (MEDEIROS, 07.10.2011). Outro contribuinte, Walter Canuto, lembrou o ex-padre, informando que frequentou o café na época do “compadre Zé Luiz. Padre Zé Luiz, saudosa memória, inteligentíssimo, bonachão” (CANUTO, 19.12.2008).

Suponho que o livro enquanto uma obra que desde o título promove uma referência ao *Café São Luiz*, sendo então uma obra de “homenagem” ao espaço e aos

seus frequentadores, teve impacto no espaço e nos sujeitos que o vivenciam, interferindo na maneira como o *Café São Luiz* é visto pelos frequentadores e para a formalização de sua imagem para a cidade do Natal. Acredito que o livro foi uma iniciativa de formalizar o café como local de tradição e que deve ser reconhecido como um lugar que serve de apoio à memória e à identidade de seus frequentadores, participando de forma pedagógica da elaboração do *Café São Luiz* como um símbolo.

O livro de Silva pode ser tomado como um investimento de dar coesão ao grupo em um reforço de identidade. A iniciativa de Silva em selecionar não apenas textos seus, mas também texto de outros autores atribui ao livro a característica de ser uma obra, de certa forma, coletiva.

Apesar de trazer no título a vinculação com o espaço, o livro não se dedica apenas a textos relativos ao café. As homenagens ao espaço aparecem principalmente nas primeiras e nas últimas páginas, reunindo poemas e textos de frequentadores que abordam o local ou que podem ser associados a ele, bem como fotografias e publicações em jornais.

Como produto de Silva, a construção da imagem do *Café São Luiz* carrega a marca do autor. Silva costumava escrever sobre bares e feiras, espaços de trocas, de interação social e que trariam uma marca de comunidade, de quebra de protocolo e de dissolução de classes sociais. Esses espaços são marcados como espaços de vozes, espaços onde se falava e ouvia. “Terça-feira fui a Pendências e lá no *Bar de Berguinho*, eu escutei centenas de estórias de sustos” (SILVA, 1982: 75).

Esses lugares são para Silva, revestidos pelo exemplo de solidariedade, de comunhão fraternal entre os sujeitos. Além disso, esses locais parecem carregar um modo de vida do passado, são espaços de valor e por isso merecem ser registrados. O autor destacou também outros espaços tais como a Feira do Alecrim, um espaço de declamação de versos, assim também seria o *Bar de Chico do Boi*. “No *Bar do Chico do Boi* ou na calçada da *Sorveteria* a gente conhece muito mais de Açú do que em qualquer tratado de sociologia rural” (SILVA, 1982: 90). Esses locais são da fala popular nos quais afirma que assim como os versos, ouviu “estórias e mais estórias, vividas com sabor, repetidas de bar em bar, como se fossem lembretes de genialidade” (SILVA, 1982: 81).

Silva descreveu a si mesmo como filho de “*uma costureira pobre*” (SILVA, 1982:33). Ordenou-se padre em 19 de dezembro de 1954, servindo no interior do

estado, primeiramente em Touros. Morou em diversas cidades do interior do Rio Grande do Norte, dentre as quais ganha destaque em seus textos a cidade de Pendências no Oeste potiguar, onde era conhecido como “*Padre Zé Luiz*”. Em 1968 resolveu deixar a vida clerical e partiu para o Rio de Janeiro. Mais que percorrer o Rio Grande do Norte e o Brasil, José Luiz Silva também viajou a Paris em atividades clericais (SILVA, 1982: 76-85). Também narrou em texto publicado no jornal *O Poti*, de 22 de fevereiro de 1981, viagens para outras partes da Europa como Portugal, em 1966 (O POTI, 22.02.1981: 6). José Luiz Silva escrevia para jornais de grande circulação na cidade como no Jornal *O Poti*. Em uma coluna intitulada “*Grande Ponto*” nas décadas de 1970 e 1980, coluna em que assinava textos com variedades temáticas tais como sobre violeiros, literatura de cordel e escravidão africana. Faleceu em 31 de outubro de 1991 (COSTA, 1999: 157). Silva está a favor da tradição e seus textos estão envoltos por uma coloração romântica ¹² O viés romântico critica a exploração capitalista do homem e de sua força de trabalho, a miséria proporcionada pelo capitalismo, à desumanização do homem e de suas relações. A ótica romântica está impregnada pela dolorosa, melancólica e nostálgica ideia de que o presente necessita de valores humanos que foram perdidos, valores que existiam no passado. Nessa perspectiva podemos encontrar a criação de uma comunidade de almas fraternas, a paixão amorosa, o acionamento da figura da criança como sujeitos que preservam os valores.

A calçada do *Café São Luiz* é elencada como um local de coloração romântica para Silva, tal como os bares e feiras abordadas por ele. Porém, a calçada do *Café São Luiz* ganha relevo, merece a dedicação do livro, uma homenagem. Seria a calçada do *Café São Luiz* uma marca de um modo de vida simples, provinciano e que remetia as interações do passado em uma cidade como Natal que estava crescendo, uma cidade na

¹² Ao abordar o conceito de romantismo, analisando diferentes concepções de diferentes épocas e autores, Löwy e Sayre estabelecem certos elementos para a compreensão da visão romântica. Apesar de partilharem da ideia de que o fenômeno surgiu em meados do século XVIII, acreditam os autores que o romantismo não teria data de fim, adentrando o século XX, perpetuando sua marca por diferentes movimentos recentes como as movimentações da década de 1960, a ecologia e o pacifismo. As diferentes análises críticas da civilização moderna atualmente retomam temas da tradição romântica, dando-lhes novo significado em prol das especificidades do final do século XX. Apesar dessa relação não resultar de um vínculo direto com os pensadores românticos do XIX essa analogia é compreendida pela relação das características da sociedade industrial burguesa. Para Löwy e Sayre, o romantismo seria definido por uma crítica da modernidade e da civilização capitalista tendo como referências a defesa de valores e ideais do passado definidos pelos românticos como pré-capitalistas ou pré-modernos. A modernidade é caracterizada pela generalização da economia de mercado, industrialização, desenvolvimento acelerado e junção de ciência como a tecnologia, possibilitando o desenvolvimento da chamada civilização, marcada pela racionalização, burocratização e urbanização. (LÖWY; SAYRE, 1995: 28-316).

qual já podia assistir, em suas calçadas, os camelôs, trabalhadores comuns de acordo com Silva, tendo suas mercadorias apreendidas. Uma cidade que não era grande, mas que possuía já alguns sinais de falta de solidariedade e burocratização despontando, o que tornava importante o registro de espaços em Natal como os da calçada do *Café São Luiz*.

O autor não seleciona o *Café São Luiz* como um todo, evidencia e seleciona a calçada. A eleição da calçada é afetada pela imagem de espaço público horizontal, é piso reto em que os sujeitos podem olhar-se nos olhos, frente a frente, espaço em que todos estariam no mesmo plano, desde o político ao engraxate. Posicionados em cima ou embaixo na pirâmide social, na calçada, os sujeitos estariam rentes na mesma linha.

Elegeu a calçada não como mera extensão do *São Luiz*, mas como uma porção principal do espaço. É pela calçada, espaço externo e interno ao mesmo tempo, antes de tudo público, sem barreiras físicas que o café se abre a todos. É também por ela que seus frequentadores podem observar a cidade, os acontecimentos e diferentes tipos que andam pelo bairro que concentra maior número de lojas e transeuntes, o centro de Natal. É na calçada e por causa da calçada que o *Café São Luiz* é o que é para Silva, um espaço de debates, de partilha e de trocas, espaço de voz faz as notícias circular de boca em boca.

A calçada é elemento espacial urbano de opinião pública, é espaço do cotidiano, do acontecimento banal, da voz do cidadão. Espaço marcado pela sujeira dos transeuntes, pelo elemento humano, pela circulação de pessoas, e por isso também espaço onde circula a vida da cidade. Assim como o sangue circula nas artérias, as calçadas seriam então elemento indispensável para a cidade.

As calçadas para Silva seriam espaços pedagógicos, locais onde se aprendia lições diferentes das lições acadêmicas, estas, muitas vezes, elitizadas que se dobravam sobre si mesmas, locais de saberes fechados sobre sua própria produção. Ao contrário, as calçadas seriam onde se aprendia a conviver com os diferentes tipos humanos, onde os assuntos cotidianos se aproximavam da vida, do comum, do popular. A calçada seria espaço de um aprendizado que serviria para a vida, essa ideia em Silva é representada pelo termo “*universidade das calçadas*”, utilizado pelo autor no texto “*Recado ao camelô*” (SILVA, 1982: 31-32).

Porém Silva não se concentra em qualquer calçada, se posiciona como o título indica “*Na Calçada do Café São Luiz*”. Para ele, nessa calçada “*é doce escutar os*

passos da vida. E onde reside a vida? Não é nas calçadas?” (SILVA, 1982: 21-22). E é para falar dessa calçada que Silva decide publicar em forma de livro as crônicas que já haviam sido publicadas em jornais, recolhe e organiza o volume, optando dar uma sobrevida a esses textos que supostamente teriam um curto tempo de vida sendo substituídas pelas notícias e textos do dia seguinte.

Para Silva o *Café São Luiz* merece ser celebrado, pois é um espaço que se relaciona com a memória dos seus frequentadores. Essa memória também possui relação com a identidade dos mesmos, por isso, os textos do livro e a publicação do material podem ser compreendidos como elemento para reafirmar a identidade dos diferentes frequentadores, para reforçar o laço entre eles, é também por isso que Silva muitas vezes cita o nome de frequentadores e recorre ao passado do espaço.

O livro está permeado pela ideia de um espaço de voz, a capa do volume é ilustrada com uma imagem que sugere a partilha. Trata-se de uma capa branca, com barras em tons marrons sugerindo a cor do café em diferentes tons. A capa é de autoria de Laércio Cavalcante, e a ilustração de autoria de Araújo. No centro, em um fundo branco, encontramos uma ilustração com traços das mesmas cores das barras. Os traços que parecem ter sido feitos com caneta nanquim caminham para o abstrato, mas apesar disso, delineiam formas pela concentração de traços e pela cor atribuída a eles.

A ilustração parece flutuar no centro da página como emaranhado de traços que revelam no centro uma xícara de café. De um lado observa-se o perfil de um homem com a boca aberta e gesticulando com a mão a altura do peito, no outro lado da xícara visualiza-se a silhueta de outro homem também com a boca aberta, e, em meio à fumaça que emana da xícara, podemos perceber o rosto de um terceiro pelos traços mais fortes.

A ilustração presente na capa, que é o rosto do livro, a primeira imagem visualizada, dá significado de reunião ao *Café São Luiz*, espaço do “*nós*” e da fala que circula em torno das xícaras de café.

Os traços sugerem mobilidade, mobilidade da fumaça que evapora, está solta no ar, em liberdade. Fumaça que sai da boca da xícara para preencher os espaços fora dela, assim também as bocas abertas dos sujeitos da imagem sugerem a mesma ação tomada pela voz que inundaria o *Café São Luiz*. O espaço e sua calçada seriam homens e xícaras, cafés e vozes que com sua mobilidade vão se expandindo, bem como a ilustração da capa parece expandir-se no fundo branco da capa.

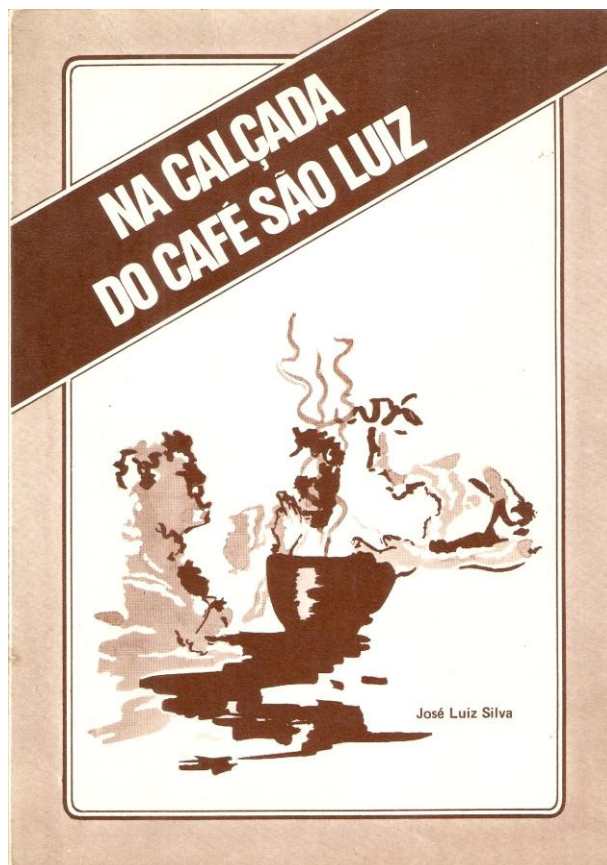


Figura 09 - Capa do livro *Na Calçada do Café São Luiz* de 1982. **Fonte:** (SILVA, 1982).

A construção do *Café São Luiz* como espaço de voz é ainda reafirmada por Silva no único texto do volume que dedica exclusivamente ao espaço. O texto intitulado “*O Grande Ponto Existe*”, foi escrito em 15 de Novembro de 1981 e é o último da primeira parte do livro. O texto inaugura a presença direta de Silva na obra, é a produção do autor localizada primeiro.

Mais que condensar as práticas atribuídas ao *Grande Ponto*, o *Café São Luiz* para Silva seria: “Tão importante quanto o *Café de La Paix*, de Paris, onde Sartre, diariamente, respirava seu existencialismo e os episódios tristes e heroicos da guerra são permanentemente ruminados” (SILVA, 1982: 21). Sabemos que na França, os cafés são espaços de relevância, sendo a frequência em cafés foi uma tradição francesa. De acordo com Sennett, na Europa do XVIII, esses espaços eram de interação entre sujeitos, espaços de conversação polida e aguçada também pelo surgimento do jornal moderno. Os cafés destacaram-se na Inglaterra e na França espaços de notícias e mexericos, difundindo-se no XIX na França nas regiões do *Palais Royal* e nos

Boulevards de Haussmann, destacando-se no XIX como lugares de introspecção e observação da vida burguesa, espaço para a reflexão e para o *flanêur* (SENNETT, 2003: 277-279).

Ao comparar o *São Luiz* ao parisiense *Café de La Paix*, Silva não apenas se mostra conhecedor da Europa e de seus cafés, principalmente dos de Paris conhecidos em todo mundo pelo seu modelo de interação, mas a analogia permite que Silva posicione o *Café São Luiz* como um local importante para a vida social de Natal. O autor sugere que o espaço em Natal partilha de uma tradição dos cafés europeus, sobretudo o então café mencionado por Silva, local segundo ele, pelas aspirações intelectuais, lugar de existencialismo e de recordar os tristes e também heroicos episódios da guerra.

Silva parece não se preocupar com as diferenças e particularidades, com os cortes espaciais e temporais entre esses cafés, com a diferença entre seus frequentadores e na estrutura entre ambos. O autor relaciona pela ligação do “*tão importante quanto*” o *Café São Luiz* e o de *La Paix*, tão diferentes em muitos aspectos.

A calçada do *Café São Luiz* para Silva é um espaço de interação, mas uma interação intelectual. Essa postura é elaborada quando o autor estabelece as práticas que ocorrem no espaço, quais seriam as vozes que podem ser ouvidas no local. São vozes declamando poemas, quadrinhas, sonetos. Esses enunciados, essas declamações que ocorrem no *Café São Luiz* são não apenas vendidos, mas muitas vezes distribuídos gratuitamente. São versos soltos que revestem o espaço de uma aura poética, uma aura que se espalha pela cidade, podendo ser partilhada pelos transeuntes.

Esses versos são feitos não por regras acadêmicas, são feitos de forma orgânica. Ao acentuar esse aspecto Silva evidencia sua rejeição ao conhecimento sistematizado das escolas e universidades em prol de um conhecimento informal, autodidata, aprendido através do povo e pelo povo. E é no *Café São Luiz* onde há essa “distribuição ostensiva de cultura, sem esquema, sem escola, peripatética, transmitida ao vivo, saboreada com café” (SILVA, 1982: 21).

Apesar de intelectual, a interação do *Café São Luiz* não seria excludente. Silva nos informa que o *Café São Luiz* é local que acolhe, é um local sem distinção. É local de dissolução de conflitos e classes sociais. Portanto no seu texto cita diferentes nomes, não apenas para dar legibilidade a sua fala, mas também para evidenciar a diversidade

social e cultural dos sujeitos que frequentavam o espaço, como também para fazer os sujeitos citados sentirem-se parte do espaço.

O *São Luiz* seria frequentado por “*desembargadores, poetas, juízes, aleijados – tudo ao mesmo tempo e no mesmo espaço*” (SILVA, 1982: 22). Além disso, também prefeitos e juízes. É lá também em que existe “*marketing de esmola*” pelo pedinte João Batista de Lira que é amigo de todos e fica esperando o troco no caixa.

A coloração romântica que está presente na ótica de Silva faz com que o autor enxergue no *Café São Luiz* às mesmas qualidades que são dirigidas aos sujeitos das pequenas cidades. A bondade, a comunhão, a dissolução das diferenças, a organicidade são características dos frequentadores do *Café São Luiz* sejam eles ricos e pobres. É lá, por exemplo, que um juiz abdica do seu status e se transforma em um distribuidor de fichinhas de café.

Natal, enquanto uma cidade que conciliava características de cidades grandes e pequenas, que ficaria na indefinição entre Pendências e Paris (SILVA, 1982: 28-29), tinha no *Café São Luiz* uma similaridade com os espaços encontrados nas cidades do interior do estado que Silva frequentava. Essa similaridade pode ser compreendida também pela presença de sujeitos de cidade do interior do estado como os sujeitos que “*carregam nas costas as saudades de Macau*”, bem como pela presença dos prefeitos de Brejinho e Extremoz, e de Absalão, sujeito de Pendências.

Apesar de o *Café São Luiz* ser frequentado por sujeitos de prestígio da cidade, era lá onde estes abriam mão de sua posição e comungavam com os mendigos, de acordo com Silva, um lugar em que os valores da cordialidade e da amizade ainda poderiam ser encontrados, relações que superavam os números indicadores de quantias das contas bancárias.

Não podemos também esquecer a afetividade que Silva direcionava a esses sujeitos. Era um frequentador do *Café São Luiz* e possuía vivências com os demais sujeitos que citou sendo, portanto, compreensível o olhar ameno direcionado para o seu próprio grupo de pertença. Construindo-os como sujeitos simples que não rechaçavam outros sujeitos e que conseguiam conviver com as diferenças sociais e culturais.

O *Café São Luiz* misturava uma série de qualidades para Silva. Seria um espaço para a discussão de notícias, um espaço de opinião pública, e pelo seu poder de crítica, seria temido. Teria uma força maior que a “Crônica Social”. Ao mesmo tempo o *Café São Luiz* era espaço para deleitar-se nas incursões existencialistas, seria lugar para

sonhar. Seria somente lá que “um octogenário consegue sonhar. E a gente só envelhece quando não sonha mais” (SILVA, 1982: 22). O local ativaría o sonho de idosos, mantendo-os ainda jovens, tornando-os ativos, é atribuído ao espaço esse poder, somente nele de acordo com Silva.

No final de seu texto Silva questiona: “Quem vai ao ‘*Café São Luiz* ’? Os puros? Os viciados? Os desocupados?” (SILVA, 1982: 22). Essas questões não são respondidas de forma direta, mas acreditamos que os usos desses termos se referem às concepções acerca dos frequentadores do café. Estes seriam portadores de pureza, uma qualidade de conotação moral que se refere ao caráter ou a alma. Os sujeitos que fazem parte do *São Luiz* seriam puros a medida que se mantinham não maculados pelas qualidades referentes à sociedade capitalista, não se deixavam contaminar pelo individualismo, pela mesquinhez, pela ganância. Eram sujeitos que se doavam que sabiam dividir, trocar ideias, experiências e vivências de forma plena.

Esses sujeitos também poderiam ser compreendidos como viciados, cujo vício seria o espaço, o café e a troca. Apesar de o vício estar relacionado a aspectos negativos, o dos frequentadores era o *Café São Luiz* com toda sua conotação humana e subjetiva, com seus sabores, seus sons. Esse aspecto absorvia os “viciados” do *Café São Luiz*, afinal o espaço apenas era portador de aspectos salutarés.

Além disso, a calçada seria espaço da liberdade, “território livre dos potiguares. Antes, bem muito antes da Abertura, a liberdade era (embora cochichadamente) exercida eu puro estado de graça”. Referindo-se a um momento antes da Abertura, ao período da Ditadura militar iniciada em 1964. O termo “cochichadamente” sugere um cuidado e receio em relação aos assuntos tratados no *Café São Luiz*, supondo uma vigilância política (SILVA, 1982: 21-22). Se o *Café São Luiz* era espaço de opinião pública, de discussão de diferentes assuntos, existiam opiniões políticas e vigilância no período do regime militar para Silva. No entanto, o autor ressalta que a liberdade na calçada seria mais forte que a vigilância, as vozes da opinião quebrariam as barreiras do silêncio impostas e saíam mesmo que cochichadas, mesmo que tímidas, saíam.

É por suas palavras que Silva elabora uma imagem do que seria a calçada do *Café São Luiz*, um espaço de fraternidade destinado à soltura das vozes e dos sonhos. Um local em que homens de diferentes setores da sociedade e de diferentes classes se uniam. Seria o *Café São Luiz* detentor de uma interação e desprendimento só vistos em lugares rurais para Silva. Para elaborar a imagem do local, no entanto, o autor utiliza-se

de textos de outros sujeitos, esses textos, ora referindo-se diretamente ao espaço, ora não, auxiliam a compor o rosto que José Luiz Silva deseja desenhar para o lugar.

Silva destaca no livro o poema de Cisquito sobre o *Café São Luiz*, representa o café como um espaço que suscita a imaginação e a poesia.

CAFÉ SÃO LUIZ

No *Café São Luiz*, à sombra amiga/ De uma árvore talvez já secular, /
Que faça sol ou não, à moda antiga / Há sempre um fato novo a
comentar.

E nesse proceder já há quem diga, / Sem o timbre da voz sequer
mudar, / Existe entre eles uma forte liga / Muito difícil de se
arrebentar.

Resolvem-se problemas mais diversos / Poemas metrificam, fazem
versos / Na mais perfeita musicalidade.

Se acaso o *São Luiz* fechar-se um dia; / A boa prosa, cordial, sadia, /
Eternizar-se-á numa saudade (CISQUITO apud SILVA, 1982:13).

O poema produzido por Cisquito faz referência a um espaço afetivo para o autor. De acordo com Gutenberg Costa em texto publicado no Jornal Dois Pontos de 17 de julho de 1993 e publicado posteriormente em seu livro *Natal, personagens e populares* de 1999, Cisquito seria um nome afetivo dado ao poeta Francisco Augusto Caldas de Amorim. Era um poeta nascido na cidade de Açú em 10 de julho de 1899. Cisquito teria sido Vereador e Prefeito na cidade mencionada. O poeta também ocupou outros cargos tal como Professor de História e escrivão. O então poeta teria alguns livros publicados tal como “*Assu no roteiro das glosas*”, “*Seriema e outros versos*”. Cisquito seria membro da *Academia de Trovas do Rio Grande do Norte*. Teria sido frequentador do *Café São Luiz* de acordo com Costa. Para o autor o poeta frequentava diariamente o *Café São Luiz* nos turnos matutinos e vespertinos (COSTA, 1999: 54-55).

A amizade e a afetividade existente no café é declarada por Cisquito já na primeira linha da primeira estrofe do poema ao referir-se a uma “*sombra amiga*” de uma árvore secular. O termo “*amiga*” se refere à sombra em que o autor desenvolveu laços afetivos. A sombra, um espaço criado à contra-luz, teria no entanto uma luz própria para o autor. A sombra que Cisquito se refere é arrebatada de sua naturalidade e significada pelo autor. Essa significação, no entanto, se faz pelas vivências do autor no local, pelos

laços desenvolvidos pelo bem-estar e pelo tempo em que o sujeito utiliza-se da sombra da árvore. Seriam as relações humanas, que permitem dar o significado ao espaço, e a sua sombra. É pelas relações entre os sujeitos que o espaço é envolto pelas emoções e pela ideia de amizade.

A sombra amiga se refere a uma árvore presente na calçada do *Café São Luiz* e a frequência na sombra se deve a esta calçada. Podemos compreender que o sentimento de amizade pela sombra pode ser transferido ao *Café São Luiz*. O poeta, um sujeito que frequentava o espaço, dedicou o poema ao local, enfatizando no título apenas o nome do espaço – “CAFÉ SÃO LUIZ”. Cisquito um erudito que foi político, professor de história e poeta, possui uma preocupação em registrar um espaço de significado para si e para uma coletividade.

O registro de Cisquito é feito de forma estetizada, por meio da linguagem poética, o *Café São Luiz* é elaborado por estrofes e por rimas. A árvore presente na calçada do espaço seria “*talvez já secular*”. Para o autor, remetendo a ideia de tempo e de tradição, o *Café São Luiz* seria marcado pela permanência e repetição de ritos e práticas.

O autor associa também o *Café São Luiz* a um espaço de circulação de vozes. No local, para Cisquito, haveria “*sempre um fato novo a comentar*”. Na calçada do local os assuntos não cessam, mas ao contrário, existem sempre novos assuntos e notícias do que ocorre na cidade. Essa característica confere vitalidade ao local, um espaço fluido de pessoas e vozes, que é também afetivo.

A interação entre os sujeitos é ainda ressaltada na segunda estrofe, quando Cisquito cita que existe entre os frequentadores do *Café São Luiz* “*uma forte liga / Muito difícil de se arreentar*”. A liga dando a ideia de conexão, de cola, se refere a ajuntamento, não apenas dos corpos, mas pela afetividade entre os sujeitos.

Pela utilização do “*eles*”, o poeta constrói uma cena, parece observar de fora, esse parece ser apenas um recurso textual do mesmo, à medida que Cisquito foi também frequentador do espaço, o que possibilitou a descrição de práticas e de sentimentos pelo espaço.

Atribuindo coesão aos diferentes sujeitos que formam o *Café São Luiz*, dando sentido de grupo e união, na segunda estrofe, Cisquito atribui força à ligação entre os demais sujeitos. Essas relações não seriam, portanto de caráter raso, superficial, mas feita por laços firmes e intensos.

O início da terceira estrofe apresenta um elemento que poderia significar discordância nessa forte liga a existência de “*problemas*”, no entanto a alusão a conflitos, que poderiam ser a não aceitação de supostas diferenças e discordância de opiniões, não apresentam ameaça a essa intensa ligação que os frequentadores partilham. Esses sujeitos teriam a capacidade de resolver os problemas das mais diversas ordens, nenhum desses problemas seria mais forte que a amizade entre os pares.

A resolução dos conflitos promove a manutenção do *Café São Luiz* como espaço pacífico e de plena entrega, um espaço do “*nós*”, de um grupo que se faz pelo afeto. Seriam os frequentadores sujeitos sábios e bons, sujeitos com capacidade de relevar problemas e de perdoar em prol da coletividade. Esses pontos levantados por Cisquito se relacionam com os outros textos selecionados e elaborados por Silva ao longo da obra.

Na terceira estrofe do poema de Cisquito algumas práticas realizadas no lugar são evidenciadas, para atribuírem rosto ao café e aos sujeitos que o compõem. Para Cisquito no *Café São Luiz* esses sujeitos metrificam poemas e fazem versos, atribuindo a ideia de que os frequentadores são poetas, e que o espaço é local de produção de versos. Essa perspectiva também aponta o espaço como local de uma interação erudita de leitura e produção de poemas. Essa perspectiva atribui importância cultural ao espaço e expressa uma preocupação em vincular o espaço à subjetividade, a poesia. A citação de poetas dentro de um poema colabora também para a as aspirações poéticas vinculadas ao local.

Os poemas e versos são produzidos “*na mais perfeita musicalidade*” para Cisquito. A produção dos sujeitos seria afinada, e essa harmonia teria o significado de espelhar a relação entre os demais. A afinidade entre os sujeitos se refletiria na musicalidade dos versos, que estariam sempre em harmonia. Os sujeitos e versos estariam sempre em consonância.

O autor do poema finaliza pensando na possibilidade de o *Café São Luiz* fechar suas portas. Essa perspectiva causa uma fissura no desenrolar do poema até então cercado por uma atmosfera de celebração, levantando a possibilidade de uma tristeza. Chama atenção nessa estrofe uma ameaça de fechamento do ponto, e de sua “*boa prosa, cordial, sadia*” (CISQUITO apud SILVA, 1982:13). Mas informa que se ele fechar suas portas irá eternizar-se em saudade, será um espaço lembrado e que motivará

sentimentos, dor da saudade, estará cercado pela nostalgia das lembranças afetuosas, lembranças que nascerão do vazio deixado pela sua ausência, e que não permitirão a extinção absoluta do local, que viverá, mesmo que não mais fisicamente.

A possibilidade aberta pelo poema de Cisquito transfere a atenção para compreender o lugar além do seu material, para conceber o local enquanto imagem que será evocada pelas lembranças, viverá enquanto os sujeitos que o habitam existirem. Mas a possibilidade de fechamento do café é também um exercício de imaginação de previsão de futuro, que possibilita um derramamento de emoções o qual evidencia a necessidade de o espaço manter-se aberto. Se acaso o *São Luiz* fechar-se será ainda vivo, pois marcou os sujeitos.

Entre os textos de outras autorias e selecionados por Silva, segue ainda um texto de Eugênio Neto publicado em *A República*, em 04 de outubro 1981, importante jornal e de grande circulação da capital. O texto de Neto se aproxima da crônica, é um texto curto que narra o cotidiano do *Café São Luiz*.

A 'CALÇADA DO CAFÉ SÃO LUIZ' é hoje, para nós seus frequentadores, verdadeiro estado de espírito. Não se entende começar o dia sem uma chegada até lá. Quando um de nós, deixa de comparecer, a turma já procura saber se esta doente. No 'ficus benjamin' da calçada, há talhado com canivete o nome dos fundadores. Há a turma da manhã. Da tarde e da noite. E os que estão nos três expedientes [...]. Uma turma eclética que conversa sobre tudo. Fala-se de política, futebol, literatura, mas principalmente contam-se anedotas.

E nisto, reina absoluto nosso Nélio Pinheiro, técnico da Arno do Brasil. Um amigo admirado, dizia que, mesmo nos encontrando há anos, discute-se mas nunca há uma briga séria. E note-se que a brincadeira entre Nélis e Vital, muitas vezes parte prá grossura. Nélis com uma mancha roxa nas costas, Vital com um hematoma. Tudo brincadeira. [...] Aí chega o professor universitário Meroveu Pacheco Dantas [...] Mas, o negócio anima, quando chega essa figura espetacular do magistrado e pessoa humana que é Altanir Borges e o Consultor Jurídico da Câmara Municipal, José Martins (Zequinha). É a vez de Ernani Couceiro (Motinha) contar as novidades do país das Rocas. Itamar Vale chega trazendo seus versos matutos. Walfran de Queiroz exhibe seu mais novo trabalho, em prosa ou verso, em louvor a Javeh, Brama, Alah, Maomé ou seja lá quem for. [...] Padre Zé Luiz aparece e lá da calçada da Gruta de Ali-Babá (Fininvest) vai dizendo: 'Preciso falar contigo'. Discreto, falando baixo, nosso professor Manoel Rodrigues, presidente perpétuo da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, conversava com Minervino Wanderley, Luiz Rabelo e Sebastião Soares, falam de trovas e Rabelo exhibe mais um troféu ganho em Portugal.

À noite, a turma é outra. [...] Jair Navarro, médico e odontólogo, demora pouco. O médico Silos aparece menos. Sempre falando sobre o carro mais novo, geralmente importado.

A ‘CALÇADA DO CAFÉ SÃO LUIZ’ é um lugar cosmopolita, onde se discute tudo, se fala de tudo, menos da VIDA ALHEIA. Uma sugestão ao industrial Roberto Veiga: Mandar botar uns bancos na calçada do café. Manda? (NETO apud SILVA, 1982: 16).

O texto de Eugênio Neto é uma profusão de nomes, cargos, ações, rostos. Não possibilita pausa para fôlego, caracterizado também por poucos parágrafos. A narrativa é permeada pelo “*Aí chega*”, “*É a vez de*”, elementos que conectam as frases após os pontos. Assim seria o *Café São Luiz* para o autor, um local de pleno movimento feito pelos sujeitos que o frequentam. A imagem que o autor quer construir é de ponto de celebração da vida e da amizade. Espaço de muitos, de uma permanente circulação que fixa pelos laços afetivos.

Manuel Eugênio Neto nasceu em 1929 e faleceu em 2010. Foi jornalista, trabalhou no rádio e na televisão. Atuando principalmente no Grupo Tropical. Possuiu carreira também na política. Foi Vereador em Natal e Deputado Estadual na década de 1970 (DIÁRIO DE NATAL, 2010).

Seria o *Café São Luiz* para Neto, um lugar frequentado por sujeitos das mais diferentes profissões, por isso seria um “*lugar cosmopolita, onde se discute tudo, se fala de tudo*”. “*Fala-se de política, futebol, literatura, mas principalmente contam-se anedotas*”. O *Café São Luiz*, portanto, é lugar de fala, as conversas ressaltadas, seria um café de vozes.

O ponto era constituído por técnicos, professores universitários, consultores jurídicos, médicos, poetas e presidentes da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Um espaço que aglutina homens das mais diversas especialidades. É interessante ressaltar que a citação a certos cargos dos frequentadores se contrapõem inclusive às inclinações românticas da escrita de Silva. Neto cita burocratas como o “*Consultor Jurídico*”, e tipos que possuem posturas burguesas como os médicos que estavam “*sempre falando sobre o carro mais novo, geralmente importado*”. Esses elementos contradizem os argumentos de Silva sobre o *Café São Luiz* ser destinado ao “*povo*”, e ao “*homem comum*”.

Para Neto a união no espaço seria tão forte que a ausência de qualquer sujeito seria motivo de investigação e preocupação dos outros membros do grupo. Esse quesito no texto se refere a uma preocupação em construir um local onde impera a

solidariedade, a preocupação com os demais, isso seria admirável no *Café São Luiz* e seria digno motivo para registro. Apesar da grande circulação que ocorre no *Café São Luiz*, cada sujeito possui suas qualidades, suas particularidades, tem um nome, e é lembrado. Diferente de outros espaços em que o fluxo das pessoas é feito de forma atomizada onde os sujeitos circulam, mas não se olham. Esses espaços são típicos da grande cidade, uma crítica feita pelos românticos. Ao contrário, o *Café São Luiz* seria como uma grande casa que a todos acolhe, e que recebe a cada um com o conforto particular.

O *Café São Luiz* também seria espaço de harmonia, onde “discute-se, mas nunca há uma briga séria”, mesmo quando alguns trocam brincadeiras sérias referentes a grosserias. Citou o exemplo de sujeitos como “Nélis e Vital” que mesmo em alguns momentos trocando grosserias, terminando em hematomas, tudo não passa de brincadeira. Os possíveis conflitos são minimizados, ressaltando-se a maneira jocosa de como são resolvidos. Neto não cita as grosserias trocadas pelos sujeitos e nem os motivos que os tenham levado a esquentar os ânimos. Menciona possíveis conflitos para um objetivo maior que são as estratégias dos sujeitos para aliviá-los. Estratégias essas que só podem existir com sujeitos que partilham vivências e afinidades. No café reinaria a paz, as anedotas, os bate-papos.

O texto de Neto, sem título, informa desde o início que a calçada do café é para seus frequentadores “verdadeiro estado de espírito. Não se entende começar o dia sem uma chegada até lá. Quando um de nós deixa de comparecer, a turma já procura saber se esta doente”. Nas primeiras linhas o autor acentua a relação afetiva com o espaço, o que motiva diferentes sujeitos a marcar presença cotidianamente. O comparecimento marcaria o início do dia e o espaço seria “estado de espírito” para os sujeitos, faria parte dos mesmos, como porção espacial que transcende o físico. O que Neto classifica como “estado de espírito” pode ser interpretado pelo envolvimento afetivo pelo espaço, pela associação com as emoções e com a memória, fazendo com que ao estar no *Café São Luiz* os frequentadores sintam-se acolhidos fisicamente e emocionalmente, possibilitando um bem-estar que só pode ser alcançado no café.

Neto se preocupa ainda em referenciar o passado, o espaço se relaciona com a memória, a calçada é como um monumento que suscita lembranças, que tem marcado nomes, fazendo com que esses nomes não sejam esquecidos. Para Neto, “há talhado com canivete o nome dos fundadores”. Os fundadores seriam homenageados

cotidianamente no local, pois seriam para Neto os primeiros, os responsáveis pela iniciativa de fundar o espaço com características comerciais, mas que extrapolou essas funções, tornando-se “estado de espírito”.

Ao levantar esse ponto Neto simboliza o reconhecimento e a gratidão que existiria nos frequentadores em relação aos fundadores. Quando chama atenção aos fundadores, Neto também expressa uma preocupação com os primórdios e com as origens, quer atribuir ao grupo um passado comum ao grupo de frequentadores do espaço que o constituem, haveria um nascimento, um *pedigree*.

O texto de Neto é finalizado com uma solicitação, e não apenas com uma sugestão feita ao então proprietário Roberto Veiga, a fixação de bancos na calçada. A solicitação de bancos no espaço feita em um texto publicado em um jornal de grande circulação e posteriormente no livro, mais que pedido de um frequentador, significa que o espaço é digno e mereceria bancos fixados em sua calçada, bancos que seriam utilizados pelos demais. A solicitação dos bancos publicamente também tem o objetivo de lembrar que essas intensas reuniões realizadas no *Café São Luiz* ocorriam mesmo sem bancos de maneira que o Café seria então um espaço em que seus frequentadores possivelmente permaneciam em pé, mas a ausência do mínimo de conforto parecia não prejudicar o fluxo. Para Neto o desejo de estar junto superaria a falta de conforto.

O texto de Neto não apresenta a frequência de mendigos e sujeitos mais humildes no espaço. Ao contrário, os frequentadores podem ser donos de carros importados que estacionam em frente ao ponto. Apesar disso, esses sujeitos, assim como em Silva, são trabalhados como sujeitos simples e com espírito de coletividade, não são individualistas.

As homenagens ao *Café São Luiz* permeiam todo o volume, porém são mais evidentes no início e no final. A última parte do livro é intitulada “*Homenagem (não) póstuma*”, iniciada na página 85 referindo-se a uma homenagem a Luiz Veiga, dono da indústria do *Café São Luiz*.

Publicando a primeira página da ‘REVISTA BANDO’ sobre as instalações do *CAFÉ SÃO LUIZ*, queremos homenagear o pioneirismo de Luiz Veiga. Por causa dele, surgiram o cafezinho e a calçada. Governadores, políticos, aposentados, vendedores, intelectuais, gente do povo, para todos eles, ‘A CALÇADA DO *CAFÉ SÃO LUIZ*’ tem sido a referência permanente, o termômetro das oscilações partidárias, o estuário das notícias, o centro polarizador dos altos e baixos administrativos. Por causa da CALÇADA, Luiz Veiga não conseguiu

morrer. POR ISSO, ESTA HOMENAGEM NUNCA SE CHAMARÁ PÓSTUMA (BANDO apud SILVA, 1982: 95).

Elaborando uma homenagem, mas uma “(não) póstuma”, Silva reafirma o poder da calçada do *Café São Luiz*, o poder de fazer inclusive com que as pessoas não morram, ou o poder da calçada de tornar presença a ausência de mortos. Mesmo que tenham morrido fisicamente, os sujeitos são sempre lembrados como é o caso de Luiz Veiga, o fundador do *Café São Luiz*.

Veiga é lembrado não como pessoa, em sua intimidade. O sujeito é lembrado como empresário por causa do seu “maior feito” – a fundação do *Café São Luiz*. Foi esse feito, para Silva, que imortalizou Veiga. Sem sua iniciativa não existiria “o *cafezinho e a calçada*” fonte de inspiração, apoio de lembranças, aglutinador de diferentes sujeitos e “referência permanente” como ponto de circulação das notícias e de amizades.

É nesta homenagem também que Silva parece contradizer as perspectivas elaboradas até então, pois enquanto um crítico da sociedade industrial, ele costumava expressar hostilidade a figuras associadas a burgueses como os banqueiros, por exemplo. No entanto, ao elaborar uma homenagem a um industrial, um capitalista e homem de negócios, Silva ignora essas perspectivas em prol da figura de Veiga. O industrial seria uma figura diferente, um homem pioneiro para Silva. Esse pioneirismo é lembrado por causa da calçada.

Como espaço afetivo, uma homenagem ao lugar para Silva deveria incluir os primórdios, o princípio de tudo. O *Café São Luiz* teria um começo, um pai, e esse seria Luiz Veiga. O autor ressalta sua preocupação em construir o passado, em estabelecer datas. O passado que constrói, no entanto está pautado na continuidade, pois Silva não cita a fundação do *Café São Luiz* em 1953, não se preocupa em expor a data de sua fundação. No ano da publicação do livro o local estava com apenas 29 anos. Era interessante para Silva ligado a tradição, recuar no tempo, atribuir carga temporal ao *Café São Luiz*, publicando uma reportagem de 1949 a qual cita a fundação da fábrica *Café São Luiz* em 1938.

A Página da Revista Bando, de janeiro de 1949, trata da “inauguração das Novas Instalações da *Torrefação e Moagem ‘São Luiz’*”, em que “autoridades civis, militares e eclesiásticas prestigiam o grande melhoramento (BANDO apud SILVA,

1982: 97)”. Em seguida à página de *BANDO*, são posicionadas no livro algumas fotos de Luiz Veiga, com a legenda abaixo, “Por causa dele, surgiram o cafezinho e a calçada”.

Silva estabeleceu também uma genealogia para o espaço. Para finalizar o livro destaca-se uma fotografia dentro das instalações do *Café São Luiz*, uma fotografia que mostra frequentadores ilustres. Dentre eles destaca-se o folclorista Câmara Cascudo e Djalma Maranhão. A legenda informa: “Câmara Cascudo, Paulo Viveiros, Sérgio Severo, Djalma Maranhão, foram muitos os que nos antecederam, no *Café São Luiz*. Deles e de tantos outros, partidos há muito e pouco tempo (Varela Barca, Pastor Machado) a saudade da Calçada”.

As fotografias comunicam uma tentativa de vincular o café a esses eruditos, e políticos, atribuindo também uma importância histórica ao lugar, por ter sido ponto de celebração para sujeitos de relevo na cena cultural da cidade. Com a legenda, Silva quer atribuir ao espaço uma ancestralidade, “muitos os que nos antecederam”, uma ancestralidade importante ao espaço da calçada do *Café São Luiz*, um espaço de gerações de frequentadores (SILVA, 1982: 99-103).



Figura 10 - Fotografia nas primeiras instalações do *Café São Luiz*. **Fonte:** (SILVA, 1982: 103). No canto da fotografia, ao lado esquerdo, Luiz Eugênio Ferreira Veiga Filho; ao seu lado da esquerda para a direita, vestido com roupas escuras, Luis da Câmara Cascudo; em seguida, na mesma ordem, com a mão erguida ao rosto, Sérgio Severo de Albuquerque Maranhão; seguindo a ordem, ao lado de Sérgio, Paulo Viveiros; a seguir, com o rosto voltado ao chão, roupas claras e gravata escura, Djalma Maranhão.

Buscando atribuir um sentido de continuidade à frequência do café, Silva destaca Paulo Pinheiro de Viveiros (1908/1979), jornalista, escritor, autor de *História da Aviação no Rio Grande do Norte*, publicado em 1974 (VIVEIROS, 2008). Também ganha destaque na fotografia Sérgio Severo de Albuquerque Maranhão, filho de Augusto Severo, membro de família ilustre e nome de relevo na Aviação do Estado. Sérgio Severo era comerciante em Natal e possuía proximidade com Luis da Câmara Cascudo, interessando-se também pela questão do folclore. O site do SESC São Paulo atribui a Sérgio Severo a descoberta do artista “popular” Xico Santeiro. Teria sido Sérgio que o apresentou a Cascudo (SESCSP, 2012).

Na imagem, duas figuras merecem destaque também pela parceria, Djalma Maranhão e Luis da Câmara Cascudo. Cascudo, o erudito mais influente da cidade, reconhecido a nível nacional pelos estudos relativos à cultura popular. Maranhão, por sua vez, teve seu nome marcado pelo incentivo às manifestações da cultura popular e organizou com Cascudo alguns Congressos de Folclore na década de 1950.

A seleção e publicação da fotografia de Câmara Cascudo, Djalma Maranhão, Paulo Viveiros e Sérgio Severo por Silva, ambos de pé em frente ao balcão do *Café São Luiz*, pretende conferir importância ao espaço. A presença desses sujeitos também caracteriza os assuntos de ordem erudita no espaço, o *Café São Luiz* é elaborado como espaço para poetas e escritores. Por sua vez a presença de Maranhão também representaria o véis político forte no *Café São Luiz*.

O balcão na fotografia é o das primeiras instalações, entre a Princesa Isabel e a João Pessoa, mudando de local em 1959. Silva, na legenda da fotografia, também quer dar um sentido de continuidade à frequência do *Café São Luiz*, mesmo tendo sido ele mudado de local e tendo assistido a derrocada da *Torrefação*.

O interesse de Silva em elaborar um passado para o espaço e para o grupo de frequentadores é expresso pela utilização de textos publicados em jornais e por fotografias, como esforço do autor em dar coesão ao grupo. Essa iniciativa se refere a um “enquadramento da memória” como pensou Pollak (POLLAK, 1992: 206-207; 1989: 9). Caracteriza-se por construir uma memória oficial para o espaço e para o grupo. Esses esforços fazem parte do processo de elaboração do símbolo *Café São Luiz*, um lugar de memória.

Nessa perspectiva podemos considerar o livro de Silva como um marco para a elaboração da imagem do *Café São Luiz*. Os textos que o compõem desejam formalizar e construir um modelo de sociabilidade, de interação, treinam o olhar sobre o *Café São Luiz* bem como as memórias que se têm do espaço.

3.2 – O CAFÉ SÃO LUIZ, SUAS REPRESENTAÇÕES E REGISTROS.

Possivelmente um bom leitor dos jornais da cidade, mesmo que não tenha conhecido o *Café São Luiz* fisicamente, terá contato com suas representações textuais e imagéticas por meio de textos em jornais e charges. Na década de 1980 podemos perceber que o *Café São Luiz* é vastamente citado como local visitado por políticos em suas campanhas e como local de discussões futebolísticas e de informação. A menção ao *Café São Luiz* nesses textos permitem pensar uma trabalho de investimento sobre o espaço, que havia se tornado símbolo. Nas décadas posteriores, principalmente na primeira década de século XXI encontramos textos que passam a formalizar e exaltar a importância do espaço, reconhecendo-o como local relevante para a memória e para a história da cidade.

O *Café São Luiz* passou a ser citado em colunas jornalísticas de diferentes interesses. Em texto referente à coluna esportiva da *Tribuna do Norte* de 1982, o *Café São Luiz* é citado como “não é apenas o lugar onde se toma o melhor cafezinho de Natal. Ali é também o ponto onde se discute futebol, razão suficiente para estar sempre concorrido” (TRIBUNA, 08.12.1982: 10). De acordo com o texto, mais do que para fins de degustação o *Café São Luiz* cumpriria outras funções, a discussão de futebol, os jogos, a transição entre jogadores e técnicos e as especulações sobre o assunto. Para o texto esses seriam motivos suficientes para que o *São Luiz* fosse um concorrido espaço, motivos que tornavam o lugar marcado pela vivência humana.

A frequência de diferentes sujeitos ao *Café São Luiz* foi noticiada em uma reportagem de 1983 e publicado no *O Poti*. O texto faz referência à instalação de bancos vizinhos à calçada do local, mas que estavam sendo usufruídos pelos frequentadores. Os bancos teriam sido instalados por uma agência bancária que iria construir seu prédio vizinho ao café. Os frequentadores, por sua vez, desejavam que a agência implantasse outros assentos semelhantes aqueles que haviam tornando as reuniões mais confortáveis. De acordo com o texto, que acompanha uma fotografia dos assentos, os

frequentadores do *Café São Luiz* acerca de sete meses passaram a desfrutar de conforto em “suas diárias discussões sobre as problemáticas nacionais ou internacionais”. O conforto estaria relacionado aos bancos possibilitando “descanso às pernas já cansadas das longas conversas através dos anos”. Dentre os entrevistados o texto destaca o ex-vereador José Elesbão de Macedo, que legislou na Câmara de Natal por 26 anos, o ex-vereador informou que estava diariamente no *Café São Luiz*, vinha de *Ponta Negra* para o lugar com o intuito de se informar. O ex-vereador possuía mais de 30 anos de frequência ao espaço, de acordo com ele, desde que o espaço funcionava na *Rua João Pessoa*. Para outro entrevistado, Ivan Toscano, o *Café São Luiz* seria uma academia, pois lá se encontraria todas as tendências intelectuais e todas as classes sociais, “independente de cor, raça, religião ou partido político” (O POTI, 09.01.1983: 5).

A notícia da instalação de bancos próximos ao *Café São Luiz* e o depoimento de antigos frequentadores, sinalizam a construção simbólica do espaço para a cidade e os significados atribuídos a essa construção. A notícia da satisfação dos sujeitos em relação aos bancos está também relacionada uma solicitação de instalação de assentos na calçada do ponto. O *Café São Luiz* e seus frequentadores seriam merecedores desse tipo de investimento que tornaria a vivência no espaço mais agradável. Pela caracterização dos frequentadores, o texto sinaliza também uma ligação afetiva com o espaço, bem como uma continuidade na frequência. Essa frequência ao café seria feita por ex-políticos, mas de acordo com o outro entrevistado, no espaço poderiam ser encontradas todas as tendências intelectuais. Os entrevistados são políticos, intelectuais, ou são sujeitos pertencentes a camadas econômicas privilegiadas, apesar disso, desejam transmitir a imagem de um espaço aberto a todas as classes, que seria amigável a toda a cidade e não apenas a grupos específicos.

Por ser um espaço voltado para assuntos políticos, o café se constituía como ponto importante de opinião pública, muitas assuntos tratados no local passaram a ser posteriormente publicados em jornais, pois o local era também frequentado por jornalistas. Em 1985, na campanha para Prefeitura de Natal, o lugar foi visitado por diferentes candidatas como Miriam de Souza e Vilma Maria como anunciaram os jornais de 1985. O *Diário de Natal* do mesmo ano narra um comício realizado em frente ao *Café São Luiz* pela candidata a prefeitura de Natal Miriam de Souza e seu vice Edmilson Lima. O texto cita a presença de uma multidão que acabou congestionando o trânsito das ruas Princesa Isabel e João Pessoa (DIÁRIO, 09.10.1985: 3). Outro texto

publicado na *Tribuna do Norte*, já na primeira linha cita o *Café São Luiz*, informando que a candidata Vilma Maia havia tomado “cafezinho no tradicional ‘*Café São Luiz*’”, parando também nas barracas e entrando em lojas, conversando com os transeuntes e comerciantes. A visita de Vilma mobilizou em passeata muitos eleitores e acompanharam a candidata pelas ruas do bairro (O POTI, 18.08.1985: 1).

Os textos de jornais já definiam em 1985 o *Café São Luiz* como “tradicional”, o local fazia-se tradicional em relação à visita de candidatas em suas campanhas políticas. De acordo com coluna do jornalista Woden Coutinho Madruga, intitulada “Jornal de WO”, no *Grande Ponto* poderiam ser escutadas incríveis histórias, algumas inclusive absurdas, porém ali seria local “que aparecem os primeiros indícios, as primeiras versões, o embrião da notícia verdadeira”. Woden então relata que ao sair do *Café São Luiz*, um conhecido o pegou pelo braço e sussurrou uma notícia política (TRIBUNA, 22.01.1985: 4). O *Café São Luiz* é citado com frequência na coluna de Woden, pois passou a se constituir como símbolo na cidade. Em matéria acerca do preço do café, o *Café São Luiz* é citado. O texto apresenta um panorama acerca dos cafés na história enquanto espaços para interação e conversas. Dentre esses espaços, o Café Nicola, em Lisboa, é lembrado como lugar em que Bocage fazia piada com as mulheres do lugar. O texto finaliza citando o poeta Bosco, “frequentador diário das calçadas do *Café São Luiz*”, para quem beber café seria motivação para um bate-papo (TRIBUNA, 01.03.1985: 2).

O século XXI possibilitou diferentes textos de jornais e imagens acerca do *Café São Luiz*, discursos que representavam o café como ponto tradicional da cidade, como célula de reuniões e bate-papo. Esses discursos desenharam o *Café São Luiz*, atribuíam um rosto ao espaço por suas práticas e por seus frequentadores. Exemplo é a crônica do jornalista Emanuel Barreto publicado no ano 2000, no volume *Crônicas para Natal: as crônicas do Jornal do Dia*. Os textos são crônicas produzidas para o *Jornal do Dia*, programa exibido na TV *Ponta Negra* em Natal. Os textos, portanto, tiveram repercussão televisiva antes de serem publicadas no volume. São também uma homenagem a cidade por seu aniversário de 400 anos. De acordo com Barreto, o *Café São Luiz* é:

Um ponto de encontro, um local onde a conversa rola solta, amiga, sem começo nem fim.

É o *Café São Luiz* onde Natal é mais confidente, fofqueira, discretamente falante.

Política, modismos, novidades, usos, costumes, escândalos e pecados. Tudo, de tudo se pode saber na calçada do *Café São Luiz*.

É ali, no barulhar das conversas que, quem conta um conto, sempre aumenta um ponto. Sem maldade, só para comentar...(BARRETO, 2000: 70).

Enquanto homenagem a Natal, abordando temáticas ligadas à história e à memória da cidade, nada mais justo que abordar o *Café São Luiz*. O lugar seria ponto de encontro na cidade, local de fala, de interação e troca de informações, pois lá “tudo se pode saber”. O espaço é elaborado como lugar de celebração e comunhão entre os seus membros. O texto de Manoel Barreto atribui fisionomia ao *Café São Luiz*, bem como o representa e projeta sua imagem na TV e livros. O texto se constitui como discurso que auxilia na forma como o espaço é lido por seus membros e pela cidade do Natal.

Outro exemplo e discurso é uma caricatura de Amâncio, conhecido por ilustrar jornais da cidade. A imagem é de 2005 e representa o *Café São Luiz*.

Na imagem acima o *Café São Luiz* é representado com um local de várias cores e pessoas que fazem do local uma festa por suas reuniões e conversas. O ponto é delineado como um amontoado de pessoas. Apesar de o café estar cheio de pessoas, algumas delas ganham contornos mais detalhados em suas feições. Da direita para a esquerda estão representados: Julio Hernesto Ramezoni, escritor; Mery Medeiros, militante político e escritor; no banco de óculos de sol, Osório Almeida, escritor; com um longo chapéu Pedro Grilo, pintor publicitário, artista plástico e poeta; Gutenberg Costa, funcionário público, escritor e folclorista; Moura; e no final, Eugênio Neto, jornalista e escritor. Pelas atividades dos sujeitos delineados na ilustração podemos perceber que a cara que o autor deseja delinear para o *Café São Luiz* é constituída pela cara de seus frequentadores, um espaço para intelectuais e artistas.



Figura 11 - Caricatura de autoria de Amâncio de 2005. A imagem representa o *Café São Luiz* e seus mais conhecidos frequentadores. Foi adquirida pelo autor em um sebo da cidade em 2010.

Acima do toldo podemos perceber duas figuras sobrevoando o lugar. Essas figuras são a de José Luiz Silva com sua barba branca e o poeta Cisquito, com seu cachimbo. Essas figuras possuem asas e remetem a sujeitos que se mantêm vivos no lugar pelas lembranças dos outros sujeitos que ao citá-los os fazem presentes. Essa presença possuiria uma conotação espiritual, Silva teria organizado e escrito textos presentes no volume *Na Calçada do Café São Luiz* e Cisquito, falecido poeta e escritor, que fazia parte da Academia de Trovas do Rio Grande do Norte e que exerceu outras funções, mas que foi lembrado por Gutenberg Costa por sua presença no *São Luiz* “todos os dias pela manhã e à tarde” (COSTA, 1999: 54-55). A presença de vivos e mortos no local faz do *São Luiz* um ponto de amizade e de coesão grupal, um ponto tradicional presente pela memória.

Em 2003, no *Jornal de Natal*, um grande anúncio chamava atenção, “A Sala de Natal”. Abaixo do letreiro uma caricatura do *Café São Luiz* representando sua fachada quadrada, o letreiro “*Café São Luiz*” acima, e abaixo do seu toldo seus três

bancos. Na imagem esses assentos estão completos de sujeitos, enquanto outro está de pé, outros estão dentro do estabelecimento. Os sujeitos representados parecem interagir entre si e conversar, além disso, os personagens da imagem parecem ser idosos pela utilização de bengalas e pelas expressões. A presença de idosos no local atribui idade ao local, seus antigos frequentadores tornariam o espaço um local de tradição e de sujeitos guardiões da memória do café e da cidade. A caricatura é de Amâncio, a imagem é do mesmo ano.



Figura 12 - Imagem de Amâncio, 2003. A imagem ilustra o texto de Rodrigues Neto intitulado A Sala de Natal. **Fonte:** (JORNAL DE NATAL, 28.04.2003).

Na outra metade da página podemos ler uma publicação do jornalista Rodrigues Neto, que fora elaborado para aquela publicação. Abaixo da imagem, em letra maior podemos ler, “O *Café São Luiz* é, ao mesmo tempo, uma igreja e uma galeria, um templo clubístico onde cada qual reza com fé ao senhor dos planetas”. O texto inicia informando que Natal seria uma cidade formada por coisas alegóricas, sagradas e doces, e o café se encontraria como uma dessas coisas. É carregado de lirismo, atribui predicados ao café como “fabuloso”. O jornalista celebra “Viva o *Café São Luiz*”. O jornalista continua ainda explicando o que seria o *Café São Luiz*:

E agora se faz necessário dizer, ou até mesmo resaltar, que o *Café São Luiz* não se resume em uma xícara de prazer bebido. Naquele lugar aparecem espíritos geniais e espíritos geniosos, que à luz de uma sapiência colossal discorrem os assuntos que são pautados para a conversação da hora com uma visão multiangular, encarando sempre a fenomenologia do movimento mundial. [...] O *Café São Luiz*, mais do que símbolo e metáfora, é o lugar mais acalentador da alma humana; é a figura de república pacata e ordeira; é a pátria sonhada pelos homens desse país, é o jardim de carícias de que tanto necessitam homens, mulheres e crianças. O *Café São Luiz* é mesmo um imenso sacrário em convulsão.

Seria o lugar frequentado por "artistas de diferentes esferas sociais, e normalmente de todas as camadas em geral, se chegam e apalcam-se, mostrando uns aos outros seus dotes estéticos, quer sejam consagrados quer sejam escurecidos". O *Café São Luiz* teria a forma de uma "universidade pública", e seria um espaço composto por "gente simples e pacata e de caráter honrado e irmanal". É lá onde as mulheres passam e é a graça dos homens (JORNAL DE NATAL, 28.04.2003).

O lirismo do texto de Rodrigues Neto serve para poetizar e subjetivar o *Café São Luiz*, local portador de uma aura sagrada e cercado por espíritos de vivos e mortos. Seria o café ponto também de conhecimento, de poesia, de arte. Ao mesmo tempo em que era local para "espíritos geniais", era também local aberto para a cidade, local para todos.

Nos textos que se referem ao bairro da *Cidade Alta* e em relação à memória do *Grande Ponto*, o *Café São Luiz* é sempre citado, posicionado como herdeiro das práticas do bairro da *Cidade Alta* na primeira metade do século XX e nas décadas de 1950 e 1960. O texto de nome *A Vez da Geração das Cocadas* se refere à Praça Presidente Kennedy que até o final da década de 1960 reunia intelectuais para discutir sobre política e cinema. Era esse período o período áureo do bairro da *Cidade Alta* e de seu trecho considerado o *Grande Ponto* da cidade.

A publicação também apresenta o depoimento de antigos comerciantes do bairro como o de Valdemir Germano, fotógrafo e proprietário do Real Foto na *Rua João Pessoa*. O antigo comerciante narra os períodos áureos do bairro da *Cidade Alta*, quando seu comércio possuía número significativo de clientes e lucros, o que permitiu ao fotógrafo a aquisição de muitos bens. No período da entrevista o fotógrafo informou sobre a decadência do seu patrimônio em decorrência da diminuição da clientela. O

fotógrafo informou que assistiu e vivenciou “o apogeu e a decadência do Centro da Cidade. Aqui ainda vejo amigos antigos. Todos os dias pela manhã, e às vezes à tarde, eu e uns amigos, que também eram frequentadores do *Grande Ponto* de antigamente, nos reunimos para jogar ‘porrinha’ [espécie de jogos como palitos] ali no calçadão”.

Na mesma matéria o *Café São Luiz* ganha destaque, é apresentado como “um mini *Grande Ponto*”. De acordo com o texto, na Princesa Isabel, o lugar “ainda reúne intelectuais, jornalistas e antigos frequentadores do *Grande Ponto*”. Segundo a matéria os frequentadores do *Café São Luiz* tornaram-se por muito tempo fonte de informação para a imprensa natalense. Muitas notícias de jornais teriam saído do lugar, porém muitas se tratavam apenas de fofocas. “Apesar de ser conhecido como a boca maldita do RN, o café foi o local escolhido para a repercussão de grandes fatos da política local”. A publicação informa que dos antigos frequentadores, restaram ex-combatentes, ex-políticos e antigos jornalistas, porém, de acordo com o texto, ainda existe poesia no café. O texto finaliza com um trecho extraído do texto de José Luiz Silva, nomeado “O *Grande Ponto* existe?” (DIÁRIO, 17.07. 2005: 6).

Reafirmando o *Café São Luiz* como um representante ainda vivo do que foram as práticas concentradas no *Grande Ponto*, em 2007 o lugar foi tema para uma matéria de jornal. A publicação foi intitulada Herói da Resistência para evitar a derrocada. É com essas palavras que o texto se refere ao *Café São Luiz*, pois enquanto a derrocada do centro de Natal é anunciada, alguns estabelecimentos negam-se a fechar as portas e investem na região. Para a publicação o bairro “carrega e continuará carregando por muitos anos o status de ser o ‘*Grande Ponto*’ da cidade”. O texto informa ainda que o cenário é favorável ao fechamento de vários estabelecimentos em detrimento do conforto e da facilidade de acesso dos *Shoppings* situados na cidade. Apesar desse quadro, “alguns desses antigos negócios chegaram a estabelecer uma identidade cultural com os frequentadores tão forte que a tradição acaba superando as dificuldades do mercado moderno”, entre esses antigos estabelecimentos podemos situar o *Café São Luiz*. O *Café São Luiz* seria um local de destaque no centro da cidade, pois nele:

Se discute de tudo, mas não se briga por nada. Ambiente de pura nostalgia que testemunhou a transição do comércio da *Ribeira* para o Centro passou pela 2ª Guerra Mundial, vivenciou a ditadura militar e repercutiu a ida do homem à lua. Também presenciou o retorno da Democracia por meio da abertura política no início dos anos 80 e se rendeu aos caprichos da tecnologia da virada do milênio.

O texto ainda elabora uma pequena história do *Café São Luiz*, informando que o espaço surgiu como Posto de Degustação do café produzido na *Torreificação São Luiz* de 1937. E que apesar do fechamento da indústria no início dos anos 1990, o espaço manteve-se aberto com outro fornecedor, como o nome original e a administração nas mãos da família Veiga.

O texto anuncia a reabertura do espaço após fechamento em detrimento de uma reforma. O espaço reabriu incluindo uma tabacaria, “não deixando a desejar para qualquer café de *Shopping*”, palavras do proprietário André Ximenes.

De acordo com o texto, de segunda a sábado o lugar recebe a visita de diferentes pessoas que vão desde “intelectuais, políticos e artistas até o simples engraxate”. O movimento no local é intenso por volta das 10h, estendendo-se para as proximidades. Essa reunião de pessoas é um campo fértil para o trabalho de historiadores ou antropólogos, pois há no local a “ebulição de uma verdadeira memória viva que se forma no local”. Os principais assuntos discutidos são “política, economia e vida alheia, ou seja, fofoca”. Para a atendente Rita Cardoso que trabalha no local há 26 anos o local se constitui como uma terapia para as pessoas que vivenciaram a história da cidade. A atendente citou que existem pessoas “que vivem porque o café existe, pois é aqui que muitos preenchem o vazio da vida na companhia dos amigos de longas datas”, Rita Cardoso citou o caso de um dos frequentadores que teve infarto nos bancos do café, foi ao hospital e quando recebeu alta, antes de ir para a casa, retornou ao *Café São Luiz*, ainda que mesmo com a morte de antigos frequentadores, o espaço recebe jovens. Ela diz não conseguir ver o centro da cidade sem o *Café São Luiz*. No final do texto um dos frequentadores, o jornalista Eugênio Neto, identificou-se como o sujeito que ao enfartar e se recuperar passou primeiramente pelo local, e disse que é no lugar que “as relações sociais alcançam a plenitude” (DIÁRIO, 24.06.2007: p. 4).

Em 2009 o café teve novamente seus aspectos de reunião de idosos ressaltados pelo texto de Erta Souza, nele o *Café São Luiz* é citado como “famoso ponto de encontro da *Cidade Alta*” e como “um dos pontos mais tradicionais da capital potiguar”. Souza narra a presença cotidiana de muitos idosos que vão ao local para conversar. O texto cita diferentes frequentadores, em sua maioria aposentados. A publicação de Souza contém também o depoimento do suplente a vereador da cidade de Luiz Gomes, Gilson Rocha de 43 anos, um dos mais novos do grupo de frequentadores e que afirmou

que o público do *Café São Luiz* é eclético, por ser composto por políticos, aposentados e empresários. O texto é finalizado com um depoimento de uma psicóloga acerca dos benefícios para os idosos das conversas com indivíduos da mesma faixa etária ou de faixa etária mais baixa. O texto de 2009 mesmo tentando associar a importância do *Café São Luiz* mais ao lado terapêutico, o define como ponto tradicional da cidade e ressalta as conversas que tornam o café e seus frequentadores elementos ativos e participantes da vida da cidade, e, que por fazerem-se grupo, sentem-se importantes e ganham relevo diante da cidade (DIÁRIO 06.09.2009).

Gutenberg Costa reafirma a divulgação da imagem do café com a velhice, para ele essa associação pode levar a não frequência por parte dos jovens. Em comparação a boa parte dos frequentadores Costa possui menos idade, 50 na época em que concedeu a entrevista, em sua narrativa contou que quando iniciou a frequentar o lugar há 30 anos, o café já era local de permanência de sujeitos de “cinquenta, sessenta, setenta anos”. Costa informou não ver jovens no local, e falou:

Não sei se por discriminação não sei, mas o café normalmente é associado à velhice, uma discriminação no caso né? [...] normalmente acham que o *Café São Luiz* é coisa de velho, de idoso, é coisa de gente que vai conversar só coisa sobre o passado, [...] jovens do meu tempo da minha idade não frequentavam o café achavam e até me reclamavam: - O que é que você vai fazer ali, ali só tem velho! Ali é a velharia de Natal! Mas eu ia realmente aprender, como eu disse a você eu ia aprender com eles e aprendi muito mais do que as Universidades que eu fiz os bancos escolares (COSTA 03.03.2010).

O texto de 2007 se refere ao *Café São Luiz* como um lugar de tradição e também de nostalgia, local em que o passado é recordado por idosos aposentados que discutem também política, arte e também fofocam sobre diferentes acontecimentos. Apesar de a fofoca estar muitas vezes associada a algo negativo, quando associada ao *Café São Luiz* adquire valor de informação, ganha também contornos de humor.

O *Café São Luiz* é elaborado como detentor de um modo de sociabilidade de intelectuais e políticos que envelheceram e que passou a guardar a memória da cidade. Mas o *São Luiz* também seria importante por ter presenciado importantes mudanças da cidade e também do país, o texto inclui também a Segunda Guerra Mundial e a participação de Natal, ignorando que o espaço abriu suas portas apenas em 1953 após o término dos conflitos. A informação, porém tem o significado de associar o *Café São*

Luiz a um marco importante da história da cidade, pois o espaço deve ser reconhecido por toda Natal, através também da ampliação da ancestralidade do local.

A ampliação da ancestralidade do local, quando presente na memória de seus frequentadores, também está relacionada ao pertencimento em relação ao espaço e ao enquadramento da memória apontado por Pollak. O autor destaca que na memória, existem os acontecimentos vividos pessoalmente e os “vividos por tabela”. Esses últimos são vividos pelo grupo ou pela coletividade pelo qual as pessoas ou grupos nutrem um sentimento de pertencimento. Esses acontecimentos não contaram necessariamente com a participação dos sujeitos, porém tomam tamanho relevo no imaginário que se torna quase impossível saber se o sujeito participou ou não. É desta forma que os sujeitos podem citar acontecimentos que não estão inclusos dentro do seu espaço-tempo. De acordo com Pollak, é possível que através da “socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada” (POLLAK, 1992: 201).

O *Café São Luiz* adquiriu importância em textos jornalísticos impressos ou digitais. Estes discursos fazem com os tentáculos das representações sobre o *Café São Luiz* sejam ampliados, entrando em outras mídias. Em março de 2012, o *Café São Luiz* foi tema de outro texto jornalístico, desta vez o foco foi dado à atendente do café, Rita Cardoso, de 53 anos e que trabalha no café há 30 anos. O texto de Francisco Francerle, na primeira linha, informa que o *Grande Ponto* não é mais o mesmo, mas que o *Café São Luiz* “há 60 anos é o principal ponto de encontro de intelectuais, políticos e artistas locais”. O texto destaca que Rita tem sido testemunha de que os frequentadores do *Café São Luiz* são viciados “no cafezinho temperado com sabor de política, economia, futebol, ou simplesmente de fofoca da vida alheia”. Apesar dos novos pontos de encontro que Natal oferece como os *Shoppings* da Zona Sul, o *São Luiz* é ainda o “*Grande Ponto*” para os aposentados. O texto apresenta uma fotografia dos frequentadores do *Café São* em seus círculos de conversas, alguns em pé, outros sentados nos bancos da calçada. A imagem deseja passar ao leitor uma ideia de vitalidade do espaço.



Figura 13- Frequentadores do *Café São Luiz* em 2012. Foto de Fábio Cortez. **Fonte:** (DIÁRIO 11.03.2012).

Em meio aos sujeitos que lotam o Café, principalmente por volta das 10h da manhã, muitos sujeitos contam a “história da cidade” e comentam sobre a vida política e privada de muitos políticos. Entre os muitos frequentadores lembrados por Rita Cardoso estão o ex-governador Garibaldi Filho e a ex-governadora e ex-prefeita Wilma Maia. Rita Cardoso disse que em tempos de eleições e campanhas eleitorais os ânimos da calçada ficam acirrados e que é e foi testemunha de muitas apostas entre os frequentadores do *Café São Luiz* (DIÁRIO, 11.03.2012).

Transitando pelas representações do *Café São Luiz* que passaram a circular na cidade principalmente após a década de 1980 e estendendo-se também à primeira década do século XXI, podemos perceber certos pontos em comum. As imagens passam a ideia de um espaço de reunião e de união entre os sujeitos. Outro aspecto presente nas representações é a qualidade da clientela do café, constituída por políticos, intelectuais, jornalistas, poetas. O Café é representado como um espaço de reunião de idosos e aposentados que o veem como um espaço para confraternizar e manter suas mentes ativas. Diante desses elementos uma ideia conecta todos eles, a ideia de que esses sujeitos são autoridades para a cidade, por tratar-se de membros de elites intelectuais, econômicas e políticas e que vivenciaram períodos e acontecimentos do passado da cidade, é assim que o *Café São Luiz* adquire o formato de âncora de memória para os sujeitos e para a cidade do Natal.

3.3 - O CAFÉ SÃO LUIZ PARA OS SEUS FREQUENTADORES.

As imagens elaboradas sobre o *Café São Luiz* são sustentadas pela presença de seus frequentadores, são esses sujeitos que vivenciam o espaço em seus aspectos físicos, humanos e em degustação. Tratando-se o café de um local que se mantém ainda em atividade, as narrativas orais são de suma importância para compreender os significados atribuídos ao local por seus frequentadores ainda vivos. Podemos perceber nas narrativas muitos pontos em comum, permitindo pensar sobre posicionamentos do grupo nas palavras de um sujeito. De acordo com Ricoeur, no campo das memórias há uma relação entre o individual e o coletivo, entre o “eu” e os “outros” e postulada pela relação com os próximos que se dá pelas múltiplas formas de pertencimento. Espera-se dos próximos a aprovação do que se atesta pelas memórias, pelo narrar. Não é como campo duplo de memória individual e coletiva que a memória deve entrar no campo da história, mas como uma tríplice atribuição, a si, aos próximos e também aos outros, os distantes. A memória que narramos, possui a interferência dos grupos de pertencimento, dos grupos de convivência, essas lembranças narradas são elaborações que levam em consideração esses sujeitos. É em sua fase declarativa que a memória entra na região da linguagem, as lembranças tornam-se ditas e passam por uma autorização do narrador e de terceiros. (RICOEUR, 2007: 138-142).

Através das narrativas orais iremos compreender que as representações sobre o *Café São Luiz* causam nos sujeitos sentimentos comuns, muitos narradores concordam com elas. No entanto percebemos a pluralidade de ângulos, pois os sujeitos vivenciam o local a sua maneira, podendo inclusive transgredir as ideias que possuímos do café.

Compreendemos que trabalhando com a memória estamos lidando também com uma representação, uma imagem construída pela memória em sua fase declarativa. O “fenômeno mnemônico consiste na presença no espírito de uma coisa ausente que, além disso, não mais é, porém foi. [...] a lembrança é representação, re – (a) apresentação”, pela operação de recordação, concluída com o reconhecimento da lembrança. A lembrança pode ser compreendida como uma imagem do que foi visto adquirido, experimentado, ouvido, apreendido (RICOEUR, 2007: 199-248). Iremos perpassar as representações que os contribuintes elaboram sobre si mesmos e sobre o *Café São Luiz*.

Um dos nossos contribuintes foi Pedro Grilo, 76 anos, natalense, pintor publicitário, artístico e trovador¹³, membro da Academia de Trovas do Rio Grande do Norte, conhecido também por suas vestimentas, um longo chapéu semelhante aos mexicanos, paletó, casaca branca e um longo cajado. As pinturas artísticas de Pedro Grilo reproduzem antigas fotografias da cidade desde o início do século XX. Grilo se define como autodidata, edita também um “jornalzinho alternativo” e criou o “vinteneto”, que ele define como “soneto de vinte versos divididos em seis, seis, quatro e quatro, aí dá vinte, aí eu batizei de ‘vinteneto’”. Os poemas de Grilo tratam de aspectos sociais de acordo com o mesmo. Com o apoio da Fundação José Augusto abriu a exposição *Borratela* em 2012, composta por seus quadros que reproduzem monumentos e prédios antigos da cidade.

O contribuinte nos informou que começou a ir o *Café São Luiz* atraído pela movimentação de pessoas, sua frequência possibilitou o acerto de contratos com clientes, comerciantes que o solicitavam para pintar as fachadas. A presença no *Café São Luiz* foi tornando-se assídua por estar localizado no trajeto que fazia em direção ao Cinema Rio Grande, na *Avenida Deodoro*, remontando aos tempos de sua fundação na esquina da *Rua Princesa Isabel* com a *Rua João Pessoa*. Também relatou que antigamente ia-se ao *São Luiz* para “discutir poesia, futebol, literatura e política” o autor destacou que uma atividade praticada no lugar é o jogo de “porrinha”, ou seja, um jogo com palitos que anima o *Café São Luiz*.

Apesar das representações sobre o lugar citaram sempre o mesmo como ponto de harmonia e paz, local em que os desentendimentos inexistem, o contribuinte informou que muitos frequentadores fazem brincadeiras desagradáveis e que chegou a agredir fisicamente um amigo por motivo de tais brincadeiras. Apesar disso relatou que ambos fizeram as pazes antes do amigo ter falecido (GRILO, 11.06.2008; 12.06.2012).

Outro narrador foi Osório Almeida, 61 anos, frequenta o *Café São Luiz* há 25 anos. Almeida descreveu sua obra como não acadêmica. O escritor informou ter formado um público de leitores nos frequentadores do *Café São Luiz* e como reside no bairro da *Cidade Alta* vai ao lugar todos os dias. Sobre os habitantes do *Café São Luiz*, informou que são constituídos por “aposentado da Marinha, do Exército, da Aeronáutica, da Polícia Militar, dos Ministérios, da Universidade e algum órgão do estado e do município”, que falam sobre política, mas também sobre os escândalos

¹³ A trova é um poema de quatro versos com rimas.

divulgados pela imprensa e sobre a vida pessoal dos demais, porém Almeida ressalta que há 25 anos o café era mais um ponto de encontro para “políticos e intelectuais”. Os frequentadores teriam se modificado em detrimento da “decadência” do bairro da *Cidade Alta*, e o café experimentaria também esse declínio. Apesar disso, Osório Almeida definiu o local como “ágora grega que existia em toda cidade onde um grupo se reúne para ‘meter o pau’, para falar das autoridades, pra desabafar, é quase um birô de psicanalista, então o *Café São Luiz* é isso!”. O contribuinte ligou o lugar à ideia de “tradição”, seria ela que ligaria os habitantes ao café, eles tentariam “manter a tradição, aquela coisa sentimental de rever os amigos” (ALMEIDA, 19.12.2008).

Também conversamos com Walter Canuto, já falecido. Na época da conversa, Canuto já era muito idoso, com 84 anos. Canuto nasceu em Mossoró, era filho de músico e autodidata, nos informou também que escrevia versos. Sem precisar a data de início de frequência no *Café São Luiz* limitou-se a dizer apenas que era cliente do local quando o estabelecimento era localizado na *Rua João Pessoa*, portanto, antes de 1959. Canuto recordou o José Luiz Silva, autor do livro sobre o café, chamado pelo contribuinte como “compadre”. Sobre os frequentadores do *Café São Luiz*, Canuto apresentou um quadro variado, iriam ao café desde “o engraxate, desde a prostituta até Ministro do Supremo Tribunal Federal, Senador da República, ex-governador do estado, deputados federais, vereadores, padres, pastores”. Além dessa variedade, Canuto não deixou de citar os “médicos, [...] professores, poetas, músicos”. Em nossa conversa Canuto revelou inclusive a produção de uma música feita para o *Café São Luiz*, citou um trecho da canção em nossa conversa.

Nossa esquina é o refúgio da saudade/
 Aonde os boêmios da cidade vem cantar seus sonhos, seus
 amores/
 Entre um verso e o passado e a poesia/
 Se intercalam entre harmonias, músicos, poetas e cantores/
 Assim essa esquina se reveste do frescor agreste da jurema...

O título da composição do depoente expressa nostalgia a um modelo de sociabilidade que existiu principalmente pelo termo “saudade”. Entendemos que há um saudosismo em relação às reuniões de “músicos, poetas e cantores”. A descoberta de uma composição destinada ao *Café São Luiz*, fornecem elementos que vão de encontro com o nosso problema e com os outros relatos dos depoentes. Segundo Alessandro

Portelli, pode dar uma ideia do grau em que um ponto de vista coletivo está inserido dentro da narrativa de um indivíduo. O autor denomina elementos como “provérbios, canções, fórmulas e estereótipos” que possam estar inseridos nas narrativas de “materiais formalizados”. Esses elementos demonstram a tênue linha entre o pensamento do grupo e o indivíduo. (PORTELLI, 1997:30).

Perguntado sobre os motivos pelo qual o *Café São Luiz* possuía assíduos frequentadores, Canuto informou que apesar do preço do café ser “caríssimo”, seria “pelo hábito, porque é quase uma tradição, então nós frequentamos aqui e lá! Frequentamos aqui, mas tomamos café lá. Raramente tomamos café aqui, porque é caro! Lá é mais barato. Mas aqui tem a tradição!”, admitindo buscar por vezes outros locais para tomar o café, mas apesar disso permanecia no *São Luiz*.

Percebemos que o *Café São Luiz* possui uma frequência majoritariamente masculina, para Walter Canuto, algumas mulheres chegaram a ir ao espaço esporadicamente, mas admitiu que não é comum ver mulheres no lugar, para ele “elas estão chegando, elas ainda tem aquele medo, porque tinham umas prostitutas aí, e uns engraxates que agente não pode botar pra fora!” (CANUTO, 19.12.2008).

Também deu sua contribuição Samuel de Almeida Ataíde, paraibano, residente em Natal desde 1956. Vendeu cocada de 1957 a 1960 e depois foi trabalhar no comércio até aposentar-se em uma loja na *Rua João Pessoa*. Ataíde tinha 60 anos, e informou estar todos os dias no *Café São Luiz* “conversando com os meus amigos”. Informou frequentar o *Café São Luiz* desde 1962, para ele o “*Café São Luiz* é uma tradição!”. Ataíde destacou principalmente no café as conversas de cunho político, recordou a disputa entre Dinarte Mariz e Aluízio Alves na década de 1960, “Antigamente mesmo, todo dia havia briga, porque o povo era muito fanático no tempo de Aluízio Alves e Dinarte Mariz certo?”. O contribuinte informou que havia mais idosos frequentando o café e apontou certo declínio do *Café São Luiz* apesar de apontar que a “velha guarda do bate papo tá todos aí”. Para ele o café perdeu clientes pelo aumento do preço do café e pelo falecimento de muitos frequentadores.

Rapaz, o Café perdeu o seguinte, o *Café São Luiz* era uma potência, fazia fila para se comprar, tinha quatro garçonetes. Hoje só tem uma, mas por quê? Questão porque morreu a velha guarda certo? [...] foi morrendo muita gente da velha guarda, agente jogava muita porrinha, digamos assim, ia tomar Café de manhazinha, tinha dez pessoas, quem

perdesse a porrinha tinha que pagar dez cafés e duas águas, era assim que fazia certo? Então foi perdendo por isso (ATAÍDE, 07.08.2009).

Escritor de livros infantis, advogado e publicitário, o natalense Julio Hernesto Ramezoni foi outro contribuinte. Freqüentador do *Café São Luiz* há 40 anos, Ramezoni, na época da entrevista tinha 66 anos. O narrador esclareceu que as reuniões nunca foram programadas, eram nessas reuniões que os amigos se encontravam e a conversa rolava solta, eram “momentos terapêuticos para o dia-a-dia do trabalho”. As amizades existiam independente do café, mas “não deixava de agente conhecer outras pessoas através de amigos e assim esse círculo de amizade, a tendência era se ampliar nesses encontros né?”. O café é descrito como um espaço “democrático” ao qual até um engraxate poderia frequentá-lo, pois não há no lugar discriminação de classe. Para ele a freqüência e a movimentação do café se explica pela tradição, a “tradição né? Fez com que esse elo não se perdesse, né? No crescimento da cidade”. Tratando do crescimento da cidade e o *Café São Luiz* Ramezoni esclareceu que:

Não, veja bem, o *Café São Luiz*, é principalmente, antigamente quando Natal era mais província, era muito reduzida, vamos dizer, praticamente, a calçada do *Café São Luiz* era um ponto de convergência para as grandes figuras da cidade né? E nessas grandes tinham juizes, desembargadores, poetas, advogados, escritores né? É... os personagens que tinham um vida atuando em Natal geralmente tinham o *Café São Luiz* como um ponto de encontro para conversações e para...até porque por sinal é algo que ninguém vive sem se comunicar e isso era uma coisa muito boa para Natal. É claro que Natal cresceu e não tem mais. Natal não ta só ligada hoje ao *Café São Luiz*, mas, de qualquer maneira, o *Café São Luiz* ainda conserva essa conotação aonde é, figuras e personagens das mais diversas áreas se encontram ali para conversar e trocar ideias (RAMEZONI, 10.08.2009).

Tendo desenvolvido diferentes funções tais como jogador de futebol no final da década de 1950, cantor e compositor, Guaracy Augusto Picado, de 76 anos, é um dos habitantes do *Café São Luiz* há 30 anos. Picado evidenciou as qualidades do *Café São Luiz* enquanto ponto de encontro e difusão de notícias. O café seria um ponto de referência na cidade e no bairro da *Cidade Alta*. Para Picado, “se você quer encontrar com os amigos, é aqui. Então, não tem outro lugar não! Ainda hoje é assim. Ah, vá lá ao *Café São Luiz* às dez horas, ah, vá lá ao *Café São Luiz* às dezesseis horas”. O narrador,

da mesma forma que outros narradores, destacou a heterogeneidade dos frequentadores do *Café São Luiz*. “Aqui é povo, é tudo! É o intelectual, é o engraxate, é o que pede esmola”. Guaracy Augusto Picado vincula a ideia do *Café São Luiz* a uma Universidade, local em que pode adquirir conhecimentos, apreender através de conversas, além disso, Picado também vincula o Café ao que se compreende por *Grande Ponto*, os significados dos espaços misturam-se na narrativa do mesmo.

Dizem que isso aqui é a Universidade do *Grande Ponto*, é o *Café São Luiz*, porque você quer encontrar um amigo ou qualquer coisa [...] É um lugar que junta professores, intelectuais, políticos, tudo aqui. Muita gente. [...] Os políticos vem aqui bater papo com a gente. Os artistas quando chegam sempre, às vezes vem pra cá. É como se diz na gíria, é a faculdade da capital, do *Grande Ponto*, a faculdade do *Grande Ponto*. O *Grande Ponto* é aqui o Centro. Então aqui é que se reúnem todos os jogadores de futebol, árbitros e tantas e tantas figuras de nome também tem aparecido aqui e sempre vem. Até acho que também o presidente da República acho que já veio aqui (PICADO, 10.08.2009).

Também escritor é o narrador Mery Medeiros, 68 anos, nascido no distrito de Regomoleiro no Rio Grande do Norte, município de São Gonçalo do Amarante, mas que veio residir em Natal com sete dias de nascimento. Medeiros passou a infância e adolescência no bairro do Tirol e *Cidade Alta*. O nosso entrevistado se descreve “um amante da cidade [...] um memorialista da vida da cidade antiga”. Possui, em seu currículo dois livros publicados. O primeiro deles é *Das Evocações e dos Esquecidos*, de 1999, trata-se de um livro de memória acerca de personagens da cidade, o segundo chama-se *Lições de Democracia e Cidadania*, publicado em 2006, uma coletânea de artigos publicados nos jornais de Mossoró, no *Diário de Natal* e na *Tribuna do Norte*, o livro é descrito como contendo temáticas variadas. Faz parte da Casa do Cordel, uma entidade ligada a Cultura Popular, é membro efetivo da União Brasileira de escritores do Rio Grande do Norte, e é também sócio fundador da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins, uma entidade que possui 14 anos, e visa compartilhar e publicar textos de poetas e escritores independentes. Além da vinculação com essas entidades de caráter cultural, em 2008, candidatou-se Vereador pelo Partido Comunista do Brasil, PC do B, e é também membro da Associação Norte-Rio-Grandense de Anistiados. Aos vinte e dois anos de idade foi preso durante a Ditadura militar, cumpriu 4 anos e 6 meses de prisão em Fortaleza e em Recife por motivos de atentar contra a Segurança Nacional.

Para Mery Medeiros, frequentador do *Café São Luiz* desde a década de 1960, o lugar serve para “discussão de lutas sociais”, quando solicitamos uma explicação mais elaborada sobre isso declarou que os acontecimentos mais importantes do país, do estado e da cidade eram debatidos no café, bem como os de cunho político, dentre esses assuntos destacou “Ligas Camponesas, invasão de terras, MST, agora é um foro aberto, tem opiniões contrárias e opiniões favoráveis, então se comentava muito sobre política”. Assim como o café servia para discussões políticas, ele também atraía muitos políticos em seus comícios pela cidade. Além da política Medeiros cita práticas artísticas e culturais no local, como por exemplo, o lançamento do livro *Na Calçada do Café São Luiz* que teria ocorrido na calçada do café, e o lançamento de um dos livros de Gutenberg Costa.

O narrador, no entanto, evidencia principalmente a importância de o *Café São Luiz* ser espaço de valor para a memória da cidade. Para ele, com o “*crescimento desordenado da cidade*”, veio também o esquecimento. O *Café São Luiz* seria local de encontro de idosos, seria descrito pelo contribuinte como “*trincheira restante da vida da cidade, da resistência contra o esquecimento*”. Para ele o café é “*tradição da cidade*”, reúne poetas e boêmios que se encontram diariamente e preservam o passado. O *Café São Luiz* seria um “*ícone da vida da cidade*” e o compara a pontos de encontro que existiram como o Café Botijinha, a Sorveteria Cruzeiro, o Café Cova da Onça e o Tabuleiro da Baiana, o último na Praça Augusto Severo na *Ribeira* (MEDEIROS, 10.02.2010; 07.10.2011).

Frequentador do *Café São Luiz* há mais de 4 décadas, o funcionário público, nascido em Pau dos Ferros no Rio Grande do Norte, aposentado de 63 anos, Paulo Roberto da Silva citou outros pontos de encontro do período em que começou a frequentar o *São Luiz*. O entrevistado destacou além do *Café São Luiz*, o Café Maia na *Rua João Pessoa*. Apesar disso o *São Luiz* mantém-se com muitos frequentadores antigos, o que faz com que o café não perca sua “*tradição*”. O narrador residia na Rua Felipe Camarão na *Cidade Alta* e recordou os debates sobre política que havia no *Café São Luiz*. Para ele, esses debates esfriaram com a ditadura militar, pois durante esse período, haviam sujeitos ligados à repressão e que vigiavam essas reuniões, eram ligados ao “SNI”, *Serviço Nacional de Informações*, esse período teria sido de temor. “A repressão foi violenta, muitos intelectuais se afastaram, outros voltaram, aí com a

abertura voltou a ter essa efervescência política no período da ditadura houve verdadeiro aborto”.

Paulo Roberto da Silva informou que fez sólidas amizades no *Café São Luiz*, e disse desconhecer “um atrito no *Café São Luiz!*”. Para ele o espaço era local para comerciantes e intelectuais, mas também para sujeitos de diferentes atividades (SILVA, 12.02.2010).

O nosso nono contribuinte foi Gutenberg de Medeiros Costa, conhecido apenas como Gutenberg Costa. O entrevistado de 50 anos de idade nasceu em Natal no bairro do Alecrim. Funcionário público da Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte, Gutenberg também dedicou sua vida a escrever e pesquisar sobre o folclore do Rio Grande do Norte. É um dos mais conhecidos folcloristas da cidade, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, e da Comissão Norte-Riograndense de Folclore. É autor de livros como o *Dicionário Papa-Gerimun*, contendo expressões da cultura popular, autor do livro *Araruna* patrocinado pelo SESC-RN (Serviço Social do Comércio), grupo folclórico do Rio Grande do Norte e também autor do *Dicionário de Poetas Cordelistas*.

Costa explicou que seu interesse por assuntos culturais o levou ao *Café São Luiz*. De acordo com ele para “encontrar com pessoas ligadas ao meio literário eu teria que obviamente frequentar o *Café São Luiz* porque lá foi onde eu conheci muitas pessoas ligadas a esse meio cultural”. Gutenberg cita o nome de intelectuais da cidade que conheceu no lugar, como o jornalista, folclorista e memorialista Veríssimo de Melo. Citou também a presença de grupos, uns discutiam arte e literatura, enquanto outros discutiam política. O narrador identificava-se mais com o “o bloco cultural que eram escritores, poetas, artistas, artistas plásticos e tal e ali agente ficava conversando em torno de cultura e eles me orientavam sobre indicações bibliográficas, eles falavam de viagens, enfim era uma verdadeira, pra mim foi uma Universidade!”. Costa informa que existem poucos frequentadores do passado do café em decorrência do crescimento da cidade e do aparecimento de outros cafés em *Shoppings*, citou outros de nossos contribuintes como Pedro Grilo e Osório Almeida. Gutenberg Costa solicita uma olhar e intervenção dos órgãos ligados ao Patrimônio em relação ao *Café São Luiz*.

O café não deveria fechar deveria ser um patrimônio entendeu, deveria ter uma espécie de tombamento, uma preocupação cultural com o município, o estado, para que permanecesse aquilo ali porque é

uma grande referência cultural da cidade, é um ponto, de encontro do passado, inclusive poderia ter fotos de frequentadores do passado enfim haver uma permanência ali do tradicionalismo, da importância do café já que em Natal vários cafés do passado ninguém sabe onde existiram só resta mesmo o *Café São Luiz* no centro da *Cidade Alta*.

Tratando-se de tombamento, apesar de o lugar não ter ainda passado por intervenções de órgãos ligados ao Patrimônio Histórico do estado e na cidade, Costa tratou de registrar o espaço em textos publicados em 1999, no livro *Natal Personagens Populares*, livro em que cita diferentes frequentadores do *Café São Luiz*, “um dos locais do lançamento do livro foi no *Café São Luiz*”. O lançamento teria ocorrido em um sábado pela manhã, e contou com músicos e personalidades da política e da cultura. A inspiração para a escolha do lançamento de Costa foi José Luiz Silva que teria sido o primeiro a lançar um livro na calçada do ponto. De acordo com Costa havia muitos poetas no local, “poetas irreverentes, enfim ali eu vi discussões, ali eu vi até brigas, desafetos, enfim, eu ouvi confidências, coisas assim, enfim, tudo eu vi no *Café São Luiz*. Ouvi e vi”. Dentre esses poetas estão muitos trovadores pertencentes à Academia de Trovas do Rio Grande do Norte.



Figura 14 – Foto de lançamento de livro no *Café São Luiz*. A foto é do dia do lançamento do livro de Gutenberg Costa intitulado *Natal Personagens Populares* de 1999. A fotografia foi cedida pelo autor do livro. Ao lado Marcos Maranhão, intelectual e funcionário público, filho do ex-prefeito Djalma Maranhão; abaixo a pesquisadora Leide Câmara, professora e pesquisadora da memória da música potiguar. Ao fundo percebemos a movimentação de pessoas presentes no lançamento do livro de Costa.

Além do lançamento de livros, de acordo com Costa, havia no local espaço para comunicar e expor cartazes de lançamentos de livros, textos de jornais, convites, charges, fotografias e anúncios de missas fúnebres de frequentadores, o café “*era um ponto de referencia cultural para qualquer atividade que você fosse fazer em Natal você teria que dar conhecimento primeiramente ao Café São Luiz*”. Costa saudoso do passado informa que atualmente no local, “*lamentavelmente isso não ocorre mais*”.

As diferentes vozes elaboram imagens sobre os narradores e sobre o *Café São Luiz*. Essas narrativas permitem pensar sobre as práticas que ocorriam no café e sobre a relação do café com a cidade do Natal. Por meio dos narradores do *Café São Luiz*, podemos perceber as mudanças ocorridas na cidade do Natal da década de 1950 a 1980, eles também possibilitam refletir sobre a relação que existe entre os frequentadores, e a identidade que existe no grupo, uma identidade que tem como âncora o *Café São Luiz*.

Apesar de as narrativas se constituírem como produções do presente, elas não estão desconectadas das representações anteriores elaboradas sobre o café, e assim como essas representações, criam outras imagens e estão de acordo com um processo de investimento feito sobre o lugar. É desta forma que os narradores citam aspectos formalizados sobre o lugar como a presença de políticos e intelectuais e as características de celebração e harmonia atribuídas ao café.

Também de acordo com o trabalho de investimento sobre o espaço as narrativas demonstram conhecer e ter afinidade com o livro *Na Calçada do Café São Luiz* e com o seu organizador, como também atribuem ao café uma tradição, ou seja, seria o café detentor de um conjunto de práticas e valores que são transmitidas, reativadas e repetidas pelos sujeitos. O lugar seria espaço para a continuidade de normas de comportamento, o que confere ao café um passado, este passado reforçava a coesão grupal e projetava para os demais um aspecto de grupo.

A memória é aspecto central do *Café São Luiz*, além de ser espaço de vivência para os sujeitos, sendo elemento partícipe para suas memórias pessoais e de grupo, para alguns narradores o café possui papel importante para a memória de Natal. Nas narrativas encontramos solicitações para a intervenção de órgãos ligados ao Patrimônio. O *Café São Luiz* seria para seus frequentadores um local de valor de memória, espaço em que se reconhecem e também símbolo para a memória da Cidade do Natal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem caminha pelo bairro da *Cidade Alta* na *Rua Princesa* se depara com o *Café São Luiz* que mantém suas portas abertas. Ao observar o lugar percebemos a presença de muitos idosos que possuem vivências ligadas ao local. As rugas, os cabelos, as bengalas dão ao espaço uma senilidade que remete às experiências, ao tempo e às memórias. O *Café São Luiz* é um espaço importante para os seus frequentadores, é lá nas instalações do ponto e em sua calçada que os sujeitos passaram boa parte de seus dias. Os diferentes frequentadores citam o Café como um lugar em que podem reencontrar os amigos e reafirmar esses laços por meio de conversas sobre diferentes assuntos. Podemos compreender os frequentadores do lugar como habitantes, pois o Café para eles possui, em grande medida, a conotação de casa. Por entre os bancos os sujeitos se sentem soltos para transitar, gesticular, soltar suas vozes. As manobras expressam familiaridade com o espaço e entre os membros. São os donos da calçada.

Se abordarmos um desses habitantes ele provavelmente irá reafirmar o que já se pode perceber. Ele também irá citar nomes de outros membros e contar saudades do *Grande Ponto*, dizendo, por fim que o *São Luiz* mantém-se ainda aberto como um guerreiro que luta contra a onda de modernidade pelo qual Natal está passando. Na fala desse habitante interessa a continuidade e o afeto, para sustentar sua fala reencontrará vivências suas e também aspectos relevantes para a História da cidade e que tem relação com o ponto, situações históricas que ele jamais viveu, mas que pode contar como se tivesse. O que esse habitante sabe é o que viu e o que ouviu de outros membros ou leu sobre o local. Leu as diferentes matérias jornalistas que cantam o Café, leu o Café em livros.

A ideia de intimidade que o habitante do Café elabora em sua fala não deve iludir quem o ouve como se suas vidas estivessem longe dos olhos, ao contrário, o Café se dá a ver, as roupas que escolhem para estar no local são como um figurino próprio, como é o caso de Pedro Grilo, por exemplo, que utiliza seu imenso chapéu e seu cajado. O Café é como um palco em que seus frequentadores, como atores, desenvolvem uma encenação dando vida ao *São Luiz* que o transeunte assiste e que a cidade do Natal conhece. Essa encenação diária não visa apenas uma plateia, os frequentadores encenam

para si mesmos, acreditam no roteiro, e tornam esse movimento um elemento essencial para suas vidas.

Entre um gesto e outro, entre um silenciar, uma pausa e nas próprias palavras, um olhar mais atento sobre o local pode tornar possível vislumbrar uma superfície de algo que está encoberto. Não que tenhamos a intenção de dissecar o Café como um biólogo disseca um sapo, visualizando a crueza de seus órgãos de forma esquemática e distante. Esse olhar mais atento, é ainda lançado por nós, lançam sempre as perguntas das respostas que queremos obter, permitem uma interpretação do local e percebe-lo enquanto um processo de constante construção, um local dotado de um corpo mais profundo, de entranhas. É possível tentar vislumbrar além da fumaça e do cheiro de café, é possível tentar ver além da cortina de vozes e das xícaras. É nessa busca que iremos encontrar o momento em que o local, lugar de memória, encontra a História, pois, esse espaço eleito como âncora da memória, foi construído no tempo.

Os contornos do Café São Luiz foram delineados pela subjetividade com que diferentes sujeitos compreenderam as conjecturas de seu tempo. Nos alicerces do Café podemos encontrar não apenas os burburinhos da Natal dos anos 1950, mas as saudades do *Grande Ponto*. É com base nesses alicerces que o *Café São Luiz* emergiu em diferentes tipos de textos, em poemas, crônicas, textos jornalísticos e em imagens, foi dessa maneira que o *São Luiz* adquiriu alma e rosto.

Em busca de um *Grande Ponto* perdido, os frequentadores se refugiaram no *Café São Luiz*. Nas décadas de 1950 e 1960, o bairro da *Cidade Alta* concentrava os serviços, o comércio e o lazer da cidade, se constituiu como *centro* da cidade, era um bairro frequentado por uma elite econômica, por políticos e intelectuais, suas principais ruas e avenidas ganharam a nomenclatura *Grande Ponto*. Esse trecho era um lugar que concentrava melhoramentos em termos de infraestrutura, urbanização e local de fácil acesso de veículos. Era também solo para as sedes de instituições, consultórios médicos, lojas, clubes, cafés e bares.

Com o crescimento da cidade nas décadas de 1970 e 1980, a cidade se estendeu para outras zonas, ganhou novos bairros residenciais e adquiriu outras zonas nobres, procuradas pelas elites que passaram a frequentar e preferir a comodidade e conforto dos *Shoppings* da cidade criados a partir da década de 1980. Em consonância a esse crescimento da cidade, desde a década de 1970 o bairro da *Cidade Alta* passou a ser notícia nos jornais pelo estabelecimento de camelôs que se instalaram nas calçadas e

passaram a competir com os lojistas do bairro. Espaço de disputa, o bairro da *Cidade Alta* passou a ter sua configuração modificada, os textos descreviam o bairro como local de caos, sujeira, mendicância, pobreza, violência e utilização de entorpecentes.

Como resposta às novas configurações do bairro da *Cidade Alta*, muitos textos passaram a registrar em textos as memórias do *Grande Ponto*, enquanto alguns anunciavam sua derrocada, outros elegiam o *Café São Luiz* como âncora da memória desse período áureo do *Grande Ponto*.

Na década de 1950 o *Café São Luiz* figurava nos jornais por suas qualidades comerciais, enquanto Posto de Degustação do café produzido na *Torrefação e Moagem São Luiz*, atrelado também ao proprietário Luiz Veiga. O Café era noticiado por suas qualidades infraestruturais para atrair a clientela formada por membros de relevância social da cidade, foi por isso fundado em um ponto central, que compreendia melhoramentos urbanos e ao lado de importantes espaços comerciais e de lazer da cidade. Nas décadas de 1970 e 1980 o *Café São Luiz* superou seu nicho comercial e passou a figurar nos jornais como ponto de informação, de difusão de notícias, de reunião entre pessoas e como ponto “tradicional” da capital potiguar. O Café se tornou um lugar de memória, foi alvo de intervenções para evitar que fosse esquecido, para evitar que se esfacelasse como ocorreu com os outros estabelecimentos do *Grande Ponto*. Era necessário preservar, cuidar, difundir e fazer a manutenção da memória. Assim, assumindo a forma de resquício, o que antes era apenas uma célula do *Grande Ponto*, passou a aglutinar os significados antes destinados a zona.

Para sustentar o espaço era necessário investir em sua imagem por meio de um processo de “enquadramento de memória”, selecionando e ressaltando qualidades que deveriam ser lembradas pelos seus frequentadores. Esse trabalho de investimento significou a elaboração de um passado comum para o local, uma ancestralidade, exemplo maior foi a elaboração do livro *Na Calçada do Café São Luiz* de 1982. Fez parte desse processo de investimento também a invenção de uma tradição do *Café São Luiz*, registrando pela escrita as práticas e rituais para manter sua repetição, baseando-se também na idéia de passado, relacionando, muitas vezes o lugar aos momentos da História de Natal como a II Guerra Mundial, e o processo de reabertura política.

Nesse processo de construção do lugar é importante ressaltar que se refere aos interesses de inscrição espacial de um grupo. Os habitantes do local eram também os conhecidos frequentadores do *Grande Ponto*, ou seja, uma elite política, econômica e

intelectual. Esses sujeitos se faziam presente na zona, tornando-a caracterizada pelas discussões sobre pintura, literatura, futebol e política. Esses sujeitos tentaram associar o Café a um espaço popular, aberto ao povo, aos engraxates, ambulantes, mendigos e prostitutas da *Cidade Alta*, porém, o que podemos perceber é sua frequência elitizada. A forte presença de uma elite no Café contribuiu para a projeção de sua imagem, tendo em vista que esses sujeitos tinham acesso aos meios de informação como os jornais, e também as editoras. Além da relevância desses sujeitos, eles também se constroem enquanto elite também pela presença no *Café São Luiz*, ou seja, os sujeitos são privilegiados por serem guardiões da memória da cidade e por se reunir no Café.

Analisar a construção simbólica do *Café São Luiz* nos conduziu a uma conexão maior, com o passado da própria cidade. Essa experiência nos fez perceber que os diferentes locais que compõem uma cidade são móveis, esses se transformam pelo movimento da própria cidade na figura de seus diferentes habitantes que são portadores de suas subjetividades. É através das subjetividades que podemos perceber os aspectos humanos do tempo e é por meio da investigação dos lugares que entramos em contato com as perspectivas humanas da cidade. O espaço urbano não é um espaço homogêneo e horizontal, mas é disforme, feito de espaços verticais de relevância. Alguns espaços se destacam na geografia pelo valor atribuído a eles, compreender que esses espaços são elaborações temporais enriquece a análise da trama urbana e nos faz perceber os diferentes ângulos do passado de uma cidade.

DOCUMENTOS E BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

ADITIVO N° 11 DE 16.09.1977. PROCESSO N° 3855/77. Arquivo da Junta Comercial do Rio Grande do Norte.

ADITIVO N° 2 AO ATO DE CONSOLIDAÇÃO DATADO DE 12.10.1977. PROCESSO N° 1794/80. DATA ENTRADA 23.04.1980. Arquivo da Junta Comercial do Rio Grande do Norte.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

ALTERAÇÃO DE REGISTRO PARA AUMENTO DE CAPITAL DE FIRMA INDIVIDUAL 18.01.1945. Arquivo da Junta Comercial do Rio Grande do Norte.

ALTERAÇÃO CONTRATUAL N° 9, 14.11.1990. Arquivo da Junta Comercial do Rio Grande do Norte.

BARRETO, Emanuel. *Crônicas para Natal: as crônicas do Jornal do Dia*. Natal: RN Econômico, 2000, 118p.

BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico*. Lisboa: Martins Fontes, 1983, p. 32-169.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Grande Ponto*. In: _____. *Grande Ponto: laboratório de criatividade, contos, poesias, ensaios, depoimentos, por Luís da Câmara Cascudo e outros*. Natal: Ed. Universitária, 1981.

CÂNDIDO, Helmut. *O Grande Ponto não mais existe*. In: GARCIA, Eduardo A. de A. *Cantões, Cocadas, Grande Ponto Djalma Maranhão*. Natal: Edições Galeria do Povo, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano. vol. I*. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CISQUITO. *Café São Luiz*. In: SILVA, José Luiz. *Na Calçada do Café São Luiz*. Natal: Gráfica União, 1982.

COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente: o pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade: kosmos, 1999.

- COSTA, Gutenberg Medeiros. *Natal: personagens e populares*. Natal: RN Econômico, 1999. 212 p.
- CONTRATO SOCIAL 21.12.1957. Arquivo da Junta Comercial do Rio Grande do Norte.
- FEBVRE, Lucien. *O Reno: história, mitos e realidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- FREIRE, Dorian Jorge. O Grande Homem. In: SILVA, José Luiz. *Na Calçada do Café São Luiz*. Natal: Gráfica União, 1982.
- FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. 142p.
- GARCIA, Eduardo A. de A. Coração da cidade amada. In: _____ *Cantões, Cocadas, Grande Ponto Djalma Maranhão*. Natal: Edições Galeria do Povo, 2002.
- GURGEL, Alexandro. Faces do *Grande Ponto*. In: GARCIA, Eduardo A. de A. *Cantões, Cocadas, Grande Ponto Djalma Maranhão*. Natal: Edições Galeria do Povo, 2002.
- HARTOG, François. *Tempo e Patrimônio*. In: *Varia História*. Belo Horizonte, vol 22, n. 36, jul/dez 2006. P. 261-273
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LIMA, Pedro. Prefácio. In: PASSOS, Rubens de Souza (org.) *Natal em Perfil 1992*. Natal: (s.n.), 1992.
- LISTA TELEFÔNICA DE NATAL 1956-1957. Natal: Companhia Força e Luz Nordeste do Brasil, 1956.
- LOWY, Michel; SAYRE, Robert. *Revolta e Melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- MACEDO, Ubirajara. O *Grande Ponto* de todos os tempos. In: GARCIA, Eduardo A. de A. *Cantões, Cocadas, Grande Ponto Djalma Maranhão*. Natal: Edições Galeria do Povo, 2002.
- MACHADO, João Batista. 1960: Explosão de paixão e ódio. Natal (RN): Depto. Estadual de Imprensa, 1998.
- MARANHÃO, Djalma. *Cartas de um exilado*. Natal: Editora Clima, 1984.

MARANHÃO, Marcos. *Grande Ponto* Djalma Maranhão. In: A. de A. GARCIA, Eduardo. Cantões, Cocadas, *Grande Ponto* Djalma Maranhão. Natal: Edições Galeria do Povo, 2002.

MARINHO, Márcia Maria Fonseca. *Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque Natalense (1900 – 1930)*. Natal, 2008, 139p. (Dissertação de Mestrado).

MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. *História do Rio Grande do Norte Contemporâneo (1934-1990)*. Natal: CDF Gráfica e Editora, 2001. 142p.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

MELLO, Thiago. In: SILVA, José Luiz. *Na Calçada do Café São Luiz*. Natal: Gráfica União, 1982.

MIRANDA, João Maurício Fernandes de. *Evolução Urbana de Natal em 400 anos (1599-1999)*. Natal: Prefeitura de Natal, 1999.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História e Memórias. In: MATTOS, Marcelo Badaró (org.). *História: pensar e fazer*. Rio de Janeiro: Laboratório Dimensões da História, 1998.

MOURA JÚNIOR, Manoel Procópio de. *O Grande Ponto*. In: GARCIA, Eduardo A. de A. Cantões, Cocadas, *Grande Ponto* Djalma Maranhão. Natal: Edições Galeria do Povo, 2002.

Natal 400 anos de História, turismo e emoção, 1999.

NUNES, Raimundo. *Sociologia do Grande Ponto*. João Pessoa: A União Cia Editora, 1985.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *A cidade e a guerra: a visão das elites sobre as transformações do espaço da cidade do Natal na Segunda Guerra Mundial*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008 (Tese de Doutorado).

PASSOS, Rubens de Souza (org.) *Natal em Perfil 1992*. Natal: (s.n.), 1992.

PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu misturo com banana: Carnaval e cotidiano de guerra em Natal*. Natal, RN: EDUFRN, 2005.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. In: PROJETO HISTÓRIA (Cultura e Representação): Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: PUC. n. 14, fev. 1997. (p. 25-39).

RÊGO, Joanilo de Paula. *O Grande Ponto à meia-noite*. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Grande Ponto: laboratório de criatividade, contos, poesias, ensaios, depoimentos*, por Luís da Câmara Cascudo e outros. Natal: Ed. Universitária, 1981.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 2007

SALOM SJ, Pe. Agustin Juan Calatayud y. *Grande Ponto?* In: GARCIA, Eduardo A. de A. *Cantões, Cocadas, Grande Ponto Djalma Maranhão*. Natal: Edições Galeria do Povo, 2002.

SÁ, Marcos Aurélio de. Natal – uma visão econômica da cidade. In: MACEDO, Paulo (org.). *Memória Contemporânea*. Natal: Editora Itinerário, 1979. 118p.

SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SERRÃO, Franklin. *O Grande Ponto do amanhã*. In: GARCIA, Eduardo A. de A. *Cantões, Cocadas, Grande Ponto Djalma Maranhão*. Natal: Edições Galeria do Povo, 2002.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SESCSP. Xico Santeiro. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/paisagem0/pesquisa_ver.cfm?ItmId=947. Acesso em 20.07. 2012.

SILVA, José Luiz. *Na Calçada do Café São Luiz*. Natal: Gráfica União, 1982.

SODRÉ, Leonardo. Um ponto que era grande In: GARCIA, Eduardo A. de A. *Cantões, Cocadas, Grande Ponto Djalma Maranhão*. Natal: Edições Galeria do Povo, 2002.

SOUZA, Itamar de. *Nova História de Natal*. 2 ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008. 800p.

SOUZA, Raquel Alves. Fatos da minha memória In: GARCIA, Eduardo A. de A. *Cantões, Cocadas, Grande Ponto Djalma Maranhão*. Natal: Edições Galeria do Povo, 2002.

VIDAL, Casciano. O espírito de Natal. In: GARCIA, Eduardo A. de A. *Cantões, Cocadas, Grande Ponto Djalma Maranhão*. Natal: Edições Galeria do Povo, 2002.

VIVEIROS, Paulo Pinheiro. *História da aviação no Rio Grande do Norte*. Natal – RN: EDUFRN, 2008.

JORNAIS

A REPÚBLICA, Natal, Quarta-feira, 17 de agosto de 1921, ano XXXIII, nº 174, p. 1.

A REPÚBLICA, Natal, 07 de outubro de 1922, ano XXXIV, nº221, p. 1

A REPÚBLICA, quarta-feira, 19.02.1936, ano XLVIII, n. 1532, p. 8.

A REPÚBLICA, domingo, 22.03.1936, ano XLVIII, n. 1558, p. 6.

A REPÚBLICA, terça-feira, 31.03.1936, ano XLVIII, n. 1565, p. 8.

A REPÚBLICA, terça-feira, 03.01.1950, ano LXI, n. 1, p. 5.

A REPÚBLICA, sexta-feira, 13.01.1950, ano LXI, n. 9, p. 5.

A REPÚBLICA, terça-feira, 17.01.1950, ano LXI, n. 12, p. 6.

A REPÚBLICA, terça-feira, 28.03. 1950, ano LXI, n. 70, p. 6.

A REPÚBLICA, terça-feira, 14.03.1950, ano LXI, n. 58, p. 5.

A REPÚBLICA, sábado, 11.03.1950, ano LXI, n. 56, p. 6.

A REPÚBLICA. Quarta-feira, 12.04.1950, ano LXI, n. 81, p. 1.

A REPÚBLICA, domingo, 23.04.1950, p. 3.

A REPÚBLICA, quinta-feira, 27.04.1950, ano LXI, n. 94, p. 2.

A REPÚBLICA, terça-feira, 09.05.1950, ano LXI, n. 103, p. 6.

A REPÚBLICA, sábado, 13.05. 1950, ano LXI, n. 107, p.2.

A REPÚBLICA, domingo, 21.05.1950, ano LXI, n. 113, p. 8.

A REPÚBLICA, quarta-feira, 31.05.1950, ano LXI, n. 121, p. 6

A REPÚBLICA, quinta-feira, 01.06.1950, ano LXI, n. 122, p. 7.

A REPÚBLICA. Quinta-feira, 08.06.1950, ano LXI, n.131, p. 2.

- A REPÚBLICA. Terça-feira, 13.06.1950, ano LXI, n. 134, p. 3
- A REPÚBLICA. Quarta-feira, 07.06.1950, ano LXI, n. 130, p. 3.
- A REPÚBLICA. Quinta-feira, 15.06.1950, ano LXI, n. 136, p. 3.
- A REPÚBLICA, sexta-feira, 12.05.1950, ano LXI, n. 106, p. 6.
- A REPÚBLICA. Quarta-feira, 14.06.1950, ano LXI, n. 135, p. 2.
- A REPÚBLICA. Quinta-feira, 15.06.1950, ano LXI, n.136, p.6.
- A REPÚBLICA. Quinta-feira, 22.06.1950, ano LXI, n. 142, p. 2.
- A REPÚBLICA, Natal, 01 de julho de 1956, ano LXVII, nº 01, p. 8.
- A REPÚBLICA, Natal, 05 de outubro de 1957, ano LXVIII, nº 80, p. 4.
- A REPÚBLICA, Natal, 01 de novembro de 1957, ano LXVIII, nº 102, p. 4.
- A REPÚBLICA, Natal, Sábado, 18 de janeiro de 1958, ano LXVIII, nº 162, p. 4.
- A REPÚBLICA, Natal, Terça - feira, 04 de março de 1958, ano LXVIII, nº 194, p. 4.
- A REPÚBLICA, Natal, Quarta – feira, 05 de março de 1958, ano LXVIII, nº 195, p. 4.
- A REPÚBLICA, Natal, Quarta – feira 01 de julho de 1959, ano. LXIX, nº 274, p.3.
- A REPÚBLICA, Natal, Domingo 08 de março de 1959, ano. LXIX, nº 185, p.4.
- A REPÚBLICA, Natal, Quinta – feira 12 de março de 1959, ano. LXIX, nº 189, p.4.
- A REPÚBLICA, Natal, Quarta – feira 18 de março de 1959, ano. LXIX, nº 194, p.3.
- A REPÚBLICA, domingo, 21.05.1950, ano LXI, n. 113, p. 8.
- BANDO. 01. 1949. In: SILVA, José Luiz. Na Calçada do *Café São Luiz*. Natal: Gráfica União, 1982.
- DIÁRIO DE NATAL, Natal, Segunda-feira, 02 de fevereiro de 1953, ano XII, nº3.144, p. 08.
- DIÁRIO DE NATAL, Natal, Terça-feira, 03 de fevereiro de 1953, ano XII, nº3.145, p. 02.
- DIÁRIO DE NATAL, sexta-feira, 09.12.1977, ano XXXVII, n. 10.469, p. 14.
- DIÁRIO DE NATAL, quarta-feira, 06.04.1983, ano XLIII, n. 63, p. 8

DIÁRIO DE NATAL, sexta-feira, 17.06.1983, ano XLIII, n. 112, p. 8

DIÁRIO DE NATAL, sábado, 25.06.1983, ano XLIII, n. 118, p. 1.

DIÁRIO DE NATAL, quinta-feira, 02.06.1983, ano XLIII, n. 102, p. 6.

DIÁRIO DE NATAL, sábado, 15.10.1983, ano XLIV, n. 196, p. 5.

DIÁRIO DE NATAL, quinta-feira, 03.01.1985, ano XLVI, n. 02, p. 4.

DIÁRIO DE NATAL, sábado, 05.01.1985, ano XLVI, n. 04, p. 5.

DIÁRIO DE NATAL, quarta-feira, 09.10.1985, ano XLVII, n. 197, p. 3.

DIÁRIO DE NATAL, quarta-feira, 30.10.1985, ano XLVII, n. 211, p. 7.

DIÁRIO DE NATAL, quinta-feira, 19.12.1985, ano XLVII, n. 224, p. 1.

DIÁRIO DE NATAL, 17.07.2005. Domingo, p. 6. Acesso em: <<http://pesquisa.dnonline.com.br/document/?view=8622>. Acesso em 17.07.2010.

DIÁRIO DE NATAL, 24.06.2007, DOMINGO. P. 4.

DIÁRIO DE NATAL. 06.09.2009, domingo. Disponível em: <http://www.diariodenatal.com.br/2009/09/06/cidades5_0.php> Acesso em 17.09.2011.

DIÁRIO DE NATAL. *Morre o jornalista Eugênio Neto*. Texto de Luan Xavier. Sexta-feira, 01. 10. 2010.

DIÁRIO, 11.03.2012. Disponível em:

<http://www.diariodenatal.com.br/2012/03/11/cidades6_0.php>. Acesso em 11.09.2012

JORNAL DE NATAL, segunda-feira, 28.04.2003.

O POTI, domingo, 03.07.1983, ano XXVIII, n. 26, p. 8.

O POTI, domingo, 09.01.1983, ano XXVI, n. 2.446, p. 5.

O POTI, domingo, 25.09.1983, ano XXVIII, n. 38, suplemento, p. 6.

O POTI, domingo, 09.10.1983, ano XXVIII, n. 40, p. 5.

O POTI, domingo, 20.01.1985, ano XXXI, n. 03, p. 4.

O POTI, domingo, 27.01.1985, ano XXXI, n. 04, p. 7.

O POTI, domingo, 14.04.1985, ano XXXI, n. 15, suplemento, p. 8.

O POTI, domingo, 18.08.1985, ano XXXI, n. 32, p. 1.

TRIBUNA DO NORTE, domingo, 28.10.1951, ano II, n. 465, p. 6.

TRIBUNA DO NORTE, 29.12.1951, ano II, n. 511, p. 4.

TRIBUNA DO NORTE, quinta-feira, 13.09.1951, ano II, n. 429, p. 2.

TRIBUNA DO NORTE, domingo, 16.09.1951, ano II, n. 431, p. 2.

TRIBUNA DO NORTE, quinta-feira, 04.10.1951, ano II, n. 445, p. 2.

TRIBUNA DO NORTE, sexta-feira, 12.10.1951, ano II, n. 451, p. 2.

TRIBUNA DO NORTE, sexta-feira, 19.10.1951, ano II, n. 457, p. 4.

TRIBUNA DO NORTE, 22.12.1951, ano II, n. 507, p. 2.

TRIBUNA DO NORTE, 23.12.1951, ano II, n. 508, p. 5.

TRIBUNA DO NORTE, 28.12.1951, ano II, n. 510, p. 5.

TRIBUNA DO NORTE, sexta-feira, 31.10.1952, ano III, n. 749, p. 3.

TRIBUNA DO NORTE, quarta-feira, 06.07.1955, ano V, n. 1499, p. 5.

TRIBUNA DO NORTE, 08.12.1982, QUARTA-FEIRA, ANO 32, N. 897, p. 10.

TRIBUNA DO NORTE, domingo, 06.03.1983, ano 32, n. 967, p. 1.

TRIBUNA DO NORTE, domingo, 06.03.1983, ano 32, n. 967, p. 5.

TRIBUNA DO NORTE, sábado, 12.01.1985, ano XXXIV, n. 010, p. 4.

TRIBUNA DO NORTE, sábado, 12.01.1985, ano XXXIV, n. 010, p. 5.

TRIBUNA DO NORTE, quinta-feira, 17.01.1985, ano XXXIV, n. 014, p. 5.

TRIBUNA DO NORTE, terça-feira, 22.01.1985, ano XXXIV, n. 018, p. 4.

TRIBUNA DO NORTE, 01.02.1985, sexta-feira, ano XXXIV, n. 027, p. 4.

TRIBUNA DO NORTE, 28.02.1985, ano XXXIV, n. 048, p. 2.

TRIBUNA DO NORTE, sexta-feira, 01.03.1985, ano XXXIV, n. 049, p. 2.

TRIBUNA DO NORTE, 18.04.1985, quinta-feira, ano XXXVI, n. 89, p. 4.

TRIBUNA DO NORTE, domingo, 19.05.1985, ano XXXVI, n. 116, caderno de domingo, p. 1.

TRIBUNA DO NORTE, domingo, 11.08.1985, ano XXXIV, n. 187. Caderno de domingo, p. 2.

TRIBUNA DO NORTE, terça-feira, 01.07.1986, ano XXXVII, n. 82, p. 4.

TRIBUNA DO NORTE. Disponível em:

< <http://tribunadonorte.com.br/noticia/saudosismo-nas-redes/213410>>. Acesso em 15.03.2012.

ENTREVISTAS

ALMEIDA, Osório. Entrevista. Natal, 19.12.2008.

ATAÍDE, Samuel de Almeida. Entrevista. Natal, 07.08.2009.

CANUTO, Walter. Entrevista. Natal, 19.12.2008.

RAMEZONI, Julio Hernesto. Entrevista. Natal, 10.08.2009.

COSTA, Gutenberg Medeiros. Entrevista. Natal, 03. 03. 2010.

GRILO, Pedro. Entrevista. Natal, 11.06.2008.

_____. Entrevista. Natal, 12.06.2012.

MEDEIROS, Mery. Entrevista. Natal, 10.02.2010.

_____. Entrevista. Natal, 07.10.2011.

PICADO, Guaracy Augusto. Entrevista. Natal ,10.08.2009.

SILVA, Paulo Roberto da. Entrevista. Natal, 12.02.2010.